

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

**O CINEMA COMO INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL PARA
CONSERVAÇÃO DA ÁGUA**

FLÁVIA REGINA MARIA

SÃO CARLOS - SP
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

**O CINEMA COMO INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL PARA
CONSERVAÇÃO DA ÁGUA**

FLÁVIA REGINA MARIA

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Ciências
Ambientais da Universidade Federal de
São Carlos, como parte dos requisitos
de qualificação para a obtenção do
título de Mestre em Ciências
Ambientais**

**Orientação: Prof. Dr. Frederico Yuri
Hanai**

**São Carlos – SP
2017**

Maria, Flávia Regina

O CINEMA COMO INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO
AMBIENTAL PARA CONSERVAÇÃO DA ÁGUA / Flávia Regina Maria. --
2017.

134 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São
Carlos, São Carlos

Orientador: Prof. Dr. Frederico Yuri Hanai

Banca examinadora: Prof. Dr. Frederico Yuri Hanai, Profa. Dra.
Dufcelaine Lucia Lopes, Prof Dr. Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril
Bibliografia

1. Percepção e Sensibilização Ambiental. 2. Cinema Ambiental.
Conservação da Água. 3. Conservação da Água. I. Orientador. II.
Universidade Federal de São Carlos. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Flávia Regina Maria. realizada em 22/08/2017:

Prof. Dr. Frederico Yuri Hanai
UFSCar

Profa. Dra. Dufcelaine Lucia Lopes
FAO

Prof Dr. Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril
UnB

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação à distância do membro Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril e, depois das arguições e deliberações realizadas, o participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa da aluna Flávia Regina Maria.

Prof. Dr. Frederico Yuri Hanai
Presidente da Comissão Examinadora
UFSCar

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que resume a conclusão dessa dissertação de mestrado. imensamente grata à todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte dessa minha caminhada durante a pós-graduação.

Em primeiro lugar, sou grata a meus pais, Pedro e Sônia, pelo apoio e compreensão durante todo o processo do mestrado, entendendo muitas vezes a minha ausência em momentos importantes e me dando todo o suporte necessário para que eu não desistisse, sobretudo, amor e carinho.

Pelo mesmo motivo, sou grata à minha irmã Cristina, mais do que minha irmã, ela é meu porto seguro, minha inspiração, quem me incentivou a seguir nos estudos e sempre me apoia em minhas decisões.

Ao meu orientador, professor Frederico Yuri Hanai, gratidão pela compreensão, paciência e contribuições nesse trabalho.

Aos professores do Departamento de Ciências Ambientais que formaram a banca da minha aula de qualificação, Haydée Torres de Oliveira, Juliano Costa Gonçalves e o professor Rodolfo Antônio de Figueiredo, que também contribuiu na banca de qualificação do trabalho escrito, juntamente com Alexandre Harlei Ferrari e Dulcelaine Lucia Lopes Nishikawa, gratidão pelas contribuições.

Muita gratidão ao Vinícius, secretário do Departamento de Ciências Ambientais, pela prontidão em auxiliar em minhas dúvidas.

E imensa gratidão a todos os meus amigos e amigas de infância, da faculdade, enfim, da vida, pessoas importantes que estiveram ao meu lado e me apoiaram nesse momento da minha vida e que vou levar no meu coração para sempre.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

(Madre Teresa)

RESUMO

O cinema pode ser utilizado para muitas finalidades atualmente, como: entreter, educar e também como importante instrumento capaz de difundir conhecimento, provocando reflexões sobre temas relevantes, como a questão da água, sua escassez e a necessidade de sua conservação e preservação. Nesse âmbito, o objetivo da pesquisa foi analisar a influência do cinema ambiental como meio de percepção ambiental e seu impacto sensibilizador nos indivíduos para a conservação da água. A pesquisa de caráter exploratório apresenta resultados obtidos por dados primários, envolvendo a seleção de voluntários; uma pré-seleção de filmes abordando a temática água para compor uma lista; a escolha de quatro filmes desta lista para a apreciação dos participantes; a caracterização, descrição, interpretação e breve análise dos filmes selecionados para a pesquisa; e a aplicação de questionários, sendo um preliminar sobre percepção com relação à água, e um conclusivo sobre o impacto sensibilizador dos filmes. Já os dados secundários da pesquisa, foram obtidos por meio do levantamento bibliográfico e leitura do material sobre o tema água; cinema ambiental; cinema e água; conservação e preservação da água; e percepção e sensibilização ambiental. Os resultados encontrados foram positivos para a utilização do cinema como instrumento sensibilizador, despertando nos participantes maior reflexão sobre os usos da água e sua importância para a manutenção da vida.

Palavras-chave: Percepção e Sensibilização Ambiental. Cinema Ambiental. Conservação da Água.

ABSTRACT

Cinema can be used for many purposes nowadays, such as: entertaining, educating and also as an important device able of spreading knowledge, provoking reflections on relevant themes, such as the water issue, its scarcity and the need for its conservation and preservation. In this context, the objective of the research was to analyze the influence of environmental cinema as a means of environmental perception and its sensitizing impact on individuals for water conservation. The exploratory research presents results obtained by primary data, involving the selection of volunteers; a pre-selection of films addressing the water theme to compose a list; the selection of four films from this list for the consideration of the participants; the characterization, description, interpretation and brief analysis of the films selected for the research; and the application of questionnaires, being a preliminary on perception with respect to water, and a conclusive about the sensitizing impact of the films. The secondary data of the research were obtained by means of a bibliographical survey and reading of the material on the theme water; environmental film; cinema and water; conservation and preservation of water; and environmental perception and awareness. The results obtained were positive for the use of cinema as a sensitizing instrument, awakening in the participants a greater reflection on the uses of water and its importance for the maintenance of life.

Keywords: Environmental Perception and Awareness. Environmental Cinema. Conservation of Water.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grande Sintagmática	69
Figura 2 - Fichas dos filmes: Conflito das Águas e Um Mundo Sedento	94
Figura 3 - Fichas dos filmes: Rango e Abuela Grillo	95
Figura 4 - Grau de conhecimento sobre a água	100
Figura 5 - Grau de apreciação dos filmes	102
Figura 6 - Grau de conhecimento sobre a água (pós filmes)	104
Figura 7 - Grau de contribuição dos filmes na percepção para conservação da água	105
Figura 8 - Temas centrais do filme Conflito das Águas	105
Figura 9 - Temas centrais do filme Um Mundo Sedento	106
Figura 10 - Temas centrais do filme Rango	106
Figura 11 - Temas centrais do filme Abuela Grillo	107

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Cineduc - Cinema e Educação

CineEco Seia - Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente

EA – Educação Ambiental

ECO-92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento

ECOCINE - Festival Internacional de Cinema Ambiental e Direitos Humanos

FICA - Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCE - Instituto Nacional do Cinema Educativo

ONG – Organização não governamental

ONU- Organização das Nações Unidas

SUMA - Educação e Sensibilização Ambiental

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	12
OBJETIVOS DA PESQUISA	18
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	18
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	27
CAPÍTULO I – PRESERVACIONISMO E CONSERVACIONISMO: AS CONTRIBUIÇÕES DAS CORRENTES DE PENSAMENTO NAS ABORDAGENS SOBRE A TEMÁTICA ÁGUA.....	28
CAPÍTULO II - O CINEMA AMBIENTAL RETRATANDO A ÁGUA.....	43
CAPÍTULO III - A SIGNIFICAÇÃO NO CINEMA: ANÁLISE FÍLMICA DE QUATRO OBRAS RELACIONADAS À TEMÁTICA ÁGUA.....	62
CAPÍTULO IV – O CINEMA COMO MEIO DE PERCEPÇÃO E INSTRUMENTO PARA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
REFERÊNCIAS DE FILMES.....	125
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	127
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS PRELIMINAR E CONCLUSIVO.....	128
APÊNDICE C – LISTA DE FILMES COM A TEMÁTICA ÁGUA.....	132

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A degradação ambiental atingiu seu ápice nas últimas décadas devido ao demasiado crescimento populacional, que gerou uma urbanização sem muitos planejamentos, e com isso, o ambiente natural tem sido prejudicado, explorado ao extremo e cedendo lugar às grandes construções.

No campo da ecologia e da sociologia, essa crise ambiental por muito pode ser considerada como sendo na verdade, uma crise de ordem racional (pensamento e entendimento) acerca do ser humano e tudo mais, assim como a questionamentos voltados à ciência e à razão atreladas à tecnologia que tem dominado a natureza e facultado de valor econômico o mundo todo (LEFF, 2007).

Nesse contexto, se destacam os problemas gerados pela iminência de uma escassez de água, tendo em vista que as reservas de água doce (apropriadas para consumo), estão distribuídas de forma desigual no planeta. Desta forma, enquanto algumas regiões possuem grandes quantidades de água pela precipitação ou escoamento dos rios, outras são extremamente áridas. Nessa conta também se deve incluir os fatores humanos como: a densidade populacional, o intenso desenvolvimento industrial e as práticas inadequadas de gestão dos recursos (LEHR; KEELEY, 2005).

É preciso lembrar que a água tem um papel fundamental, pois sua escassez ou abundância pode escrever a história, criar culturas e hábitos, determinar a ocupação de territórios, e até mesmo, extinguir e dar vida às espécies, determinando o futuro de gerações. Sem ela, nosso planeta não teria se transformado em ambiente apropriado para a vida. A visão que se tem da água como um recurso hídrico e não como um bem natural, indispensável à existência humana e de todas as outras espécies, utilizando-a sem a preocupação quanto à sua quantidade e qualidade precisa ser revista (BACCI; PATACA, 2008).

Essa maneira de viver e consumir de forma insaciável e a falta de preocupação com o outro, e com o futuro das próximas gerações, faz surgir cada vez mais crises que necessitam ser superadas constantemente (BRANDÃO; LIMA, 2002).

As crises relacionadas às águas ocorrem não apenas no âmbito governamental, mas também no social, nos usos que são feitos desse recurso, na falta de cuidado com sua conservação e preservação, e que acabam por ocasionar problemas de ordem não somente ambiental, mas também social, político e econômico.

Um dos principais debates da atualidade relacionado à governança dos recursos hídricos, ou seja, à água valorada para consumo, é a maior participação de novos atores sociais nas políticas públicas nesse sentido. Essa participação seria ampliada por meio de uma dimensão técnica da gestão da água caminhando ao encontro de uma dimensão envolvendo questões sobre os múltiplos usos e formas de apropriação da água, levando governos a se preocuparem mais com uma forma sustentável de ver e lidar com as águas. Portanto, nesse cenário torna-se fundamental a adoção de uma estratégia de gestão integrada e participativa, considerando não apenas os conflitos envolvidos nos usos múltiplos, mas também sendo capaz de estabelecer prioridades de uso deste recurso tão importante que é a água (FRACALANZA; JACOB; EÇA, 2013).

A participação das populações nos processos de tomada de decisão acaba criando o conceito de aprendizagem social, abrindo um espaço onde se desenvolvem processos de articulação de ações que tem como ponto principal a noção de aprender em conjunto, para tomar decisões e aperfeiçoar a gestão das águas. Sendo assim, a ideia desse aprendizado se constrói de maneira que todos conheçam o contexto e as condições de governança, para poderem intervir conjuntamente nas decisões relacionadas às bacias hidrográficas, possibilitando o aprendizado social (JACOBI, 2011).

Essa maneira de governar, associada com outras ações de cunho educacional, pode gerar nos indivíduos um sentimento ético com relação à água, pois trabalha a percepção desses indivíduos a respeito da gestão e do uso sustentável do recurso, assim como, de uma corresponsabilidade e cooperação pela água (MUÑOZ, 2014).

Atualmente, um dos fatores que mais tem causado preocupação no tocante às águas, são as alterações climáticas, que atuam diretamente no ciclo hidrológico e também na quantidade e qualidade do recurso. Tais alterações geram inúmeras mudanças na disponibilidade de água e conseqüentemente, na saúde da população humana.

Levando em consideração as alterações diversas em continentes e regiões, os problemas que podem ocorrer são: 1) extremos hidrológicos – que acontecem em diferentes continentes e regiões, afetando as populações humanas em razão de desastres (enchentes, deslizamentos, transbordamentos nas várzeas) ou secas intensas (aumento na semi-aridez e aridez), esses fatores comprometem a saúde humana e a segurança alimentar causando impactos nas áreas urbanas. 2) contaminação – estudos desenvolvidos em muitas localidades apontam para um aumento acentuado de contaminação agravado por salinização (acúmulo de sais minerais) e descontrole nos usos do solo, prejudicando-o; também os processos de

eutrofização (alto número de nutrientes que acumulam matéria orgânica em decomposição) de águas superficiais (rios, lagos e represas) deverá aumentar em razão do aumento da temperatura da água e da resistência térmica à circulação. 3) E por último, problemas de ordem econômica (regionais e nacionais) relacionados à água (TUNDISI, 2008).

Acerca dos problemas gerados pela falta de cuidado no uso diário da água, se destaca a visão utilitarista que o ser humano possui do recurso, utilizando-o como um bem inesgotável, de forma equivocada. Muito embora seja notada uma mudança nesse pensamento a partir do final do século XX, tanto nas gestões, quanto nos usos pelas populações, ainda há muito o que se fazer mais para que haja uma transformação de fato na relação do ser humano com a água (LEHR; KEELEY, 2005).

Desta forma, é necessário buscar entendimento por meio da educação para uma utilização pautada na sustentabilidade, para que outras gerações também possam ter um planeta saudável. Nesse sentido, a percepção e sensibilização para o meio natural podem ser um caminho para essas mudanças.

Os estudos sobre percepção surgiram no campo da psicologia, por estar relacionada com o cognitivo dos sujeitos, porém, sua exploração em outros campos levou a um maior entendimento da sua importância, principalmente nas questões ambientais.

A percepção é acionada de acordo com as experiências de vida dos indivíduos, se tornando fundamental no processo de obtenção do conhecimento, desenvolvendo a mente e o discernimento para as coisas, ou seja, nos processos psicológicos, a história de vida e a apreensão da realidade são dimensões que devem ser levadas em conta na trajetória da construção do pensamento do ser humano (CAVALCANTE, 2014).

Ao se trabalhar com a percepção do meio natural, não é diferente, pois, as respostas de cunho ambiental que os sujeitos possuem, são motivadas pelas interpretações que eles são aptos de realizarem por meio de suas percepções, expectativas, intenções, entre outras coisas (MACHADO, 1999).

Desta forma, a análise da percepção ambiental se torna reveladora no que concerne ao real sentido de inserção do ser humano no seu ambiente, pois somente a redescoberta do seu modo de viver e se relacionar com a natureza e comunidade podem amparar uma postura crítica e proativa, capaz de gerar o comprometimento das pessoas (MARIN, 2008).

Além da percepção ambiental, a sensibilização também é muito importante no processo de transformação do pensamento humano. A sensibilização ambiental surge atrelada à educação ambiental (EA), que por sua vez, nasce de um desejo de despertar nos seres

humanos a percepção do meio natural de maneira que a preocupação em seu cuidado seja capaz de reunir o entendimento e a intervenção de todos os setores da sociedade, repensando um novo modelo para ela, onde a preocupação e a conservação dos recursos naturais sejam compatíveis com o bem estar socioeconômico da população (ABÍLIO, 2008).

A EA, seja crítica ou conservadora, ou até mesmo seguindo uma vertente mais técnica propõe, antes de tudo, abordar questões políticas envolvendo valores, interesses e concepções de mundo que se diferem, portanto, essa educação para o meio ambiente é importante para que os indivíduos possam explorar os aspectos políticos e também éticos que amparam as propostas educativas praticadas ao longo da vida dos seres humanos no âmbito sociocultural (LIMA, 1999).

Contudo, o ato de sensibilizar pode ser descrito como o despertar de sentimentos e emoções, e neste processo as mudanças de atitudes acontecem naturalmente. Segundo Morin (2003) ensinar a viver necessita, além dos conhecimentos, uma transformação no próprio ser mental, tanto do conhecimento adquirido em sapiência (saber e ciência), quanto da incorporação dessa sapiência para toda a vida.

Sendo assim, para que a sensibilização seja despertada, é necessário que se proponha uma mudança de pensamento para que haja também mudanças nas atitudes, é um processo que deve incluir uma carga de ensinamentos e informações que cheguem às pessoas de forma elucidativa, provocando seus sentidos (CAVALCANTE, 2014).

Todavia, o despertar da percepção e da sensibilização ambiental podem ocorrer de várias formas e por meio de diferentes caminhos. Um desses caminhos, podem ser os meios de comunicação, sobretudo, o cinema abordando questões ambientais.

O advento dos meios de comunicação de massa que ocorreu inicialmente por meio dos materiais impressos, e logo depois, com o surgimento do cinema, do rádio e da televisão, despontaram como instrumentos de disseminação de informação, revolucionando a maneira como essa informação chegava para um número de pessoas cada vez maior (COMPARATO, 2001).

As diferentes técnicas de comunicação puderam proporcionar mudanças em todo o meio, e na forma como as pessoas enxergavam o mundo, ou seja, acabou modificando a representação do mundo que se tinha (LÉVY, 1993). O que foi muito importante, pois até a década de 1940, o conceito de informação se ligava ao ato de informar, mais como uma moldagem, um ensinamento (WURMAN, 1991).

Aos poucos, os veículos de comunicação em massa começaram a ser utilizados não somente para essa informação “moldada”, mas também como forma de levar os sujeitos a pensarem sobre os problemas ambientais cada vez mais aparentes.

Assim, o cinema ambiental surge inicialmente influenciado pela comunicação de cunho ambiental. O termo “Comunicação Ambiental” (Environmental Communication) foi utilizado pela primeira vez em 1969, em um artigo publicado na edição inaugural do *Journal of Environmental Education* (JURIN; ROUSH; DANTER, 2010), esse tipo de comunicação se propunha a utilizar suas mídias para alertar cidadãos acerca dos temas ambientais e os problemas gerados pela falta de cuidados com a natureza, bem como motivá-los na busca por soluções.

Mas no decorrer do tempo, essa visão de alertar não alcançou exatamente os resultados desejados, ou seja, suscitar uma preocupação com a conservação do meio natural nos indivíduos. Atualmente, a prática da comunicação ambiental caminha juntamente com os acontecimentos catastróficos relacionados aos problemas ambientais, noticiando sobretudo as tragédias ocorridas, não gerando assim, debates mais profundos, nem por parte da esfera pública, e nem por parte das populações. Outro fato importante da atual comunicação ambiental também, é saber como os indivíduos estão lidando com essas informações divulgadas, ou como os novos atores (jornalistas, ambientalistas, entre outros) tem trabalhado a questão ambiental (AGUIAR; CERQUEIRA, 2012).

Desta forma, os meios de comunicação ao transmitir mensagens de cunho esclarecedor com relação ao meio natural, devem ao mesmo tempo, se portar como instrumento de sensibilização, despertando atitudes e reflexões capazes de promover mudanças não somente relacionadas à educação, mas também na sociedade em geral e que ainda promova uma relação mais forte com o planeta (VIANA; DAMASCENO, 2011).

Atualmente, os meios de comunicação são utilizados em grande escala não somente para difundir informação, mas também conhecimento, isso se deve ao seu caráter popular, que consegue atingir uma grande quantidade de pessoas ao mesmo tempo.

Nesse cenário, um dos meios de comunicação que tem se mostrado nas últimas décadas como um importante instrumento capaz de provocar a curiosidade das pessoas em saber mais sobre o que é retratado nele, é o cinema. Mesmo explorando o fictício, o cinema desperta essa curiosidade, pois ele é capaz de suscitar uma discussão crítica da realidade. Sendo assim, a retratação de temas ambientais no cinema, como por exemplo, a conservação e

preservação da água, podem se fixar no espectador tanto quanto essa informação se fixaria durante o processo educacional (VIEIRA; ROSSO, 2011).

Quando os sujeitos tomam contato com um filme, em um primeiro momento o que ocorre é um entendimento que permite a compreensão da trama, o significado produzido por esse filme não ocorre de forma imediata, é só, a partir desse entendimento que haverá uma reorganização e ressignificação, produzidas por meio do seu compartilhamento com outros espectadores (LUVIELMO; LEIVAS, 2009).

Desta forma, pode se dizer que a contemplação da arte cinematográfica, assim como de outras artes, está associada à percepção óptica, ou seja, a que é apreendida pela visão, já a percepção tátil, sensitiva, que é percebida pelos sentidos como um todo, está associada à atitude distraída, até mesmo mecânica de olhar algo, de forma que a obra percebida, passa a conduzir os pensamentos e afetar as percepções dos espectadores como um todo (BENJAMIN, 1987).

Contudo, o cinema ambiental pode subsidiar de forma eficaz, as transformações de atitudes dos indivíduos por meio da sensibilização. A percepção do problema ambiental e de suas possíveis formas de resolução, pode e deve ser tomada pelos próprios espectadores a partir do momento que entram em contato com o conteúdo dos filmes ambientais (VIEIRA; ROSSO, 2011).

Sendo assim, os filmes, documentários e audiovisuais em geral, que trazem como tema as questões ambientais (mais especificamente o problema da água, ou a importância de sua conservação) podem despertar uma preocupação nos indivíduos. O envolvimento dos sujeitos nas questões ambientais é imprescindível levando em consideração o estado atual de degradação dos ecossistemas, pois somente quando aflorada a sensibilização das pessoas para os problemas ambientais existentes, gera-se um processo educativo comprometido com a sustentabilidade e participação de todos (JACOBI, 2003).

Nesse contexto, o presente trabalho investigou as contribuições do cinema ambiental na sensibilização dos indivíduos com relação à água e sua conservação, abordando conceitos e pontos principais como: a percepção, a sensibilização, o cinema ambiental abordando a temática água e enquanto instrumento sensibilizador, a significação no cinema e a importância da conservação da água.

OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo geral da pesquisa é verificar a influência do cinema como meio de percepção ambiental e principalmente seu possível impacto sensibilizador nos indivíduos, ou seja, se o cinema pode ou não despertar nos espectadores um sentimento de cuidado com a água.

Tendo também como objetivos específicos, contribuir para o debate sobre as abordagens a respeito da água, utilizando as ideias do preservacionismo e conservacionismo, bem como outros pensamentos influenciados por essas correntes. E também discutir sobre as possibilidades do cinema contendo temáticas ambientais, sobretudo, como a questão da água aparece retratada nos filmes. Além de apresentar uma breve análise e descrição dos quatro filmes com a temática água, selecionados para a pesquisa: Conflito das Águas (2010), Um Mundo Sedento (2012), Rango (2011), e Abuela Grillo (2009), a fim de pleitear sobre a significação no cinema, e refletir como a linguagem cinematográfica possibilita o despertar de sensações nos indivíduos ao entrar em contato com as obras fílmicas.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa qualitativa de caráter exploratório, foi constituída por algumas fases para seu desenvolvimento, sendo a abordagem e metodologia escolhidas por se apresentarem como mais adequadas para o processo desse trabalho, porém, outras metodologias e instrumentos foram utilizados para cada momento da pesquisa.

A pesquisa de caráter qualitativo surge também como resposta às mudanças ocorridas na sociedade moderna do século XIX, os problemas de saúde pública, educação e as preocupações com o novo padrão de vida suscitaram uma curiosidade e desejo em realizar estudos que pudessem responder a essas questões (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Como se propõe tratar de temas muito específicos, a pesquisa qualitativa é utilizada quando se buscam resultados não quantificáveis do tema estudado, e sim, significados e aspectos particulares de fenômenos ocorridos nas sociedades. Sua aplicação é muito comum nas Ciências Sociais e humanas em geral (MINAYO, 2001).

A investigação qualitativa possui cinco características fundamentais: 1) a fonte de dados é o ambiente natural, e o investigador seria o principal instrumento; 2) a investigação qualitativa é descritiva, os dados obtidos são mostrados em forma de palavras, ou até mesmo

de imagens; 3) os investigadores (nesse tipo de pesquisa) consideram o processo como um todo, não somente os resultados finais interessam, mas também as etapas no decorrer da pesquisa podem apresentar contribuições importantes; 4) a tendência na análise dos dados é que ela seja feita de forma indutiva, assim, as respostas não são exatas, não buscam confirmar com absoluta certeza, e sim construir um pensamento e apresentar a forma como foi encontrada naquele trabalho, com determinados métodos; e por fim, 5) o significado é de importância fundamental na abordagem qualitativa, ou seja, as diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto é o que interessa, o que enriquece a pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Por sua vez, a pesquisa exploratória se apoia nos seguintes princípios: a aprendizagem se realiza melhor quando parte do conhecido; o conhecimento sempre deve ser ampliado; e são sempre esperadas respostas racionais, então, é preciso formular perguntas também racionais. Desta forma, permite que a realidade seja percebida da maneira como realmente é, e não como o pesquisador imagina que seja, pois neste tipo de investigação há a possibilidade de controlar os efeitos desvirtuadores da percepção na preparação da pesquisa (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Explorar um tema, nada mais é do que reunir o que se tem sobre ele, incorporando novas características e buscando outros aspectos para assim, poder abrir o campo de estudo a outros pesquisadores (RAUPP; BEUREN, 2006). A exploração pode ser útil em resolver algumas dificuldades encontradas durante a pesquisa, como por exemplo, discutir sobre as representações já existentes nas sociedades e que a educação somente complementa e não completa esses valores (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

A pesquisa exploratória possui um planejamento mais flexível e tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. Esse tipo de pesquisa mostra um panorama bem aproximado do fato a ser estudado, o que é muito útil quando o assunto pesquisado é algo ainda não muito explorado, na maioria das vezes é somente a primeira etapa de algo que necessitará de outros instrumentos e métodos para que se chegue ao desejado (GIL, 1989).

Assim, por meio do estudo exploratório é possível se aprofundar mais no assunto a ser desenvolvido e levantar questões que sejam importantes ao tema. Isso resolve alguns conceitos preliminares que porventura possam ter surgido anteriormente de maneira superficial (RAUPP; BEUREN, 2006). Como tem por finalidade refinar os dados da pesquisa, o desenvolvimento e apuração das hipóteses, corrige nesse decorrer o viés do pesquisador que possa existir, e desta forma, ela se aproxime mais do real, pode-se dizer então, que a

pesquisa exploratória conduz o pesquisador o tempo todo à descobertas de enfoques, percepções e até mesmo terminologias novas para ele, promovendo até uma mudança de olhar, ou seja, no decorrer do estudo, o pesquisador acaba ajustando sua percepção com a percepção dos participantes, conseguindo uma pesquisa não tendenciosa (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Os resultados finais de uma pesquisa exploratória podem ter fontes primárias e secundárias de dados. Sendo as primárias obtidas pela investigação em si, com dados próprios, utilizando os questionários, e as fontes secundárias, obtidas por meio do estudo do material já existente sobre o assunto e temas relacionados, ou seja, o levantamento bibliográfico realizado (RÉVILLION, 2003).

Levantamentos bibliográficos são consultas feitas acerca do tema a ser estudado em: livros, revistas especializadas, artigos acadêmicos, dissertações e teses, além de informações publicadas em jornais, associações de classe, sindicatos, entre outros. Esse levantamento é uma fase obrigatória em pesquisas acadêmicas, porque serve como fundamentação teórica para o assunto investigado, seja o trabalho exploratório ou conclusivo (RÉVILLION, 2003).

Além do levantamento bibliográfico para conhecimento e aprimoramento do tema pretendido, também foi realizado um levantamento de filmes contendo a temática água, e a importância da sua conservação, para que pudessem ser trabalhados com o grupo selecionado.

Foram selecionados filmes nas categorias de longas-metragens de ficção, documentários, longas-metragens de animação e curtas-metragens, levando em conta os audiovisuais que abordam a questão da água sob diferentes óticas, dentre eles: a relação do ser humano com a água, a importância da sua conservação e o problema da escassez, a fim de serem trabalhados na pesquisa.

Cada filme foi caracterizado e categorizado conforme os seguintes dados: direção; título original (em caso de filmes de outras nacionalidades); gênero; tempo de duração; ano (lançamento); país e classificação etária; assim como seus aspectos com relação ao tema água e seus sub-temas. E ao final, foram escolhidos apenas quatro filmes para a utilização na pesquisa, essa escolha, porém, foi mais pessoal, de acordo com as reações causadas na pesquisadora ao assistir os filmes.

O levantamento de filmes ocorreu por meio de buscas em páginas da Rede Mundial de Computadores, os chamados *sites*, de importantes festivais de cinema ambiental que instituições atuantes na área de meio ambiente, educação, cultura e mídia promovem, dentre eles:

- Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental”, realizado há quatro anos por meio de uma parceria da organização não governamental Ecofalante;
- Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), que acontece há quinze anos na cidade de Goiás (GO), e tem como objetivo debater as questões ambientais utilizando a plataforma do cinema;
- Festival Internacional de Cinema Ambiental e Direitos Humanos (ECOCINE), que foi criado em 1992 juntamente com a ECO 92 e desde 2005 aborda questões dos Direitos Humanos, ocorre em Paraty (RJ), Campinas (SP) e São Paulo (SP).
- Festival Internacional de Cinema Socioambiental Planeta.DOC, criado em 2014 com o objetivo de exibir e premiar documentários, programas de televisão e animações que promovam o avanço do conhecimento sobre o funcionamento da Terra como sistema vivo, promovendo assim, uma reflexão sobre a sociedade contemporânea. O festival acontece em Florianópolis (SC).
- Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente, o CineEco Seia acontece em Portugal e é um dos festivais mais tradicionais da Europa nesse sentido, criado em 1995, busca sensibilizar para as questões ambientais e o cinema em si.

Depois desses levantamentos, ocorreu por meio de amostragem a seleção dos participantes da pesquisa (caráter voluntário). Essa seleção foi por escolha aleatória simples, que acontece quando os participantes de uma pesquisa são escolhidos ao acaso, dentro de um grupo de pessoas com as mesmas possibilidades de participação (MARCONI; LAKATOS, 2002). Assim, a forma mais abrangente de se fazer essa seleção foi utilizando convites enviados por correio eletrônico. No convite, a mensagem de *e-mail* continha o detalhamento da pesquisa com todas as etapas e uma ficha de inscrição para controle, como forma de saber a área de atuação de cada participante, além de um termo esclarecendo que a pesquisa não causaria nenhum dano ao participante, e que as identidades não seriam reveladas.

Os *e-mails* foram enviados seguindo uma lista de categorização de possíveis áreas, instituições e órgãos que poderiam se interessar em participar, mas também foi distribuído para escolas com a finalidade de poder ser repassado também ao público em geral, sendo

estes: departamento de Ciências Ambientais (UFSCar), departamento de Imagem e Som (UFSCar), Secretaria de Educação (dos municípios de Araraquara e São Carlos), Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria da Cultura e escolas estaduais (do município de Araraquara). O convite também foi disponibilizado em páginas de redes sociais do Cineduc (Cinema e Educação), e SUMA (Educação e Sensibilização Ambiental).

Como fonte primária de dados, ou, levantamentos de experiência, que são os dados coletados durante o processo de pesquisa, foram utilizados questionários (RÉVILLION, 2003). O questionário preliminar para identificar a percepção de cada um sobre o tema foi aplicado logo após seleção dos voluntários.

O questionário é uma das técnicas mais utilizadas e mais eficaz quando se deseja saber a opinião do público envolvido na pesquisa, possibilitando uma infinidade de vantagens, dentre elas, atingir maior número de pessoas sem necessariamente estarem próximos e simultaneamente (GIL, 1989). Economiza tempo, proporciona aos participantes maior liberdade em escolher o melhor momento para responder, não há necessidade da presença do pesquisador e por isso sofre menos influência ou distorção de sua percepção (MARCONI; LAKATOS, 2002).

No caso deste estudo, os dois questionários que foram elaborados são de perguntas duplas (abertas e fechadas) sobre sentimentos. As reações emocionais perante certos acontecimentos, e padrões de ação, que são sobre os padrões éticos, os comportamentos em determinadas situações (GIL, 1989).

As perguntas do questionário preliminar foram divididas em: significado que água possui para cada pessoa e seu grau de conhecimento sobre ela; quais os usos que fazem da água; o que elas e as pessoas de seu convívio poderiam fazer para melhor conservá-la; e se acham que houve mudanças no que concerne à conservação da água na atualidade.

Logo após todos os participantes responderem o questionário, foi disponibilizado a eles os quatro audiovisuais selecionados, sendo que os critérios para esta seleção foram: tratar da temática água (conservação, preservação e outros problemas relacionados ao manejo incorreto), o gênero dos audiovisuais, houve um interesse em trabalhar vários gêneros (longa-metragem de ficção, longa-metragem de animação, documentário e curta-metragem) para poder identificar qual a melhor linguagem a ser empregada em filmes com a finalidade de sensibilizar. Os filmes escolhidos então, foram: Conflito das Águas, de Iciar Bollain (2010), Um Mundo Sedento, de Thierry Piantanida; Baptiste Rouget-Luchaire; Yann Arthus-Bertrand (2012), Rango, de Gore Verbinski (2011), e Abuela Grillo, de Denis Chapon (2009).

Depois de um prazo determinado para apreciação dos filmes, os participantes da pesquisa responderam a um segundo questionário de caráter conclusivo, concebido de forma que tivesse relação com o preliminar. As perguntas do questionário conclusivo são praticamente as mesmas do preliminar, mas tentando resgatar nos indivíduos o que havia sido captado por meio dos filmes assistidos, para poder analisar se houve ou não a sensibilização esperada.

Contudo, as perguntas do questionário conclusivo pretenderam saber se os voluntários da pesquisa haviam gostado dos filmes selecionados (em uma escala de nada a muito), se após assistirem os filmes houve mudança no significado da água, bem como, na necessidade de conservação, no grau de conhecimento e na forma de utilização do recurso. As perguntas também pretenderam obter o grau de contribuição dos filmes para a percepção da água e sua conservação (em escala de nada a muito, também), qual a principal mensagem de cada filme, qual filme mais sensibilizou cada participante, se conseguiram identificar outras medidas para a conservação do recurso, se achavam que haveria sensibilização caso as pessoas do convívio de cada um, assistissem aos filmes, e, por último, uma questão livre para quem quisesse fazer algum comentário relacionado à pesquisa.

De todos os participantes inscritos no início da pesquisa, apenas onze responderam aos dois questionários e assistiram aos filmes, ou seja, onze pessoas concluíram as três etapas no prazo estabelecido, o que foi considerado um número suficiente para uma pesquisa qualitativa.

Para poder analisar os dados obtidos em cada etapa da pesquisa, ainda foram utilizados outros métodos como: a análise fílmica (como forma de analisar o conteúdo dos filmes selecionados) e a análise de conteúdo nos questionários aplicados, buscando os significados presentes nas respostas de cada sujeito participante da pesquisa.

Com a finalidade de conhecer mais sobre os filmes selecionados, foi necessário realizar a chamada análise fílmica nessas obras. Essa análise pode se apresentar em vários discursos sobre os filmes, podendo ser de caráter publicitário, aparecendo como um comentário, ou estudos sobre as obras, e apesar de não ser recente, pois existem documentos nesse sentido desde as primeiras projeções de imagem em movimento, ainda não há uma metodologia única para realizá-la, e depende sobretudo, do olhar de quem a faz, tendo como objetivo explicar de forma detalhada determinado filme e assim, expor as semelhanças ou as diferenças entre os vários filmes existentes (PENAFRIA, 2009).

Porém, é um pouco diferente das resenhas e comentários publicados sobre os filmes, a análise fílmica se propõe olhar mais profundamente a obra estudada, descrevendo suas características poéticas e estéticas, além de pontuar como ela se apresenta na história cinematográfica. Porém, mesmo que aprofundada, ainda é necessário encontrar nesses textos posicionamentos objetivos e subjetivos, criatividade e forma livre de escrever, mas também, algo mais sistemático e metodológico (FRANÇA, 2002), ou seja, é interessante que esses textos sejam um tanto científicos, porém, com certa sensibilidade.

Analisar as obras cinematográficas importante no sentido de reconhecer que todo filme é considerado um objeto de análise para os historiadores, portanto, todos os meios de divulgação e veiculação sobre a temática acabam se tornando objeto de análise histórica (KORNIS, 1992), assim, o passado de uma sociedade retratado nas telas também pode ser acessado por meio de documentos.

Para que a análise seja feita, é necessário que primeiro se decomponha o filme para descrevê-lo, para, em seguida poder interpretá-lo, fazendo um esforço de estabelecer e compreender possíveis relações existentes na obra (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994).

Nessa decomposição do filme pode entrar a observação da imagem (planos de enquadramento, composição, ângulo, entre outros), ao som (*in e off*) - existência ou ausência de som - e também à estrutura do filme (planos, cenas, sequências), após isso feito, interpreta-se todas as partes e assim, se reconstrói o filme (PENAFRIA, 2009).

Nessa pesquisa foi utilizada a análise textual nos filmes. Essa análise foi difundida nos anos de 1960 e 1970 e foi fortemente inspirada na linguística. A análise textual tem por objetivo decompor um filme dando conta de sua estrutura. Para tanto, o filme é dividido em segmentos, unidades dramáticas/sintagmas (sequência de elementos linguísticos), normalmente utilizando a percepção da separação dos planos (quando o plano se fecha na cor preta indicando a passagem para outro), nessa linha de análise o texto é mais importante do que a imagem, trabalhando sobretudo os códigos propostos pelo teorizador de filmes Christian Metz, que seriam a capacidade do espectador perceber objetos na tela (percepção), a capacidade do espectador interpretar recorrendo à sua cultura o que vê na tela (culturais) e por fim, a capacidade do espectador interpretar o que vê mediante os recursos cinematográficos, como identificar em um filme que duas cenas podem se passar no mesmo momento, porém em espaços diferentes (códigos específicos) (PENAFRIA, 2009).

Todo filme se constitui em fonte reveladora das crenças, intenções e imaginário do ser humano, portanto ele é elemento valioso para os historiadores enquanto documento para a

análise das sociedades (FERRO, 1976), assim como, também o é para o espectador, pois, o contato com a análise fílmica proporciona aos sujeitos, seja espectador comum, ou, especialista, uma relação outra com o filme, podendo perceber melhor os detalhes e as possíveis relações existentes, que talvez, somente pelas imagens não perceberia, a análise pode proporcionar um novo olhar para o espectador da obra (FRANÇA, 2002).

Também o conteúdo dos questionários aplicados aos participantes durante a pesquisa necessitou de um método próprio para ser analisado, para tanto, a análise de conteúdo foi escolhida pela eficácia em pesquisas onde são utilizadas entrevistas e questionários. É um método muito empregado no campo das comunicações, utilizando uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo expresso das comunicações seja ela qual for, com a finalidade de interpretar as mensagens contidas nessas mesmas comunicações (BERELSON, 1971 apud BARDIN, 2009).

Essa análise visa uma categorização das respostas obtidas, como forma de classificá-las do geral para o particular, tornando-se mais fácil chegar ao todo. A categorização classifica elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação, e reagrupa conforme o gênero, com os critérios previamente definidos, ela pode acontecer de duas formas, postulando antes o sistema e agrupando conforme os dados são analisados, ou, construindo esse sistema depois de ter os dados analisados para poder, agrupá-los (BARDIN, 2009).

A análise de conteúdo se organiza em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com a inferência e interpretação das mensagens. Onde, a pré-análise seria a organização das ideias e sistematização do que se pretendena pesquisa. Ainda na pré-análise existem dois aspectos a serem considerados que são: a leitura flutuante, que consiste em conhecer o material a ser analisado; e, a escolha dos documentos, que consiste na formação do corpus (conjunto de documentos a serem submetidos à análise) (BARDIN, 2009).

Após a pré-análise, ocorre a exploração do material levantado que requer certo tempo, essa codificação é necessária para que haja a união dos textos dando forma ao estudo. Por último, realiza-se a conclusão do material respondendo a dois tipos de problemas: o que conduziu a determinado enunciado (causas ou antecedentes da mensagem); e, quais as consequências que determinado enunciado virá a causar (prováveis efeitos que a mensagem provocarão) (BARDIN, 2009), mensagens essas presentes nos questionários aplicados sobre a temática água antes e após os filmes.

Sendo assim, o presente estudo foi constituído por etapas, tais como: levantamento bibliográfico; seleção dos participantes (voluntários); seleção dos filmes utilizados, que ocorreu após a elaboração de uma lista de filmes com diversos gêneros; escolha dos métodos e instrumentos para recolher os dados e analisá-los; aplicação do questionário preliminar (sobre a percepção inicial dos participantes a respeito da temática água e sua conservação e preservação); acesso aos filmes selecionados para apreciação; e aplicação do questionário conclusivo (percepção sobre a temática proposta após o olhar dos filmes, possível sensibilização).

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação foi estruturada em capítulos/artigos, cada um contemplando um assunto específico relacionado ao tema da pesquisa.

O capítulo I (Preservacionismo e conservacionismo: as contribuições das correntes de pensamento nas abordagens sobre a temática água), discute sobre as correntes preservacionista e conservacionista, fazendo uma relação desses pensamentos com a questão da água, seus usos e importância. Essas correntes influenciaram outras vertentes de pensamento, com destaque para a vertente da sustentabilidade que se apresenta como possível alternativa na superação das crises no tocante à água.

O capítulo II (O cinema ambiental retratando a água), discorre sobre como a denominação de cinema ambiental surgiu, como a água foi retratada ao longo dos anos nas telas do cinema e sobre o papel importante do cinema enquanto documento histórico e instrumento educacional e sensibilizador.

Já o capítulo III (A significação no cinema: análise fílmica de quatro obras relacionadas à temática água), apresenta uma breve consideração sobre a linguagem do cinema e as descrições com algumas análises dos quatro filmes utilizados na pesquisa, *Conflito das Águas* (2010), *Um Mundo Sedento* (2012), *Rango* (2011), e *Abuela Grillo* (2009), segundo a análise textual do teorizador de cinema francês Christian Metz.

O capítulo IV (O cinema como meio de percepção e instrumento para sensibilização ambiental), traz os dados da pesquisa exploratória, obtidos por meio da apreciação dos filmes selecionados para a pesquisa, e a aplicação de questionários (preliminar e conclusivo). O artigo faz uma exposição das análises sobre a sensibilização causada pelos filmes nos participantes da pesquisa, além de abordar a percepção e sensibilização em suas concepções.

E por último, a conclusão final do trabalho, relacionando todos os temas dissertados, propondo uma reflexão acerca dos dados obtidos e das abordagens sobre a água.

CAPÍTULO I – PRESERVACIONISMO E CONSERVACIONISMO: AS CONTRIBUIÇÕES DAS CORRENTES DE PENSAMENTO NAS ABORDAGENS SOBRE A TEMÁTICA ÁGUA

RESUMO

A água é elemento fundamental para a existência de todas as espécies, sua escassez causaria um colapso de ordem não somente ambiental, mas também econômica e social, como já acontece em alguns lugares no mundo. Mesmo sendo essencial para a manutenção da vida, a água ainda é vista de maneira utilitarista (uso e consumo próprio) pela maioria dos indivíduos, o que gera uma necessidade de despertar para o cuidado com as águas. Nesse contexto, as discussões sobre preservar e conservar a água tornam-se fundamentais, porém, é importante saber diferenciar esses conceitos que não são sinônimos. Sendo assim, o artigo apresenta um breve panorama de duas correntes de pensamento iniciadas ainda no século XIX e seus desdobramentos: o preservacionismo influenciada por John Muir e o conservacionismo, que tem como principal figura, Aldo Leopold, fazendo um paralelo dessas correntes com a questão da água e apresentando a vertente da sustentabilidade como possibilidade na superação das crises ambientais.

Palavras-chave: Preservacionismo. Conservacionismo. Sustentabilidade. Água.

ABSTRACT

Water is a fundamental element for the existence of all species, its scarcity would cause a collapse of order not only environmental, but also economic and social, as already happens in many places in the world. Although essential for the maintenance of life, water is still seen in a utilitarian way by most individuals, which generates a need to wake up to water care. In this context, the discussions about preserving and conserving water become fundamental, but it is important to know how to differentiate these concepts that are not synonymous. Thus, the article presents a brief overview of two currents of thought begun in the XIX century and its unfolding: the preservationism influenced by John Muir and the conservationism that has as main figure, Aldo Leopold, making a parallel of these currents with the question of the water and presenting the slope of the sustainability like a possibility to overcome the environmental crises.

Keywords: Preservationism. Conservationism. Sustainability. Water.

INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial modificou os espaços, as formas de viver dos seres humanos, assim como suas formas de se relacionarem com a natureza. As cidades cresceram de maneira rápida e sem um planejamento correto, e o contato das pessoas com o meio natural foi ficando cada vez mais escasso. Contudo, a exploração do meio natural aumentou, assim como sua destruição, e todas essas mudanças serviram de força motriz para a propagação do pensamento ambientalista e das discussões sobre o tema (MARQUES, 2014).

Esse cenário ainda no século XIX trouxe algumas correntes de pensamento relacionadas com o movimento ambientalista que passaram a atuar principalmente nos Estados Unidos. De um lado, o preservacionismo, que defendia a intocabilidade das áreas virgens, para que assim pudessem continuar, sem nenhuma alteração, desta forma, o ser humano é apenas convidado a observar a natureza. E do outro lado, o movimento conservacionista, que defendia a interação do ser humano com a natureza e também sua exploração de maneira responsável (MARQUES, 2014).

Essas correntes serviram como base para muitas outras que foram surgindo ao longo do tempo, com mais força nos anos de 1960 e 1970 e foram muito importantes para fortalecer os debates sobre os temas ambientais. Além do preservacionismo e do conservacionismo, também a corrente distributiva, que ficou menos conhecida, defendia uma distribuição mais igualitária dos recursos naturais aos indivíduos (DIEGUES, 1996, 2001).

Na década de 1960, surge também o novo ecologismo, partindo de uma crítica ao desenvolvimento pautado na tecnologia industrial, a luta por um meio ambiente mais saudável se une a outras lutas, consideradas de minoria e entra de vez na agenda de discussões políticas e sociais (VARGAS, 1998).

Já nos anos 1970, a *deep ecology* (ecologia profunda), criada pelo filósofo norueguês Arne Naess, surge considerando que todas as espécies possuem o mesmo valor, não podendo o ser humano se utilizar da natureza apenas para seu próprio benefício. Contudo, a utilização para sanar as necessidades vitais é permitida, o que deveria levar a mudanças nas leis, assim como na política e em toda estrutura econômica, tecnologias e até mesmo ideologias, para que essa exploração não ultrapassasse os limites (DIEGUES, 1996, 2001).

Também na década de 1970, passou a predominar a visão que previa o caos se as atitudes humanas não mudassem e teve como apoio o Relatório do Clube de Roma (1972) que impunha limites para o crescimento tanto populacional, quanto de padrão de consumo. No

decorrer dos tempos, essas ideias passam a mudar e, a partir da década de 1990, tendo como marco a ECO-92, começa a se desenhar uma nova visão de desenvolvimento, uma que busca priorizar as gerações atuais e principalmente as futuras, conservando o bem natural, com o uso racional deste, surgia assim, o que chamamos de desenvolvimento sustentável (VARGAS, 1998).

Até então, o desenvolvimento era considerado como um sinônimo para crescimento econômico. O desenvolvimento ligado ao meio ambiente surgiu com a inserção do pensamento ecológico nas decisões econômicas e sociopolíticas, originando o chamado desenvolvimento sustentável (JACOBI, 2005).

Criado a partir do Relatório Brundtland (1987), o conceito de desenvolvimento sustentável aparece como um desenvolvimento capaz de satisfazer as necessidades da geração presente sem assim comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades. Tal relatório apresenta uma visão complexa das causas dos problemas socioeconômicos e ecológicos das sociedades do mundo todo daquela época e enfatiza a importância entre economia, tecnologia, sociedade e política (BRÜSEKE, 1994). No Brasil, essas correntes também influenciaram muitos pensamentos, porém, encontraram maior dificuldade ao lidar com a problemática ambiental, principalmente pela falta de fiscalização das leis ambientais que são extremamente fragmentadas, tratando de cada recurso natural de forma separada, o que pode acarretar em ineficiência dessas leis.

O país ainda enfrenta outros desafios na superação dos problemas ambientais, como sua grande extensão territorial, o crescimento urbano sem controle e acelerado, desmatamentos, poluição das águas em geral, entre outros. Diante disso, atualmente a questão das águas tem tomado maior espaço nas discussões sobre o meio natural, isso porque se enfrenta uma crise mundial na disponibilidade desse recurso, agora, no que se fala é em uma mudança de comportamento, para que se possa tratar esse recurso com mais responsabilidade para garanti-lo no futuro (BOTELHO; SILVA, 2012).

Contudo, a ideia de uma ética ambiental ganha força nesse debate, incluindo a responsabilidade sobre os problemas ambientais e trazendo à tona uma reflexão sobre como “todos podemos ser individualmente inocentes e coletivamente responsáveis, todos vítimas e culpados ao mesmo tempo” (LASSONDE, 1996 apud VARGAS, 1998).

Esse paradigma do uso da água de uma forma utilitarista e instrumental é característico das sociedades capitalistas contemporâneas. Ao longo dos séculos a histórica da relação do ser humano com a água, mostra que o recurso vem perdendo sentido, fato

verificado ao perceber a relação que as sociedades possuem com os rios, nascentes e aquíferos. Diante disso, não resta dúvidas de que é preciso resgatar aspectos culturais, educacionais, ecológicos e simbólicos da água, e se abrir para novos saberes (RIBEIRO, 2014).

Nesse sentido, é preciso haver um maior entendimento dos saberes ambientais corporificados nos valores éticos, assim como nas regras políticas de convívio social e de mercado, o que implicaria na distribuição não só dos benefícios, mas também dos prejuízos causados pelo uso da natureza. Esses saberes conduziria os indivíduos e a coletividade para uma cidadania ativa, que despertaria para o pertencimento e a corresponsabilidade dos problemas ambientais (SORRENTINO *et al.*, 2005).

Uma relação mais sustentável e cuidadosa com a água necessita que as sociedades a ressignifiquem (RIBEIRO, 2014), essa mudança de pensamento e atitudes deve priorizar um uso consciente, que leve em consideração a responsabilidade que todos possuem pela conservação e preservação da água, levando também, a uma cooperação pelo recurso.

Pode-se dizer que a cooperação existe quando se acredita na importância de alguma coisa, seja no âmbito individual, ou, social. Os indivíduos precisam sentir que são parte do processo coletivo para a cooperação ocorra. O mesmo acontece no campo institucional, visto que uma instituição se posiciona a favor de cooperar em algo, cujos posicionamentos institucionais sejam respeitados. Portanto, para que a cooperação para a água aconteça é fundamental que os muitos olhares sobre a água possam ser incluídos, para não se restringir os saberes (RIBEIRO, 2014).

Diante disso, é emergencial uma mudança de pensamento e principalmente de atitudes, nesse sentido, pensar em uma corresponsabilidade e cooperação pela água pode ser uma alternativa, sendo que essa cooperação necessita de uma abordagem holística, abrangendo questões culturais, educacionais e científicas, assim como, questões de ordem religiosa, ética, social, política, legal, institucional e econômica. Vale lembrar que uma governança sensível da água que seja inclusiva e participativa, também se constitui como essencial nas discussões sobre a conservação e preservação nessas ações de cooperação, servindo como forma de evitar conflitos pela água, para superar as desigualdades sociais (acesso à água tratada e saneamento), melhorando as condições de vida e oportunidades (MUÑOZ, 2014).

PRESERVACIONISMO E CONSERVACIONISMO

Muitos são os autores que utilizam o conceito de preservar como sinônimo de conservar, mas na realidade são duas palavras com significados bem diferentes e que acabaram servindo como base para correntes de pensamento sobre as questões ambientais.

Preservar é o ato de proteger, e até mesmo de isolar um ecossistema para que ele mantenha suas características naturais. E isso ocorre quando o ecossistema é classificado como patrimônio ecológico de valor (GRISI, 2007).

Já o ato de conservar (a natureza em geral), está relacionado a utilizar de forma racional os recursos naturais renováveis e obter rendimento máximo dos não renováveis, mantendo os benefícios de maneira sustentável para as atuais gerações, porém, assegurando as potencialidades para satisfazer as necessidades das gerações futuras (IBGE, 2004), ou seja, na conservação existe uma interação entre o ser humano e o meio natural, com a proposição de que isso ocorra de forma responsável.

Nesse contexto de preservar e conservar, destacaram-se duas concepções de pensamento humano no século XVII, a antropocêntrica que tinha os seres humanos como centro do universo, os agentes maiores, explorando a natureza ao máximo, e a biocêntrica que enxergava esses seres humanos inseridos na natureza, mantendo essa relação em equilíbrio (VARGAS, 1998). Essas concepções influenciaram várias outras vertentes acerca da temática ambiental no decorrer do tempo.

O preservacionismo surge com um descontentamento do ser humano acerca da realidade da época, fazendo com que nos anos 1800, o panteísmo¹ voltasse a ser discutido. Segundo Worter (2005), isso ocorreu devido a uma desilusão com a religião (enquanto imperava o antropocentrismo), despertando nas pessoas a busca por um Deus que estaria presente na natureza.

Assim, o preservacionismo viria como forma de sanar essa necessidade humana de domesticar o ambiente natural (posicionamento predominante na época). Os recursos naturais eram tidos ainda como ilimitados e a ideia de crescimento era necessária para uma vida melhor. Todo esse crescimento foi desencadeado pela Revolução Industrial, que expandiu a urbanização, proliferando o caos do mundo moderno, poluindo e aumentando as construções

¹ Antiga crença onde Deus é tido não como um ser transcendente, mas sim, como fonte de energia, integrado ao universo e inserido na natureza (WORTER, 2005).

entediantes. Diante disso, a busca pela natureza bucólica e intocada passou a ser uma grande aspiração do ser humano (VARGAS, 1998).

É nesse cenário que se destacam os trabalhos de John Muir (1838 – 1914), naturalista escocês, muito importante para a disseminação do preservacionismo. Suas obras falavam muito sobre a natureza no século XIX dos Estados Unidos e acabaram influenciando as ideias de criação dos primeiros parques nacionais de reservas naturais, com o intuito de proteger a natureza das interferências humanas (VARGAS, 1998).

Em 1892, Muir fundou o Sierra Club, uma associação de voluntários da qual faziam parte pessoas com uma ligação ainda quase que religiosa com a natureza, e também aquelas que nutriam uma certa paixão por ela (WORTER, 2005). Essas ações ocorreram porque segundo Diegues (1996, 2001), para Muir o cuidado com a natureza se baseia em três princípios: a utilização dos recursos naturais pela geração presente; a contenção de desperdício; e a utilização dos recursos naturais para o benefício de grande parte dos cidadãos. O interessante, é que para a maioria dos defensores do preservacionismo, esse desejo pela natureza protegida não tirava do ser humano o seu direito de explorá-la. A ideia do progresso deveria continuar ativa, porém, se tornava importante e útil manter algumas áreas preservadas para a apreciação humana.

Uma crítica importante de se ressaltar desse pensamento, é que ele não reconheceu que a natureza era devastada pelas mesmas pessoas que constituíam as sociedades industriais, e isso fez com que as sociedades tradicionais sofressem certa influência advinda desse pensamento do ser humano destruidor. Afinal de contas, nem todas as pessoas representam uma ameaça ao meio natural (MARQUES, 2014).

É notável que mesmo as ideias preservacionistas tendo beneficiado o meio natural como uma tentativa de volta às paisagens intocadas, foi pensada na verdade em prol do próprio ser humano. Isso porque todo o aglomerado de pessoas nas cidades, e todas as construções que começavam a ser demais com o advento da industrialização, já mostravam que era preciso parar e pensar em uma maneira de melhorar a qualidade de vida da sociedade como um todo (VARGAS, 1998), assim, o pensamento preservacionista foi uma busca pelo natural, pautada no bem social.

Quase que concomitantemente a essas ideias, surge também uma outra vertente, a conservacionista. Essa corrente buscava romper com a visão tecnocêntrica instaurada durante a Revolução Científica do século XVII, que defendia o domínio do meio natural pelo ser humano, por imaginar que sua existência ocorria somente para satisfazer as necessidades

humanas. O tecnocentrismo enxerga os seres humanos separados do meio natural e, portanto, superiores à ele. Essa visão utilitarista e antropocêntrica, coloca em primeiro plano o crescimento econômico a qualquer custo, visando as inovações tecnológicas (BOTELHO; SILVA; LEITE, 2012).

Esse conservacionismo viria para defender uma relação mais benéfica entre o ser humano e a natureza, com sua utilização consciente para a manutenção estética da paisagem e o bem do meio ambiente, sem pensar unicamente nos benefícios econômicos, assim, as pessoas seriam dotadas de maior consciência, tendo mais responsabilidade, sabedoria e cuidado com a Terra.

Esse movimento tem como principal referência, Aldo Leopold (1887-1948), conservacionista americano que apresentou a *Ética da Terra* para o mundo, documento que confirma uma interdependência de todos os seres vivos por compartilharem uma mesma comunidade (FERREIRO, 2009b).

A *Ética da Terra* defende uma visão holística da natureza, ou seja, uma visão que busca compreender os fenômenos nela presente em sua totalidade, postula a ideia de sua existência a partir de uma comunidade biótica onde o ser humano tem o seu lugar, sem negar uma incontestável hierarquização, e abrangendo ainda os solos, as águas, as plantas e os animais, ou seja, a terra como um todo. Nela, a Terra é interpretada de forma a apresentar aspectos minuciosos sobre os modos de vida dos animais e das plantas de acordo com as estações do ano, dos habitats e também da história americana, bem como, sobre as políticas e as formas de gestão dos recursos naturais, tudo em uma linguagem poética e filosófica a respeito do lugar do ser humano na Terra e sobre a vida (FERREIRO, 2009a).

Esse documento faz parte de um almanaque de Leopold publicado postumamente, em 1949 intitulado *A Sand County Almanac*, muito reconhecido e utilizado nas discussões ambientais até os dias de hoje. A *Ética da Terra* traz consigo a necessidade de uma consciência ecológica, da necessidade do ser humano passar a não se ver como dominador da natureza, destruindo tudo sem se preocupar com as consequências e sim como parte integrante que precisa conservar um bem comum. O documento em sua totalidade é muito importante, porém, destacam-se cinco aspectos: 1) considerar a comunidade biótica, isso significa pensar para além do ser humano, pois há outros seres vivos que integram o meio ambiente; 2) superar a dicotomia ser humano-natureza; 3) mudar os valores por meio da educação para a ecologia, a fim de haver uma coexistência entre os membros da comunidade e da *Ética da Terra*; 4)

pensar no uso responsável da Terra incluindo os valores econômicos, éticos e estéticos e 5) falar da auto-renovação da Terra como a sua saúde (FERREIRO, 2009a).

Segundo Botelho; Silva; Leite (2012), o documento *Ética da Terra* de Leopold, dentro da corrente conservacionista, defendia a ideia de que todas as vidas possuem valor próprio, ou seja, são igualmente importantes. Esse pensamento influenciou o surgimento do ecocentrismo (que se opunha ao tecnocentrismo), sendo também adotado pelos adeptos da *deep ecology* (ecologia profunda).

Essa visão permite várias interpretações que vão desde as conformistas de que há uma ordem natural, perpassando também pelo pensamento de uma natureza frágil que não se recupera facilmente das ações humanas, podendo perder a biodiversidade, a fertilidade do solo, ter uma redução drástica das águas subterrâneas e interferência nos ciclos biogeoquímicos (KAPLAN, 1994)

Sendo o tecnocentrismo e o ecocentrismo perspectivas concorrentes, sempre estiveram em constante conflito e acabaram recebendo críticas porque ambas não previam a conservação da natureza e até mesmo o desenvolvimento social. A perspectiva da sustentabilidade, seria então, uma alternativa mais coerente para discutir os problemas ambientais (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995).

No Brasil, o preservacionismo e o conservacionismo também tiveram adeptos e iniciativas pautadas em suas ideias, tanto que no anos 1930, o país importou o modelo preservacionista americano para dar início à criação de parques nacionais, hoje conhecidos como Unidades de Conservação de Proteção Integral. Porém, a criação desses parques ocorreu inicialmente, sem as devidas preocupações socioculturais de sua população, gerando assim, uma injustiça social e vários outros problemas estruturais com as delimitações dos parques nacionais (MARQUES, 2014).

Fatos como esses, fizeram surgir no Brasil o socioambientalismo, compreendendo que as populações tradicionais e sua forma de se relacionar com o meio natural onde vivem, não seria capaz de destruir a natureza, assim como as sociedades industriais o fizeram (MARQUES, 2014).

Esse pensamento de proteção e respeito às comunidades tradicionais lembram muito alguns aspectos defendidos na *Ética da Terra*, pois, a noção de comunidade, assim como dos valores éticos que estão associados a ela, são importantes para o desenvolvimento da chamada “consciência ecológica” presente na educação para a conservação (FERREIRO, 2009a).

Dentre todas as correntes que se desdobraram do preservacionismo e do conservacionismo, uma se destaca na atualidade por ser mais completa e abranger melhor as necessidades global e local, que é a perspectiva da sustentabilidade. Segundo Gladwin; Kenelly; Krause (1995), nessa perspectiva, para a economia prosperar, é preciso que o meio ecológico esteja saudável, ou seja, uma economia pautada na justiça social e no verde, para a inclusão de todos, definindo assim, leis e outros instrumentos para barrar as atividades que visam somente o mercado.

A sustentabilidade também busca alternativas na tecnologia para conseguir princípios de: assimilação, regeneração, diversificação, restauração, conservação, dissipação, perpetuação e circulação, visto que, o ecossistema vem sendo altamente danificado ao longo dos anos pelo ser humano, podendo causar impactos irreversíveis (GLADWIN; KENELLY; KRAUSE, 1995).

Contudo, superar essa crise ambiental é fundamental, e para que isso aconteça é necessário mais do que formular ideias e criar correntes. Essa superação será alcançada quando houver uma substituição de valores na vida de todos, fazendo com que os seres humanos pensem na questão ambiental conforme uma ética da sustentabilidade e do cuidado. Priorizando a equidade, no âmbito social; buscando um comércio justo e um consumo consciente, no âmbito econômico; tratando das identidades e diversidades de gênero e seus segmentos, no âmbito cultural, e assim, sensibilizar os seres humanos para a preocupação com o próximo e para com a natureza (FRIEDRICH, 2014).

ÁGUA: BEM, RECURSO E VIDA

Desde os primórdios da história do *Homo sapiens* a água é representada como elemento primordial. A sobrevivência e o desenvolvimento humano, dependem da quantidade e qualidade do recurso. Também os demais seres vivos, mesmo os que vivem no deserto necessitam desse elemento. A água nutre as florestas, mantém a biodiversidade e os ciclos no planeta. Também cria paisagens, e, em muitas culturas, a água é utilizada em rituais importantes do início ao fim da vida, e é indispensável nas atividades diárias e que envolvem a economia e o desenvolvimento, ou seja, é essencial (TUNDISI, 2003).

Mesmo com esse caráter múltiplo, a temática água quase sempre é apresentada de forma repetitiva, principalmente quando se fala sobre sua conservação ou mesmo preservação (em alguns casos). Esse bem natural fundamental para a existência de todas as espécies no

planeta é, na maioria das vezes, visto de forma utilitarista, ou seja, a água enquanto bem utilizável para saciar as necessidades humanas. Assim, o que o recurso pode trazer de benefícios para o cotidiano das sociedades, a preocupação com sua poluição, o medo da iminência de uma escassez e a problemática da governança das águas são temas muito comuns (CAVALCANTI, 2000).

Porém, é preciso olhar para a água, também como elemento fundamental no processo de desenvolvimento socioeconômico das sociedades por seus usos, auxiliando no processo de redução da pobreza, não esquecendo da sua importância na manutenção do equilíbrio ecológico e do ecossistema (REZENDE, 2016), assim como fonte essencial para a qualidade de vida da paisagem, permitindo identidade às cidades (WÜRDIG; FIALHO; MENDES, 2015).

A água também é mística, existe toda uma simbologia divina que envolve a água, como bem vital para a formação de tudo o que é vivo, representada em sua concepção feminina (Tétis, a Água-Mãe) “fonte original da criatividade e símbolo universal da fertilidade e da fecundidade” (CAVALCANTI, 2000, p. 15).

A concepção de uma água feminina que carrega em si todas as sementes potenciais, com a função de vaso, dando capacidade ao processo criativo, é apresentada como o reservatório de toda a pulsão de vida. Pode-se dizer que essa representação da água como fonte primordial de vida é universal, construindo ao longo da história, variações de acordo com as culturas (CAVALCANTI, 2000).

Muitas culturas conferem à água grande importância, e isso se traduz na presença do elemento em muitos mitos que falam da criação de populações tradicionais e indígenas, aparecendo também nos mitos da criação das sociedades e até do mundo, a água é dádiva e se finda, a própria sociedade finda (DIEGUES, 1998, 2007).

Contudo, o avanço dos problemas ambientais causados pelo crescimento urbano tem modificado o atual cenário e, em meio a crises de escassez e mudanças climáticas, é impossível que as questões que se referem ao uso e gestão dos recursos hídricos, assim como a conservação das águas como um todo, passe despercebida. Devendo, desta forma, ser discutida na busca por soluções em todos os setores, como: na política, no meio científico e acadêmico, pelos cidadãos, entre outros (MUÑOZ, 2014).

Essa preocupação com o recurso, levou à elaboração de muitos documentos relacionados à sua proteção, com destaque neste trabalho para a Declaração Universal dos Direitos da Água publicada em 22 de março de 1992. O documento que é composto por dez

artigos, discorre sobre a importância do elemento, e de como proceder para conservar e até mesmo preservar a água (ONU, 1992).

O primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos da Água estabelece o recurso como parte integrante do patrimônio do planeta, sendo assim, cada cidadão de cada parte do mundo, é responsável por sua conservação e também preservação. O artigo quarto valida essa preservação e conservação da água e seus ciclos como forma de manter o equilíbrio do planeta, ressaltando que toda fonte de água (superficiais e subterrâneas) precisa ter sua funcionalidade normalizada para que isso ocorra (ONU, 1992).

O que afeta a relação do ser humano com a água é um pensamento utilitarista que foi desenvolvido a partir da ideia completamente equivocada, de um ser dominante da natureza. O termo *utilitarian* foi criado no século XVIII pelo filósofo inglês Jeremy Bentham (1748 – 1832), se caracterizando como a essência de sua corrente filosófica. Porém, foi o economista britânico Stuart Mill (1806 – 1873) que propôs o utilitarismo enquanto ação presente nas sociedades. A ideia do utilitarismo é que o ser humano age tendenciosamente de modo a diminuir a dor e potencializar o prazer (RIBEIRO, 2012), desta forma, as atitudes humanas tendem mais a priorizar as suas necessidades, não importando muitas vezes o quanto estão prejudicando o meio natural para alcançar seus objetivos econômicos e satisfazer suas vontades pessoais.

Uma possível solução para a superação desse pensamento utilitarista do ser humano para com a água, seria uma tentativa de fortalecer a educação nos sujeitos. A capacitação e os esforços para um melhor entendimento a respeito da gestão e do uso sustentável da água que necessariamente passariam pelas ações de abordar estratégias inclusivas e em variados níveis de cooperação pelo recurso. Pensando em formas inovadoras para essa cooperação e a compreensão dos seus benefícios, assim como a cooperação por uma paz e segurança; para o desenvolvimento sustentável e sustentabilidade ambiental, cooperação para acesso de todos à água, e redução da pobreza (MUÑOZ, 2014).

Também na Declaração Universal dos Direitos da Água, o segundo artigo discorre sobre a essencialidade da água para manutenção da vida de todos os seres vivos do planeta, sendo agente de muitas manifestações ambientais e culturais, trazendo também a defesa do recurso como direito fundamental do ser humano. A importância de dotar o ser humano como responsável pelo cuidado com a água se complementa no terceiro artigo, onde é destacada a magnitude com a qual a água deve ser manipulada dada a lentidão do processo para

transformá-la em potável, devendo o ser humano ter nessa manipulação “racionalidade, precaução e parcimônia” (ONU, 1992).

No quinto artigo, a água é tida como “herança dos predecessores, e empréstimo aos sucessores”, reafirmando o cuidado do ser humano com a água para que as futuras gerações não sejam prejudicadas com sua falta (ONU, 1992).

A busca pela transformação no modo de pensar do ser humano, pautada na sensibilização, no uso responsável, e sustentável da água, entram em conformidade também com as proposições do conservacionismo defendido por Leopold.

Para Leopold, a paisagem fala, e fala sobre ética, sobre como se deve agir com a natureza. Em seus escritos, o autor deixou explícito o desejo de passar adiante ensinamentos e anseios sobre um desenvolvimento responsável para que a humanidade consiga enxergar além do que os olhos podem ver. Desta forma, o aprendizado teórico, as leituras, são sempre importantes, porém, o contato com a natureza e as vivências são de extrema importância também para uma educação ecológica, e insubstituível para o processo humano na formação do conhecimento (FERREIRO, 2009b).

Dentro dessa proposta, a educação ambiental (EA) se tornou ao longo dos anos, uma alternativa possível na tentativa de sensibilizar a sociedade para as questões ambientais, por meio da percepção da complexidade dos problemas ambientais que atingem o meio natural na atualidade. Isso, porque a EA anseia por uma transformação profunda e efetiva no pensamento e atitude social, construindo valores e condutas éticas para com a natureza, onde o ser humano necessita se assumir como principal agente de transformação, mas também, de degradação ambiental (SOUZA, 2014).

Quando se faz referência à EA, é necessário lembrar que em um contexto mais amplo, fala-se na verdade de educação para a cidadania, e que se configura como parte importante na consolidação de sujeitos cidadãos (JACOBI, 2000, 2005).

Essa educação deve buscar, sobretudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença atuando de formas democráticas e embasadas em práticas interativas e dialógicas. Assim, deve-se entender que a educação para a cidadania compreende não somente a capacidade dos sujeitos de exercerem os seus direitos no campo da política (escolhas e decisões), como também a de garantir a total dignidade desses sujeitos nas estruturas sociais (JACOBI, 2005). Nesse contexto, a sensibilização propõe uma transposição da perspectiva racional empregada na prática educativa, buscando atingir o campo emocional, e até espiritual dos indivíduos nas suas interações com o meio natural (MARIN; OLIVEIRA; COMAR,

2003). Já a ética simboliza a autopercepção da existência humana no planeta; assim, uma ética ambiental levaria os sujeitos a reconhecerem a sua interdependência com outras espécies e com o próprio planeta (AVZARADEL, 2013), sendo fundamental cuidar da água para que não falte às próximas gerações.

A preocupação com a finitude do recurso e o uso de forma irresponsável também foi abordado na Declaração. No artigo sexto, é salientado que o recurso tem um valor econômico e que isso ocorre por ser um elemento com risco de escassez (como já acontece atualmente), nesse sentido, o artigo sétimo faz considerações ao desperdício, e pode-se dizer que contém instruções de como não agir com relação à água, ou seja, buscar acabar com a poluição, envenenamento ou desperdícios para manter a qualidade dos reservatórios e prevenir o esgotamento (ONU, 1992).

A própria valoração da água surgiu como um ato de tentar atenuar os abusos no uso desse recurso. A cobrança pela água, que dessa forma se enquadra como recursos hídricos (fontes utilizáveis para os seres humanos), nada mais é do que “um instrumento econômico de gestão, valorização e racionalização” desse recurso objetivando o controle dos custos sociais e conjuntamente, disciplinar o comportamento dos usuários (FRACALANZA; JACOB; EÇA, 2013).

Segundo GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE (1995), as políticas de cobrança sobre o uso dos recursos hídricos possuem características que se aproximam da visão tecnocêntrica sobretudo em ver o meio ambiente de maneira fragmentada, pois, os recursos hídricos são tratados de forma isolada e não em conjunto com as outras questões ambientais.

Esse pensamento seria uma possível herança do preservacionismo de Muir, onde a natureza precisava ser protegida, mas os recursos também precisavam ser explorados para que o desenvolvimento continuasse.

Porém, a água não é um recurso inesgotável, sobretudo, as fontes de água limpa ou potável para suprir as necessidades humanas de maneira geral, e além disso, há uma distribuição desigual dessa água para consumo. Contudo, o problema da escassez não se resolve apenas impondo um valor ao recurso e punindo quem o utiliza de forma incorreta (SILVA, 2015), é preciso criar leis efetivas no sentido de conservar e também preservar a água.

E por isso mesmo, os últimos artigos da Declaração discutem sobre leis e uma governança justa. No oitavo artigo, é estabelecido que os cuidados com a água não devem ser ignorados pelo ser humano e nem pelo Estado, constituindo uma obrigação jurídica. O nono e

décimo artigo, falam sobre a gestão do recurso. Essa gestão visa equilíbrio “entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social”; e a necessidade de pensar nesse planejamento da gestão de forma a abranger solidariedade e consenso, pelo fato de uma distribuição desigual da água (ONU, 1992).

Para Bonissoni (2015), o uso da água de forma racional está relacionado à transformação do pensamento dos indivíduos, assim como a compreensão do fenômeno da sustentabilidade. Essa perspectiva consiste em buscar responder tanto às pretensões, quanto às aspirações da atualidade que estão relacionadas aos danos que o crescimento econômico desenfreado pode causar ao meio natural, tendo a finalidade de cuidar e melhorar a qualidade da existência humana no planeta.

As discussões acerca da sustentabilidade não pode pairar em apenas uma dimensão, há a necessidade de mudanças nas relações ambientais, sociais e econômicas. Essas três dimensões precisam manter o equilíbrio para que os seres humanos possam ter uma vida justa em todos os âmbitos (BONISSONI, 2015).

Contudo, sendo a água elemento vital para manutenção da vida, não é justo tratar esse bem apenas como um recurso, de forma utilitarista, como se o ser humano detivesse seu controle, é preciso pensar no todo e firmar um compromisso com todas as formas de vida que necessitam da água, de sua quantidade e qualidade, portanto, cultivar e cultuar sua essencialidade, sua sacralidade e resgatar o sentido espiritual da água, que reside dentro e fora de todos nós é fundamental (FRIEDRICH, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, muitas correntes de pensamento relacionadas à natureza surgiram para dar conta de explicar e discutir a relação do ser humano com o meio natural, destacando-se o preservacionismo que teve como grande nome John Muir e o conservacionismo, influenciado por Aldo Leopold.

Essas correntes foram influenciadas e também influenciaram muitas outras, o que possibilita suas utilizações na discussão dos problemas relacionados aos ecossistemas em geral, mas também de forma unitária, a respeito de cada recurso, como a água por exemplo.

A água, mesmo sendo um elemento essencial para a existência e manutenção da vida, sempre foi vista pelo ser humano de maneira utilitarista. Esse uso indiscriminado, pensando na água como um recurso inesgotável, advém do pensamento preservacionista, que mesmo

primando por espaços naturais intocados, defendia os avanços econômicos na sociedade, avanços esses, pautados na produtividade, e por conseguinte, na máxima utilização dos recursos naturais.

Esse pensamento levou à uma crise ambiental, que engloba a problemática da água, visto que, a preocupação com sua escassez não é mais algo distante.

Por esse motivo, discutir sobre um novo olhar para a água é fundamental. Esse recurso tem inúmeras utilizações e possibilidades na vida dos sujeitos, assim como, inúmeras abordagens a respeito de um uso mais consciente para sua proteção.

A sensibilização para com a água se apresenta como uma forma de melhorar essa relação, buscando uma cooperação nos cuidados e uma corresponsabilidade, já que todos os seres humanos são responsáveis pelo quadro atual, e, por isso, a superação do problema gira em torno de uma solução pautada na ética para a água, e a percepção do meio natural como parte fundamental da existência de todos, ideias essas, compatíveis com o conservacionismo.

Portanto, é necessário que o ser humano se relacione com a água de uma outra forma, e a melhor maneira de mudar esse pensamento é por meio do fortalecimento da educação, visando a percepção e a sensibilização, para que o ato de conservar e preservar (em casos onde há a necessidade) a água, se torne algo fundamental e faça realmente parte do cotidiano dos seres humanos.

CAPÍTULO II - O CINEMA AMBIENTAL RETRATANDO A ÁGUA

RESUMO

O grande potencial do cinema de entreter e, ao mesmo tempo, transmitir conceitos e formar opiniões, vem sendo explorado ao longo dos anos, suscitando uma discussão sobre a utilização do cinema como instrumento educacional e agente transformador, capaz de sensibilizar para as questões ambientais. Essa discussão é significativa no sentido de esclarecer como surgiram tais propostas e seus momentos históricos. Sendo assim, o artigo apresenta um breve panorama do cinema ambiental e do seu desenvolvimento no Brasil, passando pela abordagem da temática água e sua importância, como elemento cênico inicialmente, e posteriormente, inserido em um debate mais profundo sobre o risco de escassez pelo seu uso indiscriminado. O trabalho faz também uma reflexão sobre o importante papel que o cinema tem enquanto documento histórico, analisando as sociedades, auxiliando no ambiente escolar e despertando a sensibilização nos indivíduos.

Palavras-chave: Cinema Ambiental. Sensibilização Ambiental. Água.

ABSTRACT

The great potential of cinema to entertain and, at the same time, transmit concepts and form opinions, has been explored over the years, provoking a discussion about the use of cinema as an educational tool and transforming agent, capable of raising awareness of environmental issues. This discussion is significant in order to clarify how these proposals and their historical moments. Therefore, the article presents a brief overview of environmental cinema and its development in Brazil, focusing on the theme of water and its importance, as a scenic element initially, and later, inserted in a deeper debate about the risk of scarcity by its indiscriminate use. In addition to reflecting on the important role that cinema has as a historical document, analyzing societies, helping the school environment and raising awareness in individuals.

Keywords: Environmental Cinema. Environmental Awareness. Water.

INTRODUÇÃO

Com a intensificação da degradação ambiental nas últimas décadas, torna-se cada vez mais pertinente a implantação de programas ambientais visando conciliar o desenvolvimento socioeconômico e a conservação do meio ambiente para que os problemas ambientais não sejam apenas apresentados e discutidos, mas também, para que esse debate gere soluções. Para tanto, é necessário que a população seja sensibilizada para a necessidade desses cuidados com o meio natural e melhor utilização dos recursos naturais, a fim de minimizar as possibilidades de seus esgotamentos (ANTUNES; OLIVEIRA, 2010).

Na busca pela percepção e melhor entendimento dos problemas ambientais pelos seres humanos, os meios de comunicação em massa, sobretudo o cinema, se mostram úteis pela quantidade de pessoas que conseguem alcançar e pela infinidade de assuntos relacionados ao meio natural que podem abordar.

Dentre os meios de comunicação formadores de opinião, o cinema tem atuado nas últimas décadas como um dos principais, agindo como um colaborador na construção de sujeitos mais críticos e reflexivos perante a sociedade (LUVIELMO; LEIVAS, 2009).

O cinema acabou revolucionando todo o sistema da arte, desde sua produção até a sua difusão. Criado inicialmente como objeto industrial, reproduzível e destinado à distração das massas, hoje, a ideia de que sua ascensão causou um grande impacto nas sociedades é irrefutável (KORNIS, 1992).

Desde seu surgimento no século XIX, com as produções e exposições dos irmãos Lumière, o cinema consolidou seu espaço enquanto linguagem específica, tecendo suas próprias teorias (FEITOSA, 2013). Isso porque ele projeta na tela, perspectivas semelhantes ao que a sociedade anseia, apresentando como temas em seus primórdios, a retratação da beleza natural e rural, assim como o progresso das cidades, a urbanização, e a modernização, assim como na atualidade, os avanços científicos e as inovações tecnológicas. Amparado sobretudo por essa tecnologia, o cinema encarnou a modernidade espelhando a velocidade, os efeitos especiais, a urbanização e a multidão de espectadores, trazendo o movimento como seu maior atrativo (OLIVEIRA, 2006).

Por esse motivo, o cinema passou a ser aceito como documento histórico. Nele, a realidade é filtrada como se cada espectador selecionasse em sua mente os interesses e transformasse a informação de acordo com sua percepção, tornando o que foi captado, em

experiência (DEREN, 2012). Contudo, é preciso ter em mente que os filmes não reconstroem a realidade completamente fiel ao que aconteceu no passado, e nem necessita retratar com exatidão as sociedades atuais. Os filmes, assim como os livros de história, não são espelhos exatos do tempo, mas uma construção combinada com outros elementos (COSTA; DIAS, 2010). A imagem é real, mas o enredo é livre e carregado de licença poética, composto por muitas outras generalidades.

Com o passar dos anos, o cinema se associou a outros temas para que a sociedade pudesse visualizá-lo com mais rapidez, surgindo então, o cinema ambiental, assim designado somente na década de 1980, porém a temática já permeava as telas do cinema desde os anos 1930 de maneira mais sutil (FERREIRA, 2013).

O cinema ambiental, mesmo ainda sendo cinema e podendo apresentar todos os gêneros e ser difundido para as sociedades em geral, acabou se relacionando à ideia da utilização dos audiovisuais com o objetivo de auxiliar no campo educacional. No mundo todo, se iniciou uma produção muito elevada de filmes sobre a temática ambiental. Inicialmente, retratando as belezas naturais e com o passar dos anos e o aumento do debate acerca dos problemas ambientais causados pelo ser humano, passando a ser mais crítico e denunciador.

Dentro dessa proposição, a relação entre o cinema e a água sempre foi muito aproveitada, aliás, a água sempre se mostrou como o elemento natural mais apreciado pelas artes. Antes, era representada de forma estática nas pinturas e, com a ascensão e popularização do cinema, passou a ganhar espaço nas imagens em movimento (FORTES, 2012).

A maneira como a água aparece no cinema também foi mudando, juntamente com sua disponibilidade e utilização nas sociedades, fazendo com que ela passasse de elemento ilustrativo nos planos, para protagonista da história, repleta de sentimentos humanos.

Essa preocupação ambiental, associada com uma emergência no sentido de educar para superar os problemas, tomou conta do mundo todo chegando também ao Brasil. No início do século XX, o cinema se tornou uma das formas culturais mais significativas, sobretudo entre os anos de 1930 a 1970 (OLIVEIRA, 2006).

Na década de 1930, o cinema passou a ser o principal veículo na proposição de “mostrar o Brasil aos brasileiros”, e também apresentá-lo ao mundo. Isso foi muito importante para a consolidação de uma cultura nacional, que, mesmo sendo cultura formada por miscigenações, acabou sendo única (LINO, 2007).

Com esse intuito de criar filmes educacionais, foi criado em 1936 o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), sob a direção do antropólogo Roquette Pinto. O INCE realizava filmes de todas as temáticas para serem trabalhados em ambiente escolar, e na vertente mais voltada para o ambiente natural, teve colaboração de cineastas importantes como Humberto Mauro para retratar o ambiente rural e a natureza brasileira e, até sua extinção em 1966, produziu mais de 400 títulos de filmes de caráter educativo (WELLE, 2015).

O potencial do cinema como instrumento para a educação é indiscutível, pois aborda os mais variados temas se tornando eficaz por apresentar uma nova forma de pensar sobre as relações entre o ser humano e a natureza, o ser humano e a sociedade e até mesmo o ser humano consigo mesmo (LUVIELMO; LEIVAS, 2009).

Essa influência pode ocorrer porque um filme pode combinar todos os sentimentos, começando pelo sensorial, pelo emocional e intuitivo, para depois atingir o racional. “O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão” (MORÁN, 1995, p. 28).

O cinema é mágico e estético ao mesmo tempo, assim como, estético e afetivo (MORIN, 1970). Ele se desenvolveu de tal forma, que consegue captar e também causar grande sensibilização. A câmera (fotográfica ou cinematográfica) é capaz de captar a realidade com fidelidade (DEREN, 2012).

Diante disso, o artigo faz uma exposição sobre o surgimento do cinema retratando temas ambientais no Brasil, perpassando por uma breve discussão da retratação da água ao longo dos anos no cinema em geral, além de discutir sobre o cinema como fonte e documento histórico, sendo utilizado no meio educacional e como ferramenta sensibilizadora.

O CINEMA AMBIENTAL

O adjetivo ambiental no cinema apareceu somente na década de 1980 com a ampliação dos debates acerca da sustentabilidade, consolidando os festivais de filmes ambientais que surgiram no mundo todo nos anos subsequentes. Desse modo, abriram-se as portas para uma discussão da potencialidade dos filmes para uma possível sensibilização dos indivíduos para com as questões ambientais por meio de uma filmografia considerada ambiental (GUIDO; BRUZZO, 2011).

Inicialmente, era utilizado apenas para designar a veiculação das questões ambientais nos festivais. Na atualidade, assume um *status* muito importante, envolvendo ambientalistas, educadores, produtoras, entre outros, podendo se referir tanto a filmes e vídeos selecionados e premiados em festivais de cinema ambiental, quanto para se referir a filmes utilizados por educadores em atividades de educação envolvendo temas ambientais, e também vídeos utilizados como veículo de divulgação de projetos sobre meio ambiente institucionais e ações ambientalistas (FERREIRA, 2013).

Atualmente, levando em consideração as produções que levantam as questões ambientais como forma de aproximá-las do público, e com a intenção de gerar um debate na busca por soluções dos problemas gerados, os filmes históricos ou documentários que retratam fatos reais têm surgido com maior intensidade. Esses filmes podem ser estudados de duas formas: a primeira é no sentido de se referir às obras como testemunhos da época na qual foram produzidos; e a segunda, é tratar os filmes como representações do passado. Tal separação classifica os filmes documentais em primários e secundários, podendo ser utilizado como documento primário quando analisados aspectos que se refiram à época em que foi produzido, e como documento secundário, quando o enfoque é dado à sua representação do passado (NOVA, 1996).

Guido; Bruzzo (2011) citam Leão (2001) ao afirmar que o cinema ambiental nasce juntamente com o surgimento do cinema em si, pois os temas retratados falam de uma sociedade e dos seus anseios, entrando nessa representação as paisagens e as preocupações com a natureza.

Desta forma, os romances nacionalistas de autores brasileiros que foram adaptados para o cinema, acabam por fazer parte em sua maioria dessa classificação, ao mostrar as paisagens e costumes do país em determinados contextos históricos.

Os primeiros filmes que podem ser considerados ambientais no Brasil são as imagens de expedições feitas no estado do Mato Grosso, iniciadas em 1889 e que mostravam a natureza e os primeiros contatos estabelecidos com as tribos indígenas pela Comissão de Rondon (GUIDO; BRUZZO, 2011).

Contudo, no Brasil, são apontadas três fases para as abordagens do cinema ambiental. Uma que compreende os primeiros filmes realizados até o começo da década de 1930, abordando as belezas naturais e as florestas virgens. Outra que parte da década de 1930 até a década de 1950, com obras apresentando o exotismo das regiões e exaltando o progresso urbano. E uma outra fase, a partir da década de 1960, com o surgimento do cinema

socioambiental, um cinema ecologicamente engajado, cujas abordagens passaram a ter um tom de denúncia, envolvendo questões de sobrevivência do ser humano em seu habitat (FERREIRA, 2013), assim como sua culpabilidade acerca dos problemas ambientais.

O cinema ambiental se enquadra em uma categoria de cinema temático porque não é uma categoria estética, ou seja, ele está diretamente relacionado com a temática e não com a estética. Assim, o termo é utilizado para delimitar uma temática, e não para denominar uma maneira específica de utilizar a linguagem cinematográfica.

As características consideradas para que um filme seja classificado como ambiental na visão de Guido; Bruzzo (2011) são no sentido de apresentar um ambiente como natural, em geral retratando a dicotomia urbano e rural. Porém, hoje em dia, não só a locação deve ser levada em conta, mas também o assunto a ser tratado, sobretudo a forma como os temas relacionados ao meio ambiente aparecem e o sentido que lhe pretende ser dado, se é uma denúncia, informação ou um pano de fundo.

Dentro dessas particularidades, acabam se enquadrando todos os gêneros (ficção, documentário e animação) para trabalhar as questões ambientais, cada um, buscando linguagens e abordagens próprias para despertar nos espectadores o desejado.

Os mais comuns são os documentários, pois são mais objetivos e considerados representações sobre uma realidade vivida ou ainda em curso, porém nem sempre retratam-na com exatidão. Duas correntes cinematográficas foram vigentes no século XX na produção de documentários: uma, tinha função de registro, vendo nas imagens somente um testemunho direto de um acontecimento histórico; e a outra, considerava a câmera como instrumento para a criação de um discurso histórico próprio, como se fosse exterior ao conteúdo particular das imagens (NOVA, 1996). Assim, no documentário, a denúncia é legitimada por representar o real, sendo as personagens os atores sociais (FERREIRA, 2013).

Portanto, quando se trabalha com temas relacionados ao meio ambiente, os documentários se caracterizam pelo compromisso da representação da realidade. Porém, a realidade pode não ser totalmente representada nele, porque os documentários, ou, os filmes de ficção são representações parciais e subjetivas da realidade. Contudo, o espectador não faz essa diferenciação. A percepção que ele possui, geralmente é baseada nas definições (características) do senso comum para cada gênero (SERRA; ARROIO, 2008).

No Brasil, os primeiros filmes do gênero documentário foram na verdade produções encomendadas de todos os tipos, como propagandas, anúncios de eventos, bem como imagens

de cidades exaltando suas paisagens contrastantes com a industrialização (GUIDO; BRUZZO, 2011).

O gênero de ficção, termo usado para descrever filmes realizados a partir da imaginação, também passaram a ser utilizados para discutir a temática ambiental. Os filmes considerados de ficção podem conter elementos inspirados em fatos reais, mas sempre apresentarão componentes do imaginário. Portanto, na ficção a denúncia é realizada fora do real, e os atores representam outra pessoa, figurando a pessoa representada (FERREIRA, 2013). A animação é outra forma de retratar e discutir as questões ambientais. O cinema de animação ganhou força nas últimas décadas com uma velocidade considerável, dando vida às personagens que fazem refletir e questionar, por meio de seus gestos, falas, imagens e sons (LUVIELMO; LEIVAS, 2009).

A animação, inspirada nos quadrinhos, foi inicialmente criada com foco no público infantil, e sua liberdade permite que essa vertente do cinema circule por todos os gêneros (ação, aventura, drama), possibilitando também, dar forma às mais variadas personagens, não necessariamente humanas (FOSSATTI, 2009).

Mesmo que a animação não se enquadre como sendo um gênero condizente com a realidade, permitindo-lhe os exageros, o espectador também consegue se reconhecer nas histórias, pois, o filme animado pode ser carregado de significados em suas representações, expressando e reforçando diferentes e até mesmo conflitantes visões de mundo (CERQUEIRA; LOPES, 2011).

Portanto, o cinema com temática ambiental, ou contendo discussões socioambientais, pode ser um importante instrumento na busca pela sensibilização para as questões ambientais, gerando mudanças de pensamento e atitudes.

A ÁGUA RETRATADA NO CINEMA

Quando os irmãos Louis e Auguste Lumière apresentaram o cinema em 1895, ele logo se tornou um meio de comunicação de massa. E exatamente por esse motivo, já nasce marginalizado, sendo constantemente criticado pelos intelectuais por ter sido criado para o entretenimento das massas iletradas que não se importavam com o conteúdo das obras. Com o tempo, essa visão se mostrou imprecisa, e o cinema passou a ser visto como fonte importante de estudos sobre as sociedades (OLIVEIRA, 2009).

Essa mudança de ótica ocorreu porque desde o início, o cinema explora as imagens e histórias das sociedades, como o progresso que começava a despontar juntamente com a industrialização e a urbanização da época (GUIDO; BRUZZO, 2011). E ao longo dos anos, foi acompanhando e tentando retratar os mais variados temas e certas angústias que foram surgindo nas sociedades modernas e contemporâneas. Fato que ocorre também com as questões ambientais. Por exemplo, discutir nas telas os problemas que ocorrem no mundo atual é algo necessário, mesmo que seja apenas retratando como pano de fundo de uma outra história. Os danos causados ao meio natural, de toda ordem, quando apresentados em filmes, podem gerar um debate interessante, além de um olhar próprio sobre a temática ambiental e também da água.

Nesse contexto, ao longo dos séculos, a água torna-se elemento presente nas artes em geral. Porém, a relação “cinema e água” se destaca, talvez pela beleza estética que a água apresenta, por estar sempre em movimento, por causar efeito visual interessante na tela. Abordar questões relacionadas à água, ou mesmo colocá-la como componente de cena para trazer maior profundidade a determinado plano é cada vez mais constante. Tanto que, atualmente ela tem se transmutado de coadjuvante para protagonista devido às frequentes discussões sobre os danos que sua poluição e escassez tem causado para todas as formas de vida, tornando-se num forte indício do porquê a temática água é tão relevante.

Anteriormente, a relação entre cinema e água também serviu de inspiração nos campos da filosofia e das artes. No Renascimento, Leonardo Da Vinci (1452 - 1519) já refletia muito a respeito das imagens da água, priorizando sempre os movimentos das chuvas, rios entre outros. Alguns séculos depois, William Turner (1775 - 1851) retoma o tema em suas pinturas. E, em se tratando do cinema, o interesse pela água aparece já no catálogo de filmes da companhia Lumière. Nos seus primeiros anos, já haviam imagens captadas de aquários (tipos de imagens mais comuns da água no século XIX) (FORTES, 2012).

No campo das artes, a pintura de paisagens sempre consagrou a natureza real representada nas imagens como algo extremamente prazeroso de se ver (GUIDO; BRUZZO, 2008). Porém, atualmente as representações da natureza no audiovisual até apresentam essa natureza bela, mas trabalha sobretudo com a ideia de um cinema catástrofe, onde o ser humano é colocado como principal agente destruidor e há uma predominância do cenário pós-apocalíptico, onde os sujeitos precisam aprender a conviver em um mundo quase que totalmente esgotado em seus recursos naturais e buscando uma alternativa para a sobrevivência.

A representação da água no cinema, contudo, inicia em sua forma mais pura se debruçando em sua beleza e mostrando os ambientes aquáticos para os espectadores. Dentro dessa temática, Fortes (2012) faz um breve *tour* a respeito da água retratada no cinema, como os filmes do zoólogo francês Jean Painlevé, que se dedicou à arte cinematográfica, retratando o universo dos animais aquáticos (predominantemente). Painlevé produziu documentários artísticos, com narração que conferia emoção às cenas. Seus filmes produzidos entre as décadas de 1920 e 1980 são considerados *cult*, ou seja, são clássicos, muito admirados ainda nos dias atuais, sendo uma espécie de precursor do gênero de ficção científica.

Ainda nessa vertente do ambiente marinho, Fortes (2012) destaca as séries de Jacques Cousteau, cineasta muito conhecido na arte de captar e retratar o mundo aquático, seus filmes viraram séries televisivas nos anos de 1960 e são muito apreciados.

A água também aparece como tema central de muitas outras obras ao longo dos tempos e representada de várias formas, como em tom de denúncia por exemplo. Os franceses François Truffaut e Jean-Luc Godard, nomes importantes da *nouvelle vague*², também se ocuparam da temática retratando acontecimentos da sociedade francesa, realizando em 1958 o curta-metragem *Une Histoire D'Eau* (Uma História da Água), onde uma jovem tenta chegar até a Torre Eiffel pegando carona com um rapaz. O filme é um claro retrato da problemática das enchentes de Paris da década de 1950 e foi construído em uma narrativa romântica para atrair os espectadores (FORTES, 2012).

A água também pode se conciliar com outros temas notáveis de serem discutidos nas sociedades, como no curta-metragem *Eaux d'Artifice* (Artifício das Águas) de 1953 do diretor estadunidense Kenneth Anger. A água surge como componente do cenário que apresenta a

² Movimento do cinema francês que se insere nos movimentos contestatórios da década de 1960, o termo foi criado pelo semanário político e cultural *L'Express* (O Expresso) sobre a juventude francesa em novembro de 1957 ao falar dos novos cineastas e suas ideias, os filmes eram jovens, com boas temáticas e surpreendentes (MARIE, 2003, p. 167).

personagem passeando pela Itália, o movimento da água se mistura com o de sua roupa, deixando as cenas mais dramáticas. Um dado interessante é que muitos críticos já vêem nesse filme indícios de uma identidade *queer*³, visto que Anger ficou muito conhecido no cinema *underground* ou marginal como alguns o chamam, retratando o universo homossexual (FORTES, 2012).

É preciso ressaltar que as questões de gênero, de orientação sexual e muitas outras que eram conhecidas como sendo luta de minorias entram nas agendas de discussões iniciadas na década de 1960, assim como, as questões ambientais.

Até a década de 1950 esse debate fazia parte principalmente do meio acadêmico e científico, cabendo a alguns movimentos tais questionamentos de ordem social e ambiental (WELLE, 2015). A partir da década de 1960 esses movimentos emancipatórios ganharam força, abordando os mais variados assuntos que se relacionavam aos desafios de se viver em uma sociedade moderna em constante mudança, como: pacifismo, feminismo, ecologismo, movimento negro, *hippies*, novo espiritualismo, nova esquerda, direitos dos cidadãos, novo psicologismo, revolução corporal-sexual, entre outros (SANTOS, 2006). Por isso, a temática ambiental é constantemente relacionada com outros debates de cunho social, o que gera os assuntos de ordem socioambiental.

Nesse contexto, de maior aprofundamento e interesse por temas que desafiavam a sociedade, também o cinema brasileiro perpassou nos primórdios das produções do que pode ser considerado como um dos momentos do cinema ambiental no país, e essa forte relação com a água aparece no filme *Limite de 1930*, do diretor Mário Peixoto. Nele, a água é retratada como elemento de ligação das personagens principais que estão à deriva em um barco no mar (FORTES, 2012).

O filme *Limite* é um clássico do cinema mudo, ou silencioso que aposta na alternância de suas imagens, como a lentidão e apreciação, e também na rapidez e movimentos. Talvez por isso a água tenha sido escolhida para iniciar o filme, porque, além de dar esse movimento necessário às imagens, ela consegue transitar entre o lento e o rápido das imagens

³ A teoria *queer* nasceu na década de 1990 tendo como referencial os estudos de Michel Foucault, Jacques Derrida e Judith Butler dentre outros. A teoria se originou do encontro dos estudos culturais norte americano com o pós-estruturalismo francês. A palavra “queer” em tradução livre, significa “excêntrico” e define todos que vão contra a hegemonia de uma heterossexualidade nas sociedades, e se posicionam com características de acordo com o gênero que se identificam, lutando pelos direitos homossexuais de cada um ser e viver como quiser (MIRANDA; GARCIA, 2012, p. 2). Na atualidade, além do direcionamento e direito homossexual, inclui também a transexualidade, dentre outras definições.

acompanhando a trilha sonora. A água no filme surge como elemento paisagístico e até mesmo revestido de simbologia, dada a imensidão das águas perante o ser humano, pois cada uma das personagens à deriva relembram suas trajetórias até chegarem naquele ponto, preferindo o diretor terminar com imagens da água em movimentos bruscos em ondas, contrastando com os movimentos mais lentos durante a obra.

Um pouco mais tarde, com o cinema já bem consolidado no país, as adaptações da literatura para película ganharam força como forma de retratar sobre a sociedade brasileira. Assim, o filme *Vidas Secas* (1963) do diretor Nelson Pereira dos Santos, adaptado da obra homônima de Graciliano Ramos publicado em 1938, expressa os problemas vividos pelo povo brasileiro no sertão pela falta de água. O filme é um tanto lento, em preto e branco, deixando as imagens bem profundas e sofridas para destacar uma realidade que embora literária e fílmica é real ainda nos dias atuais. A falta de água no sertão brasileiro é tema recorrente. Porém, a água enquanto elemento fundamental aparece não como protagonista, mas sim, costurando um enredo e, mostrando as dificuldades pelas quais a família passa por enfrentar a seca, sem água, falta alimento, falta vida.

A partir da década de 1980, os estudos acerca do ambiente e da sociedade se consolidaram de vez, e as preocupações ambientais, assim como a discussão sobre uma utilização dos recursos de forma sustentável passou a fazer parte da agenda política. Surgem então, os primeiros festivais de filmes ambientais para abordar as questões do meio natural mais ativamente, e na década de 1990, após a realização da Eco-92, Conferência Mundial da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, as produções aumentaram significativamente (WELLE, 2015).

Intensificam também os temas da água em todas as suas vertentes, e o tom mais de denúncia do cinema perante os problemas ambientais e as dificuldades de saná-los, como é mostrado por exemplo em *Saneamento Básico – o filme* (2007), do diretor Jorge Furtado, a água surge com o problema da poluição por falta de tratamento de esgoto. O filme aborda de maneira divertida um problema enfrentado por inúmeras pessoas ainda nos dias de hoje, sendo a falta de saneamento uma das principais causas de doenças que ainda mata no mundo todo. No filme, a crítica aos governantes é clara ao brincar com o fato das prioridades de distribuições de verbas e burocracias pelas quais passam os brasileiros, o que faz as personagens decidirem fazer um filme para poder utilizar a verba e construir uma fossa.

Os anos 2000 trouxeram um maior debate sobre a poluição e escassez da água e seus desdobramentos. Vê-se com mais frequência nos filmes e documentários do país a intenção de

informar, visto a emergência de mudanças de pensamento e atitudes para sua conservação e/ou preservação.

O documentário *Entre rios* (2009), com a realização e direção de Caio Silva Ferraz, Luana de Abreu e Joana Scarpelini aborda um pouco sobre as questões políticas, históricas, geográficas e ambientais que envolveram a urbanização da cidade de São Paulo. O documentário é mais informativo e educativo ao abordar problemas ambientais gerados pela canalização de inúmeros rios na cidade para que ela pudesse evoluir, e evidencia a crítica ao modelo de urbanização não levando em conta aspectos geográficos da paisagem. O filme mostra a desvalorização das águas que, antes importantes, passam a ser vistas como obstáculos à cidade de São Paulo e no decorrer dos anos, foram encobertas e poluídas em prol do desenvolvimento.

No campo da animação, a temática aparece com as mesmas preocupações como em *Calango Lengo* (2008), de Fernando Miller. A personagem (um calango, espécie de lagarto) acaba recebendo características humanas, tendo em vista o seu nome, título da animação e seu sofrimento perante a seca, ou seja, é revestido de sentimentos muito humanos. A busca pela água no decorrer da história apresentada, perpassa pelas angústias causadas pela escassez do recurso, sem ela tudo vai morrendo, inclusive a morte também é representada no curta-metragem para rondar o Calango, da qual ele tenta fugir o tempo todo. A animação é carregada de exageros e esbarra no tema da fé do povo brasileiro, essa por sua vez, acaba sendo a saída para Calango, que por “intervenção divina” recebe a desejada chuva, que revive suas esperanças.

Contudo, as possibilidades de abordar e retratar a água no cinema são muitas. A água surge como elemento paisagístico, em denúncias, retratando os problemas ambientais, ou apenas para avivar as cenas. A água é educativa, esclarecedora, e acima de tudo indispensável à vida, e por isso, a sua abordagem nas telas é muito significativa.

O CINEMA ENQUANTO DOCUMENTO HISTÓRICO E INSTRUMENTO EDUCACIONAL E SENSIBILIZADOR

Nos primórdios dos estudos sobre as obras cinematográficas, o preconceito ainda era bastante presente por seu caráter popular. A mudança paradigmática nesses estudos ocorreu pela introdução de métodos utilizados em outras ciências, dentre elas, a linguística, a psicanálise e a antropologia (FREITAS; SOUZA, 2015).

A aceitação da imagética cinematográfica enquanto retrato de uma sociedade demorou um pouco a acontecer. Nesse processo, os estudos da semiologia⁴ foram essenciais para a aceitação dos audiovisuais como fonte histórica, modificando até mesmo o sentido do documento, pois o termo passou a incluir além da escrita, também, as imagens, ilustrações entre outros aspectos (KORNIS, 1992).

O cinema enquanto documento histórico é possível, pois a maneira como cada cineasta planeja seu discurso por meio de planos, fotografias ou pela utilização de determinados sons e trilhas, pode sintetizar uma mediação com o mundo real. Portanto, o cinema, assim como toda obra de arte, cria seus próprios códigos de linguagens de acordo com o contexto para dialogar ou debater com as ideologias de sua época. Tal articulação (entre contexto e representação) é fundamental para a interpretação dos elementos (FEITOSA, 2013), podendo ser profícuo nos estudos sobre as sociedades.

Porém, para que o cinema possa ser utilizado como fonte histórica, o historiador, ou mesmo um estudioso sobre o cinema, deve realizar um exercício de voltar ao passado para poder compreender as relações sociais presentes nas obras. Assim, o filme pode ser uma oportunidade para um possível debate metodológico (OLIVEIRA, 2009). Haja vista que cada obra possui um laço com o passado e também o presente, além de traços de quem percebe a obra (espectador, estudioso, entre outros), cada um pode dar sua própria interpretação e concordar com o conteúdo, ou mesmo, contestá-lo (BERGALA, 2008).

Contudo, é fundamental esclarecer que a imagem não ilustra, ou mesmo reproduz a realidade exata. Ela na verdade, reconstrói essa realidade utilizando uma linguagem própria que pode refletir certo momento histórico. Ou seja, estudar as imagens no cinema exige maior cuidado e mais questionamentos para uma leitura acertada (KORNIS, 1992). Por esse motivo, Bergala (2008) defende que a linguagem cinematográfica é considerada como a língua escrita da realidade em uma retomada pasoliniana⁵. Ela retrata, mas não é o real, porque é carregada de outros elementos em sua composição.

⁴Termo cunhado na linguística por Ferdinand de Saussure propõe o estudo de fenômenos culturais como sistemas de signos. No cinema, alguns teóricos como Christian Metz, trabalha a semiologia da linguagem de cinema, “essa linguagem não é somente verbal, ela se utiliza também da leitura de um conjunto de componentes” para encontrar a significação em uma análise fílmica. (METZ, 1972, p. 116 e 117).

⁵Pier Paolo Pasolini (1922 – 1975), escritor, cineasta e teórico do cinema italiano que compôs a semiologia da realidade nos anos de 1960, para trabalhar a questão do real retratado no cinema. Nessa teoria as linguagens do cinema (ação, corpo, plano, entre outros) são estudadas para captar o mundo presente nas obras que segundo Pasolini, não é tão explícito aos espectadores (XAVIER, 1993, p. 102 e 103).

Na verdade, as representações da realidade nos filmes são, sobretudo, estratégias narrativas e cinematográficas combinadas com a percepção ou cultura de cada sujeito espectador (MARTINS, 2016). Esse processo apresenta um resultado que pode tanto depender de uma linha de pensamento do diretor que produz o filme, quanto do espectador, pois é a ele que caberá conseguir captar as informações e recriar em sua mente por meio de sua interpretação própria, até mesmo uma outra história.

Pelo fato do cinema possuir uma linguagem específica que se associa com as representações sociais históricas, ele necessita de duas críticas, uma que contemple uma dimensão específica dessa linguagem cinematográfica e outra para melhor contextualizar seu momento histórico. Ademais, cabe ao historiador ter em mente esses dois aspectos da obra estudada para poder identificar com quais discursos ela dialoga, ou seja, quais externalidades a influenciaram (FEITOSA, 2013).

O primeiro trabalho que se conhece utilizando o filme como documento histórico é de 1898, chamado *Une nouvelle source de l'histoire: création d'un dépôt de cinematographie historique* (Uma nova fonte de história: a criação de um depósito histórico de cinematografia), escrito pelo câmera polonês Boleslas Matuszewski, que era um dos integrantes da equipe dos irmãos Lumière (inventores do cinema). Em seus escritos, Matuszewski defendia a importância da imagem cinematográfica, a qual era entendida como “testemunho ocular verídico e infalível, capaz de controlar a tradição oral” (KORNIS, 1992, p. 4).

Esse potencial do cinema de entreter e ao mesmo tempo envolver os espectadores chamou atenção também dos governantes que utilizaram os audiovisuais como instrumento de apoio educacional (GUIDO; BRUZZO, 2011). Nesse sentido, o cinema pode ser considerado como uma fonte de informação, como qualquer outra mídia, pois pode influenciar diretamente as percepções e concepções do público (SERRA; ARROIO, 2008).

Essa possibilidade de usar a imagem auxiliando na educação surgiu antes mesmo do cinema, quando as “lanternas mágicas” (combinação de imagem fixa e efeitos luminosos e sonoros) eram utilizadas com esse intuito (GUIDO; BRUZZO, 2011). Desta forma, quando se torna possível a captação da imagem em movimento e contando uma história, seu potencial para ser utilizado para fins educativos aflora ainda mais.

No Brasil não foi diferente, o cinema teve papel fundamental na busca por uma identidade cultural genuína. O país, que em sua formação abraçou muitas etnias, acabou se apropriando de inúmeras manifestações culturais que ao longo dos anos acabaram se

fundindo. Esses fatores, combinados com a dimensão territorial e muitas outras particularidades do país, acabaram dificultando a criação de uma identidade brasileira. E, na década de 1930, os governantes passaram a utilizar o cinema para iniciar um debate sobre o que era ser brasileiro e como esse “nosso” cinema deveria ser (LINO, 2007).

Todo esse debate levou, como já citado, à criação em 1936 do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), para a produção de filmes direcionados ao ambiente escolar.

A utilização do cinema, ou de outros meios de comunicação no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares se mostram eficazes, pois a linguagem apresentada no cinema pode auxiliar os educandos a terem conhecimento sobre a diversidade presente não somente nas escolas, como também na vida em sociedade (VIANA; ROSA; OREY, 2014).

Pensando nesse potencial, Alain Bergala, crítico e diretor de cinema nascido em 1943 na França, iniciou uma experiência interessante em um projeto de educação e artes conhecido como *Le Plan de Cinq Ans* (O Plano de cinco anos). O referido projeto mudou o cenário das artes nas escolas francesas, utilizando para isso, uma metodologia de ensino baseada no uso do cinema para criar e descobrir as diversidades proporcionando nos espectadores uma nova perspectiva (MOREIRA; PIMENTA, 2013).

Para Bergala (2008), a noção de espectadores-criadores é discutida no sentido de criar uma relação desse espectador com a obra na forma de “contaminação por impregnação”. Assim, a observação atenta torna-se muito importante para que a arte seja apreendida e apreciada.

Para que ocorra o que se chama de fascínio no cinema, é preciso que haja elementos como o reconhecimento, a identificação e a ilusão. Quando isso acontece, o deslumbramento pode chegar a confundir o espectador do que é projetado para o real, ganha aspectos do onírico, de lembranças, mesmo que criadas em sua mente, não pertencendo a ele primordialmente (MARTINS, 2016).

É o que Morin (1970) chama de complexo projeção-identificação-transferência, que transforma a realidade objetiva das coisas, ou seja, o cinema tem esse potencial de mexer com o espectador e confundir a realidade. Nessa linha de pensamento, afirma que todos os seres humanos tornam-se sentimentais e sensíveis quando são privados de sua capacidade de ação, o que explicaria o fato de os sujeitos se emocionarem com histórias vistas nas telas e se sentirem próximos daquelas realidades, mesmo quando na verdade, se trata de uma ficção.

Combinar o real com o imaginário proporciona um cenário que imita a diversidade cultural da sociedade, bem como os valores, tanto individuais quanto coletivos, e assim, os

educadores podem discutir com seus educandos sobre o que foi apreendido, tudo por meio de atividades dialógicas. Por isso, a linguagem cinematográfica pode ser essencial no ensino interdisciplinar, porque consegue se ligar com vários temas de estudo auxiliando nos aprendizados dos conteúdos (VIANA; ROSA; OREY, 2014).

A utilização do elemento cinematográfico complementa as operações mentais que partem tanto de abstrações, quanto chegam a elas. Assim, tanto se pode iniciar a construção de conceitos históricos pela abstração, para depois se consolidar por meio das imagens, quanto se pode partir das imagens, para a construção de conhecimentos abstratos (CLARO, 2012).

O cinema pode ser considerado como instrumento potencializador do ensino independente da disciplina ou área em que é empregado. Pode ilustrar e gerar discussões em torno dos temas presentes da sociedade, política, artes e muitos outros campos, se tornando fundamental para uma modernização do processo educacional (MOREIRA; PIMENTA, 2013).

Isso ocorre porque, se comparado a documentos escritos, os filmes possuem maior espontaneidade, fato que pode contribuir para o interesse da investigação (NOVA, 1996). O que torna a linguagem audiovisual um bom recurso na construção de conhecimentos, pois integra a realidade individual com o meio natural, e dessa forma, desenvolve no sujeito a sensibilidade e a percepção do universo (SERRA; ARROIO, 2008).

Nessa proposição de audiovisuais no ambiente educacional, o cinema ambiental tem se destacado nas representações da problemática ambiental, seja esclarecendo o assunto por meio de documentários, ou mesmo utilizando a temática para criar ficções catastróficas com o intuito de sensibilizar sobre uma possível perda dos recursos naturais. Essa sensibilização para as questões ambientais pode acontecer porque os indivíduos sentem medo dessas possíveis catástrofes envolvendo o meio natural, (GUIDO; BRUZZO, 2008).

Alguns autores sugerem a utilização do cinema como recurso sensibilizador para o processo educativo, destacando nos filmes, valores e virtudes humanas. Entretanto, ressaltam para a subjetividade e romantismo que alguns podem trazer, cabendo ao educador mediar. É imprescindível conhecer as diferentes percepções que o cinema pode estabelecer na educação e também em outros campos (CARGNIN, 2015).

Os filmes podem incentivar a participação ativa não só em sala de aula, mas também em qualquer momento no processo de ensino-aprendizagem, assim como na vida em sociedade. O que é percebido pode ser analisado posteriormente, auxiliando os espectadores

no desenvolvimento de uma visão crítica acerca da temática do vídeo e na construção e reconstrução de conceitos (ANTUNES; OLIVEIRA, 2010).

Isso se deve pois por meio de um filme o espectador compreende de maneira sensitiva e não apenas cognitiva. Ao assistir um filme, além da captação de conteúdos, podem ocorrer vivências de todos os tipos (emoções, sensações, atitudes, ações, conhecimentos) (SERRA; ARROIO, 2008).

Desta forma, o cinema ambiental pode ser capaz de sensibilizar os indivíduos para esses problemas, visto que pesquisas realizadas com estudantes puderam observar um maior interesse por parte deles para com o assunto. O audiovisual de caráter ambiental pode abordar temas como o consumismo, o desenvolvimento sustentável, a reciclagem, a conservação e/ou preservação da água, dentre muitos outros, visando à sensibilização para o meio ambiente, se apresentando como potencial ferramenta multiplicadora do conhecimento (ANTUNES; OLIVEIRA, 2010).

Por esses motivos, o cinema para educar e sensibilizar pode ser muito importante, e mesmo não tendo como prever qual o tipo de percepção que os espectadores terão ao tomarem contato com determinado filme (CARGNIN, 2015). Ainda assim, sua utilização não somente como entretenimento, mas também como instrumento no campo da educacional e como meio sensibilizador pode trazer resultados muito satisfatórios.

Sendo assim, o cinema reflete as dimensões histórico-sociais e também humanas, viabilizadas por meio do contato entre as personagens e os tentames do espectador, auxilia o educando a perceber seu papel social no contexto em que vive e propicia a sensibilização por meio da reprodução artística da realidade. Portanto, estudar o cinema é significativo pela própria prática, mas também pela finalidade de esmiuçar a arte em prol da cultura. Esse ato traz maior compreensão das singularidades do cinema enquanto meio de comunicação (FREITAS, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua criação até o momento atual, o cinema passou por muitas etapas e transformações, iniciando-se como uma forma de entretenimento das massas e um pouco sem credibilidade sobre sua real utilidade. Contudo, a mudança de pensamento sobre essa arte começou com os estudos de admiradores do cinema, em sua maioria, pessoas que trabalhavam

nas produções de filmes, e na junção desses estudos com outras áreas, como a história, a linguística e a psicologia, dentre outras.

Essas associações de áreas de conhecimento com a cinematografia possibilitaram inúmeras discussões sobre o papel do cinema nas sociedades. Dentre eles, se apresentando enquanto recurso para auxiliar na educação e sensibilização relacionadas ao meio ambiente e outros temas atrelados ao ambiente escolar, por seu caráter influenciador e formador de opinião, e enquanto documento histórico, para estudar o comportamento e as representações das sociedades no decorrer das produções.

A importância do cinema nos estudos das sociedades fez surgir uma categoria dentro dele para produzir e debater os temas relacionados ao meio natural. O cinema ambiental (assim chamado) se tornou o grande responsável por transmitir, por meio das telas, as angústias e os problemas gerados pelas sociedades modernas, que produziam muito e consumiam muito, em que ainda havia uma noção de que os recursos naturais eram inesgotáveis.

Os momentos históricos pelos quais a temática ambiental transitou, apresentaram todas as fases da degradação ambiental e a importância de debater o assunto na busca por soluções. Nesse contexto, o elemento “Água” sempre foi muito retratado, seja por sua beleza, ou mesmo pela crescente preocupação com sua escassez. Preocupação essa, que se torna crescente pelo fato das recorrentes crises de gestão e abastecimento do recurso e a emergência de encontrar soluções para esses problemas, e mais do que isso, de modificar pensamentos e atitudes para conservar e preservar esse bem.

Isso se reflete na importância do cinema enquanto documento histórico nos estudos para identificar as representações das sociedades, tanto que a história do cinema se confunde com a história das sociedades. Estudar filmes para conhecer o passado é muito relevante no sentido de conhecer aspectos culturais, comportamentais, políticos, sociais e muitos outros.

Esse caráter de documento informativo e influenciador de opiniões fez com que os audiovisuais passassem a ser incluídos no sistema educacional no mundo todo. Sendo utilizado como instrumento no ensino dos mais variados temas, por proporcionar discussões sobretudo, de questões sociais e ambientais de uma forma ilustrativa e instigante, e também como ferramenta capaz de desenvolver a criatividade e sensibilizar para essas questões.

Pode-se observar que essas discussões sobre o potencial transformador do cinema, estão mais relacionados com a grande área da educação, ainda mais quando se trata da sensibilização para com os temas ambientais. Muito se deve pelo próprio fato de a

sensibilização ser discutida principalmente no ambiente escolar e se relacionando com a formação ética.

Porém, as reações provocadas pelo cinema não necessitam de uma sala de aula, ou, de estar em fase de formação de opinião, mesmo porque o ser humano está em constante mudança. O despertar das emoções, o envolvimento com a história e até mesmo a capacidade de sensibilizar, acontece em todas as fases da vida e em qualquer ambiente, e é isso que torna o cinema tão brilhante e necessário.

CAPÍTULO III - A SIGNIFICAÇÃO NO CINEMA: ANÁLISE FÍLMICA DE QUATRO OBRAS RELACIONADAS À TEMÁTICA ÁGUA

RESUMO

O cinema é dotado de uma linguagem própria e adentrar nos estudos sobre ela pode ajudar a compreender o processo de construção dos filmes e de como eles podem envolver os espectadores com suas representações. Nesse sentido, a análise fílmica torna-se fundamental para entender melhor a construção dessa linguagem, que nesse artigo é apresentada por meio de filmes que abordam a temática água e a importância de sua conservação. Sendo assim, são evidenciados alguns segmentos dos filmes *Conflito das Águas* (2010), *Um Mundo Sedento* (2012), *Rango* (2011), e *Abuela Grillo* (2009), segundo a grande sintagmática proposta por Christian Metz, buscando nas obras fílmicas o significante e o significado, a fim de ressaltar como a estrutura dos filmes citados podem transmitir mensagens positivas com relação à busca por soluções e proporcionar reflexões sobre a conservação da água.

Palavras-chave: Significação no Cinema. Grande Sintagmática. Água no cinema.

ABSTRACT

Cinema is endowed with a language of its own and to study the language can help to understand the process of building films and how they can engage viewers with their representations. In this sense, the filmic analysis becomes fundamental to better understand the construction of this language, which in this article is presented by means of films that approach the theme water and the importance of this conservation. Thus, some segments of the films *Even the Rain* (2010), *A Thirsty World* (2012), *Rango* (2011), and *Abuela Grillo* (2009) are shown, according to the great syntagmatic proposed by Christian Metz, seeking in that films the signifier and the meaning, in order to emphasize how the structure of the cited films can transmit positive messages regarding the search for solutions and provide reflections on the conservation of water.

Keywords: Meaning in Cinema. Great Syntagmatic. Water in the Cinema.

INTRODUÇÃO

Em mais de cem anos de existência, pode-se dizer que no cinema houve um grande número de movimentos, relacionados à estética, com produtividades variadas, e muitas melhorias nos processos de produção em geral dos filmes, que vão desde as filmagens, até as distribuições, e por esse motivo, não há como mensurar o quanto o cinema como contador de histórias interferiu na relação dos sujeitos com o saber (FABRIS, 2008).

Muito antes do início dos estudos relacionados à linguagem cinematográfica, ainda no cinema silencioso, em suas primeiras projeções, além de não haver sons, ainda não existiam legendas nos filmes, por isso, contar a história era papel inteiramente das imagens.

Porém, um curioso e importante ofício nascia também, o de explicador. Essa figura se posicionava ao lado da tela e apontava as personagens com uma espécie de bastão, descrevendo cena por cena (FABRIS, 2008). A existência de um explicador pode ser considerada como o início da construção do cinema como fonte histórica e passível de ser analisado e explicado para ser melhor entendido e aproveitado pelos espectadores.

Com o passar do tempo, se iniciou uma curiosidade em saber mais sobre o processo fílmico e como ele poderia ser utilizado para outras finalidades, e não somente como entretenimento.

Assim, o cinema passou ser estudado por diferentes vertentes científicas, tais como a sociologia, a psicologia, a estética, a história, entre outras. Cada área busca analisar as obras de acordo com seu ponto de vista, sendo a vertente da estética do filme a que pode dar conta do cinema enquanto bem cultural, e até mesmo um importante mecanismo para transmitir ideias (OLIVEIRA; COLOMBO, 2014).

Estudar o cinema é significativo pela própria prática, mas também pela finalidade de esmiuçar a arte em prol da cultura, esse ato, traz maior compreensão das singularidades do cinema enquanto meio de comunicação (FREITAS; SOUZA, 2015).

Se aprofundar na estética da obra cinematográfica pode esclarecer a existência de uma linguagem que é própria do cinema, e de como essa linguagem é utilizada na construção dos filmes para trabalhar a representação da realidade, ou mesmo contar uma história, narrar fatos.

A linguagem é um elemento fundamental para entender o cinema, como se sabe, um fator essencial para entendermos os fundamentos do cinema, e também das artes. Benjamin (1994) considera que a linguagem da arte somente pode ser compreendida quando analisada

suas relações com a teoria dos signos, pois essa teoria é primordial e sem ela os estudos sobre linguagem tornam-se limitados.

Nesse sentido, a semiologia trouxe grande contribuição no estudo da linguagem visual e da imagem (KORNIS, 1992).

A semiologia como ciência foi proposta por Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguísta e filósofo suíço, que entende a linguagem como um sistema de signos que por sua vez, revelam ideias. Ela seria então uma ciência que estuda os signos na essência da sociedade, e como esses códigos a influenciam. Portanto, quando se fala em semiologia do filme, refere-se às análises dos códigos cinematográficos presentes na linguagem do cinema e as influências que podem causar nos espectadores (OLIVEIRA; COLOMBO, 2014).

Esse estudo é possível porque o cinema cria um sistema de significação por meio das imagens em movimento, em conjunto às técnicas de filmagem e montagem e sua narrativa. Ele rompe com as representações mais comuns, e por isso, analisar um filme acaba se tornando algo novo, porque a imagem não apenas busca reproduzir o real, mas também faz com que o espectador entre em uma dimensão espaço-temporal muito própria, mostrando o olhar por meio das lentes das câmeras. Assim, o espectador é levado a pensar e conhecer pelas imagens (FABRIS, 2008).

O estudo da linguagem no cinema pode ser realizado por meio da análise fílmica. Ela tem papel importante na exposição da significação do que é representado, pois o objetivo dessa análise é esclarecer o funcionamento das obras cinematográficas propondo-lhes uma interpretação (PENAFRIA, 2009).

Sobretudo a análise textual pode adentrar na questão da linguagem do cinema para explicá-la. A análise textual tem sua origem na grande sintagmática (conjunto de elementos de linguagem do filme) proposta pelo teorizador de filmes francês Christian Metz (1931-1993). Essa análise foi pioneira na aplicação das teorias de Ferdinand de Saussure na semiologia do cinema.

Para Metz, o cinema pode ser considerado uma linguagem porque em sua montagem, pode escolher e organizar elementos relevantes não somente para o filme, mas também para o espectador (OLIVEIRA; COLOMBO, 2014). A análise viria como uma forma de traduzir toda a composição da obra de maneira a ficar mais evidente o que queria ser retratado no filme.

A semiologia estruturalista utilizada por Metz (1980) parte do pressuposto de que os filmes são textos dotados de um discurso e uma linguagem própria, e que uma análise esquematizada seria capaz de decodificar esses discursos.

Na análise textual fílmica é necessário se introduzir na obra, não sendo regra utilizar uma teoria geral concreta, visto que ela possui caráter flexível, ou seja, não fica somente nos estudos semiológicos da linguagem cinematográfica. Essa análise considera basicamente duas composições que são: uma condição intermediária entre o filme e sua análise; e a modificação dos olhares sobre o filme, que pode ser em menor ou maior intensidade (MARIE, 1995).

Pode-se dizer que a análise fílmica se difere da crítica de cinema no sentido de que é mais voltada à academia, aos estudos de obras cinematográficas, e a crítica está relacionada ao jornalismo cultural. Embora possuam suas diferenças, é preciso esclarecer que toda crítica deve conter um olhar analítico, e toda análise precisa de uma perspectiva crítica para ser fundamentada. Portanto, não há impedimento para que as duas vertentes estejam presentes em um mesmo texto sobre determinada obra fílmica (CARVALHO, 2014).

As análises em filmes categorizados como cinema ambiental podem elucidar pontos importantes como a forma que o filme foi pensado e estruturado para apresentar os significados finais do que foi desejado transmitir, assim, pode-se saber se de alguma forma o objetivo foi realizado. Sendo assim, no artigo são apresentadas breves análises realizadas nos filmes com a temática água que foram selecionados a partir de uma lista de filmes, que são: Conflito das Águas, de Iciar Bollain (2010), Um Mundo Sedento, de Yann Arthus-Bertrand; Thierry Piantanida; Baptiste Rouget-Luchaire (2012), Rango, de Gore Verbinski (2011), e Abuela Grillo, de Denis Chapon (2009), buscando mostrar como as diferentes discussões realizadas nos filmes sobre a água se apresentam aos espectadores, segundo a teoria da grande sintagmática proposta por Metz (2008).

Embora as análises apresentadas sejam fundamentadas na teoria citada acima, elas não são aprofundadas de maneira a detalhar todas as obras, descrevendo todas as cenas, mas sim, esclarecerem alguns pontos em comuns que esses filmes possuem em suas construções, sobretudo na narrativa abordando a temática água, tendo se baseado em alguns casos do mesmo contexto histórico em suas realizações. As análises neste trabalho, pretendem apenas aproximar o leitor da linguagem cinematográfica, de como ela se compõe nas obras para dar significado ao que é assistido.

METODOLOGIA

Neste trabalho foi realizado um levantamento de filmes contendo a temática água, e a importância da sua conservação.

O levantamento de filmes ocorreu por meio de buscas realizadas nas páginas (*sites*) de importantes festivais de cinema ambiental que instituições atuantes na área de meio ambiente, educação, cultura e mídia promovem, os quais:

- Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental”, realizado há quatro anos por meio de uma parceria da organização não governamental Ecofalante;
- Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), que acontece há quinze anos na cidade de Goiás (GO), e tem como objetivo debater as questões ambientais utilizando a plataforma do cinema;
- Festival Internacional de Cinema Ambiental e Direitos Humanos (ECOCINE), que foi criado em 1992 juntamente com a ECO 92 e desde 2005 aborda questões dos Direitos Humanos, ocorre em Paraty (RJ), Campinas (SP) e São Paulo (SP).
- Festival Internacional de Cinema Socioambiental Planeta.DOC, criado em 2014 com o objetivo de exibir e premiar documentários, programas de televisão e animações que promovam o avanço do conhecimento sobre o funcionamento da Terra como sistema vivo, promovendo assim, uma reflexão sobre a sociedade contemporânea. O festival acontece em Florianópolis (SC).
- Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente, o CineEco Seia acontece em Portugal e é um dos festivais mais tradicionais da Europa nesse sentido, criado em 1995, busca sensibilizar para as questões ambientais e o cinema em si.

Nessa pesquisa, foram selecionados filmes para compor uma lista (apresentada no apêndice) nas categorias de longas-metragens de ficção, documentários, longas-metragens de animação e curtas-metragens variados, levando em conta os audiovisuais que abordam a

questão da água sob diferentes óticas, dentre eles: a relação do ser humano com a água, a importância da sua conservação e o problema da escassez.

Cada filme foi caracterizado e categorizado conforme os seguintes dados: direção; título original (em caso de filmes de outras nacionalidades); gênero; tempo de duração; ano (lançamento); país e classificação etária. Ao final, foram escolhidos apenas quatro filmes para a utilização na pesquisa, sendo eles: “Conflito das Águas” (de Icíar Bollaín, 2010), “Um Mundo Sedento” (de Yann Arthus-Bertrand; Thierry Piantanida; Baptiste Rouget-Luchaire, 2012), “Rango” (de Gore Verbinski, 2011), e “Abuela Grillo” (de Denis Chapon, 2009). Essa escolha, porém, foi mais pessoal, de acordo com as reações causadas na pesquisadora ao assistir os filmes.

Para conhecer mais profundamente como a linguagem cinematográfica é construída para atribuir significado às imagens apresentadas nos filmes que foram utilizados na pesquisa, se tornou fundamental realizar análises fílmicas nas obras. A análise fílmica aparece em vários discursos sobre os filmes, e pode indicar carácter publicitário, como um comentário, ou ser mais acadêmica, como em estudos sobre as obras cinematográficas. Apesar de não ser recente, ainda não há uma metodologia única para realizar essas análises, e ela depende sobretudo, do olhar do analista (PENAFRIA, 2009).

A análise fílmica não é considerada uma crítica de cinema, porém, pode apresentar elementos de uma crítica, como, objetividade e criatividade. Contudo, ainda é necessário conter certa subjetividade e uma dissertação sistemática e metodológica (FRANÇA, 2002), ou seja, é necessário manter um tom científico, mas colocar sensibilidade nas análises.

Nesta pesquisa, o tipo de análise escolhida para ser realizada nos filmes foi a análise fílmica textual proposta por Christian Metz (1931-1993) que tem sua origem nas décadas de 1960 e 1970 e foi inspirada nos estudos linguísticos (PENAFRIA, 2009), mais precisamente na semiologia de Saussure.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) fez importantes contribuições no estudo dos signos na linguagem. Ele trabalha o significante (forma, imagem) e o significado (conceito, conteúdo), onde o significante é tido como um artifício de seres humanos quando se comunicam ou exprimem algo, é ele que determina o significado, ou reconhece os conceitos, o conteúdo em si. Já o significado é entendido no campo psicológico como uma imagem mental (SAUSSURE, 1999)

A análise textual proposta por Metz, considera a existência do que chama de Grande Sintagmática⁶ do filme narrativo, em que, no cinema, o significante seria a imagem e o significado é o que representa essa imagem, tendo em vista que a imagem é equivalente aos planos, e a sequência desses planos é um segmento complexo de discurso (OLIVEIRA; COLOMBO, 2014).

Essa análise tem por objetivo decompor um filme inteirando sua estrutura. Para tanto, o filme é dividido em segmentos, unidades dramáticas/sintagmas (sequência de elementos linguísticos), normalmente utilizando a percepção da separação dos planos (quando o plano se fecha na cor preta indicando a passagem para outro), nessa linha de análise o texto é mais importante do que a imagem. Metz determina códigos para sua análise textual baseados na capacidade do espectador perceber objetos na tela (percepção), interpretar recorrendo à sua cultura o que vê na tela (culturais), e por fim, interpretar o que vê mediante os recursos cinematográficos, como identificar em um filme que duas cenas podem se passar no mesmo momento, porém em espaços diferentes (códigos específicos) (PENAFRIA, 2009).

Na grande sintagmática, Metz (2008) divide os filmes em segmentos autônomos, que são subdivisões de primeiro nível, ou seja, subdivisões do filme como um todo.

Os segmentos autônomos são distribuídos em seis tipos sintagmáticos:

⁶ Referente a sintagma, que corresponde a uma unidade sintática da estrutura linguística. É formada por uma ou mesmo várias palavras, em que existe um elemento determinado e outro determinante. Diz-se de algo que estabelece relação de interdependência com outra coisa (MICHAELIS, 2017).

Grande Sintagmática
(Christian Metz)

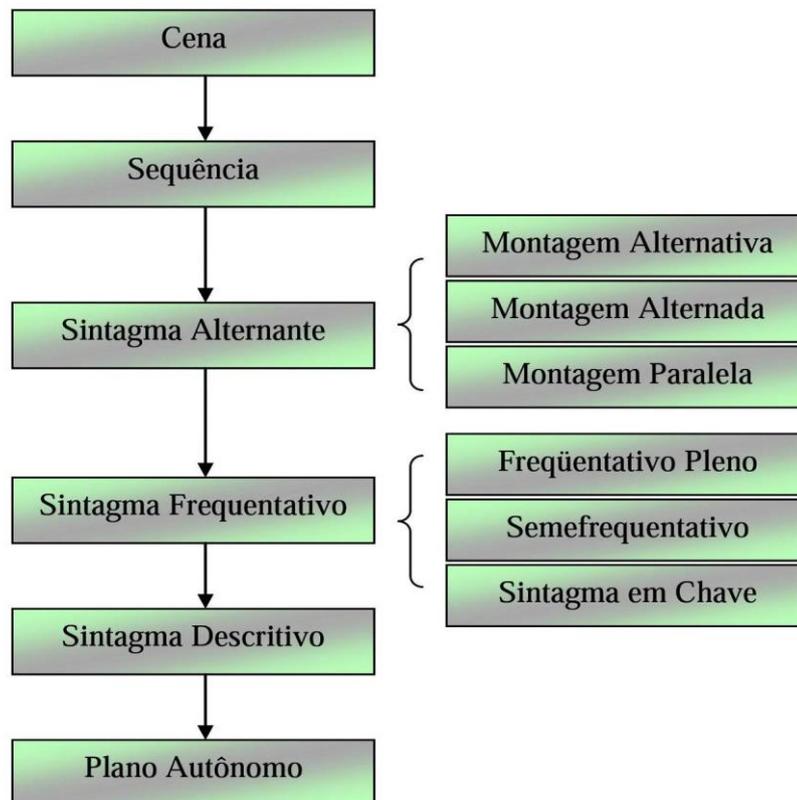


Figura 1 - Grande Sintagmática

Fonte: elaboração própria.

- **A cena:** se constitui como unidade concreta porque aos olhos dos espectadores o cenário é percebido de maneira unitária (exerga-se o todo), mas na verdade ele é fragmentado, necessitando de vários planos para que se possa perceber o cenário completo. Portanto, o cenário é o significante fragmentário, mas o significado é percebido como unitário;
- **A sequência:** contrói uma unidade por conseguir desprezar momentos desnecessários na construção da cena final, ou seja, as partes que não fazem diferença no contar da história. Portanto, na sequência não coincidem o tempo fílmico e o tempo diegético (a diegese se refere a tudo que é próprio da narrativa, somente diz respeito à trama e não ao chamado mundo real);

- **O sintagma alternante:** se apoia na narração, é rico em conotações diversas (significações), mas se define primeiramente como sendo uma maneira de construir a denotação (sentido original).

O sintagma alternante se divide em três subtipos com relação à denotação temporal:

a) A montagem alternativa, com relação à alternância diegética (alternância de foco entre personagens interagindo em uma mesma cena);

b) A montagem alternada, onde o significado da alternância é a simultaneidade diegética (alternância do foco na cena sem uma interação, ou diálogo);

c) A montagem paralela que diz respeito aos contrastes em cena, não havendo uma relação quanto ao tempo. Na totalidade do filme, a montagem paralela é a porta para todos os simbolismos.

- **O sintagma frequentativo:** representa uma sequência completa até o resultado final.

O sintagma frequentativo também se divide em três tipos:

a) No frequentativo pleno, há uma sincronia nas cenas;

b) No semifrequentativo há uma sucessão de sincronias que evolui continuamente de forma lenta, algo que remete ao psicológico;

c) No sintagma em chave há uma série de breves evocações relacionados a uma mesma ordem de realidades.

- **O sintagma descritivo:** se opõe aos anteriores porque nos citados acima, a sucessão das imagens na tela (significante) corresponde à relação temporal na diegese (significado) de alguma forma. Contudo, no descritivo essa sucessão corresponde a séries de coexistências espaciais entre os fatos narrados, como a ausência de movimento.

- O sintagma descritivo no entanto, não se aplica somente a objetos e personagens imóveis, as ações existentes precisam ter paralelismo espacial, ou seja, ações que não podem ser colocadas lado a lado no tempo, porque acontecem exatamente no mesmo momento, na mesma cena

- **O plano autônomo:** é constituído do plano sequência acrescido de insertos, que podem ser objetos e ações reais na cena, mas também imagens apresentadas como

lembranças, ou ainda imagens diegéticas. Isso tudo focado somente em uma personagem ou objeto em relação ao todo, ou seja, todos esses elementos precisam aparecer em um mesmo plano sequência.

O método de Metz foi escolhido pelo fato de se apresentar completo no sentido de perceber os significantes e os significados dos filmes, e assim, entender como essa linguagem do cinema chega até os espectadores.

Os filmes selecionados para este trabalho foram descritos e ressaltados neles algumas cenas correspondentes aos segmentos acima descritos.

RESULTADOS, DESCRIÇÃO E APONTAMENTOS DE ALGUNS SEGMENTOS AUTÔNOMOS DOS FILMES

CONFLITO DAS ÁGUAS

Ano: 2010

Gênero: longa-metragem de ficção

Roteiro: Paul Laverty

Personagens principais: Costa (Luis Tosar); Sebastián (Gael García Bernal); Daniel (Juan Carlos Aduviri); Belén (Milena Soliz); Teresa (Leónidas Chiri).

O filme *Conflito das Águas* é baseado em um fato real que aconteceu na cidade de Cochabamba (Bolívia) em 2000, em um episódio conhecido como a Guerra da Água, quando o governo municipal iniciava um contrato de privatização do sistema de abastecimento de água do município com a empresa norte-americana Bechtel (DRUMOND, 2015).

Uma equipe de produção da Espanha chega à cidade para iniciar as gravações de um filme cuja história iria retratar a colonização da América. O filme já inicia com uma discussão interessante, pois ocorre um tumulto na fila para testes com possíveis figurantes para o filme, quando a equipe anuncia para as pessoas que os testes acabaram porque já haviam pessoas suficientes. Daniel, um dos moradores do local, reivindica seus direitos, pois no folheto distribuído pelos produtores dizia que todos teriam uma chance, e que sua filha queria participar do filme. O fato chama a atenção do diretor do filme (Sebastián) para Daniel, e ele volta atrás pedindo para que atendam a todos na fila, inclusive aquele homem e sua filha. É interessante ressaltar que Daniel simboliza a resistência do povo, essa personagem se traduz na luta de todo o povo da cidade.

Quando a equipe de produção está a caminho do local das gravações, os integrantes travam uma discussão interessante entre eles sobre poder e dinheiro, o produtor do filme (Costa) diz que tudo é negociável e que o dinheiro controla tudo, até porque muitos estavam ali apenas pelo dinheiro, nem se familiarizavam com a história que iria ser contada, somente queriam receber suas partes. Esse pensamento ilustra bem o problema que o filme apresentará acerca da privatização da água, um momento histórico ocorrido em Cochabamba.

O menosprezo pelas pessoas que não detém esse poder também é representado no filme, quando na mesma cena, Costa apresenta uma visão generalizante sobre os povos indígenas, dizendo que os índios são todos iguais, e mais à frente, essa personalidade mais dura e individualista da personagem se sobressairá durante o filme, quando ele se mostra pouco preocupado com os acontecimentos da cidade, e com a luta do povo.

Nesse momento em que a equipe do filme está em Cochabamba, ela se vê obrigada a dividir os holofotes com os protestos contra a privatização do abastecimento de água que acaba gerando um caos na cidade e dificulta o trabalho das filmagens.

Durante o tempo todo, as cenas e os diálogos do filme se confundem entre passado e presente, hora mostrando o desenvolvimento das filmagens – quando a história central é a colonização da América (a tomada das terras ocupadas por povos indígenas e sua dizimação, o contraste existente entre o poder da coroa espanhola que incitava o embate entre diferentes grupos de indígenas para sair vitoriosa, e a suscetividade dos povos indígenas, que mesmo lutando, acabavam sendo dominados). E outras vezes, as cenas se ocupam das manifestações que tomavam conta da cidade contra a privatização do abastecimento de água, mais uma vez, a luta do povo contra o poder de alguém querendo lhes tomar algo de direito, a água.

Esse é exatamente o conflito enfrentado por Daniel, que é um líder comunitário, e se vê entre as filmagens de um passado ainda presente, de uma luta que não havia acabado, e indignado com a indiferença de Costa, que os tratava como se fossem menos importantes, como se qualquer dinheiro, mesmo que pouco, já os fizessem felizes.

Aos poucos, Costa se abre para os problemas da população que entre as gravações se ocupam das discussões de como devem se organizar para tentar impedir a privatização da água, visto que o povo não teria como pagar pelo recurso.

Outro contraste apresentado pelo filme, é como a equipe de produção do filme rodado na cidade é tratada pelos governantes, enquanto o povo protesta do lado de fora, mais uma vez, o dinheiro é a questão central da discussão. Em muitos momentos é mostrado também o conflito entre a própria equipe de filmagem, uns se mostram mais humanos, outros apenas

querem terminar o filme, e ainda há os que apenas sentem medo da situação, e temem somente pela própria vida.

As manifestações tomam conta da cidade, e acabam colocando o término das filmagens em risco. Nesse momento, Daniel é preso e Costa faz um acordo com a polícia, pagando para que o soltem pelo menos até o término das filmagens e depois a polícia poderia prendê-lo novamente se assim o desejasse. ele seria novamente preso.

Contudo, Belén (filha de Daniel) acaba se ferindo nos protestos e sua mãe (Teresa) pede ajuda a Costa, porque somente alguém da equipe poderia passar pelo bloqueio. Nesse momento, Costa já se mostra totalmente envolvido com aquela família que antes não significava nada para ele. Em meio ao confronto entre o povo e a polícia, Costa consegue encontrar Belén que se salva, embora com alguma dificuldade para andar. E então vai em busca do pai da menina (Daniel), e nesse caminho, ele se depara com o inesperado, a notícia de que a luta podia acabar, pois o governo havia cedido e não privatizaria mais a água.

O diálogo final entre Daniel e Costa em tom emocionante apresenta a amizade iniciada pelos dois, marcada pela mudança na personalidade de Costa e pelo heroísmo de Daniel, que termina quase como que protagonista das duas histórias, no filme ficcional e na luta pela água com seu povo. Costa leva de presente o maior bem daquele lugar, um frasco com água, símbolo de tudo que havia se passado ali.

Montagem alternativa: os diálogos entre Costa e Daniel em Conflito das Águas, a câmera alterna na captação da imagem de quem fala no momento, desfocando o outro);

Montagem paralela: a forma como a equipe de filmagem é tratada pelo prefeito de Cochabamba ao ser recebida por ele, e como esse mesmo prefeito trata o povo que luta por seus direitos.

Sintagma em chave: as cenas das manifestações em Conflito das Águas, elas não são apresentadas de forma ampla, pois há muitas ações que poderiam ser mostradas durante os atos, mas a intenção não é mostrar o que houve em detalhes neles e sim, que a existência dos atos, foram importantes no desenvolver da história.

Sintagma descritivo: Daniel e a equipe de produção nas manifestações em Conflito das Águas, os pontos de vistas podem até ser diferentes, porque um participa ativamente do ato, enquanto as pessoas da equipe apenas assistem ao que está acontecendo, mas todos pertencem a uma mesma cena.

UM MUNDO SEDENTO

Ano: 2012

Gênero: documentário

Roteiro: Yann Arthus-Bertrand

Direção: Yann Arthus-Bertrand; Thierry Piantanida; Baptiste Rouget-Luchaire

O documentário Um Mundo Sedento, do fotógrafo Yann Arthus-Bertrand, foi filmado em cerca de 20 países e apresenta a temática água de uma forma abrangente mostrando toda sua importância ao retratar os desafios da sobrevivência humana na iminência de sua escassez, e até mesmo das lutas travadas para a conquista do recurso.

Logo no início, faz apontamentos sobre alguns dados relacionados à água, como por exemplo, o quanto é consumido de água na produção de alguns tipos de alimentos e bens de consumo, a chamada “ água virtual”, aquela que em teoria não se vê, mas foi utilizada em algum momento da produção.

Discute sobre como a desigualdade na distribuição do recurso afeta os países menos desenvolvidos que sofrem com a escassez ou com a falta de qualidade da água para o consumo, em contrapartida, a maioria das populações dos países desenvolvidos utilizam a água como se o recurso fosse infinito.

Nesse contexto ainda, apresenta o problema da falta de tratamento da água que ainda causa muitas mortes no mundo todo. Aborda também a questão da água gerando conflitos pelo seu domínio, a posse do recurso ainda causa muitas guerras ao redor do mundo.

No filme também são destacadas ações importantes e pessoas que buscam fazer a diferença como Vandana Shiva e Gerald Rosso que lutam por soluções sustentáveis que incluem o uso da água na produção de alimentos.

A distribuição de água no mundo é desigual e isso causa muitos problemas, como conflitos por sua posse. No Quênia (África), as tribos de pastores nômades Dassanech e Turcana lutam pelo controle do último oásis que restou na região, obrigando alguns integrantes dessas tribos a desistirem e se deslocarem por medo de morrer.

A importância de uma boa gestão da água, surge ao lembrar do caso de Barcelona (Espanha), quando houve uma seca prolongada em 2008 causando muitos transtornos na cidade toda. O grande questionamento está no fato de a população da cidade não ser grande consumidora do recurso na Europa, e que o problema provavelmente foi ocasionado por problemas na gestão.

No decorrer do documentário, são descortinados dados alarmantes a todo momento para provocar reflexões, como o fato de oitocentos milhões de seres humanos ainda não terem acesso à água potável no mundo.

Entre uma das regiões mais quentes do planeta, está Kaye, no sudoeste do Mali (África), os moradores são obrigados a andar quilômetros todos os dias para buscar água no rio, até mais de uma vez por dia, e a água não é boa para consumo, mas é a única opção para eles. Com o intuito de melhorar a vida das populações, o trabalho de perfuração de poços artesanais na África da ONG Águas Claras tem contribuído para que as pessoas sofram menos com a falta de água. Os desafios encontrados nesse processo, como a possibilidade de fracasso, de não encontrar água suficiente nas perfurações, de não ter como dar assistência adequada aos poços, são enfrentados todos os dias, mas isso não desanima a ONG que segue ajudando as pessoas.

No Camboja (Ásia), as pessoas vivem sobre a água (literalmente) e mesmo assim sofrem com a falta de qualidade do recurso. Um dos maiores lagos da Ásia, o Lago Tonlé Sap já foi uma fonte de águas limpas, abastecendo a população do lugar por muito tempo, porém, com a urbanização e a chegada de indústrias, as águas foram totalmente poluídas, mas os moradores continuam consumindo essa água que causa doenças neles.

Para amenizar esse problema, a ONG Mil e Um Chafarizes se dedica a cuidar da educação dos moradores para o meio ambiente, esclarecendo sobre os problemas causados pelo consumo de água insalubre, e distribuem filtros e até mesmo criam empregos e melhores condições de vida para os moradores da região.

Em Phnom Penh (Camboja, Ásia), o trabalho de Ek Sonn Chan (diretor geral do serviço de água da cidade) foi fundamental para reconstruir todo o sistema de água potável da capital com o financiamento da Ajuda Internacional, chegando a atender mais de 90% da população. Com isso, Phnom Penh é considerada a cidade com uma das melhores redes de água do mundo.

O Brasil também é citado no filme, com uma triste estatística, o Rio de Janeiro é um dos lugares onde há muitas favelas e conseqüentemente há precariedade nos serviços de abastecimento de água e esgoto nesses locais. Com a urbanização acelerada, torna-se quase impossível atender a toda população, fato que causa ainda, muitas doenças ligadas às águas nas cidades em desenvolvimento.

Kibera (Nairóbi, Quênia) é considerada a maior favela da África e apresenta condições de vida muito degradantes. Há a necessidade de educar as pessoas para que usem banheiros

públicos, pois, a grande maioria das pessoas não possuem sanitários em suas casas, mantendo o costume das chamadas “privadas voadoras” (necessidades fisiológicas feitas em sacolas e atiradas nos telhados), uma solução para tirar da vista a sujeira, mas obviamente não eficaz, porque ainda continua ali, proliferando doenças, e causando problemas ambientais e de saúde.

O esgoto corre a céu aberto em Kibera, na porta das casas onde as crianças brincam sem nenhuma preocupação. Os relatos da equipe do Médicos Sem Fronteiras mostram que as crianças são as maiores vítimas dessas condições inadequadas de higiene, e morrem de desidratação provocada por vômitos e diarreias.

Transformar um problema em solução também se apresenta como algo positivo nos dias de hoje, como em Calcutá (Índia), onde grande parte da população fica às margens do rio Ganges, porém, em alguns bairros mais pobres, as pessoas só tem água algumas horas por dia. Contudo, a população começou a utilizar peixes para tratar o esgoto. O escrementos levados até um pântano pela rede de canais que irriga a cidade são degradados por bactérias que nutrem os plânctons e que por sua vez, alimentam os peixes. Nesse processo, a água pode voltar para a natureza, essa soluçãoacarreta em uma maior produção de peixes e gerando mais empregos.

Catarina de Albuquerque é citada como figura importante no trabalho que realiza pela ONU, a organização reconheceu em 2010 que o acesso à água e condições adequadas de esgoto deve ser garantido para todas as populações do mundo. O Direito Internacional à Água trouxe um pouco de esperança às pessoas com menos voz, tendo em vista que os governos precisam garantir por lei uma quantidade de água diária para consumo à todas as pessoas. Catarina explica que as populações precisam saber dos seus direitos para poderem exigir melhorias, ainda não é um tipo ideal de sociedade e de direitos adquiridos, mas há bastante esforço para mudar essa realidade.

O documentário ainda mostra dados preocupantes de como a água no mundo não é mantida limpa, pois o ser humano está poluindo todas as fontes de água de que tem acesso, até mesmo as subterrâneas e sem se dar conta de que está envenenando a si próprio.

Na França, onde a prática da agricultura é intensiva as águas subterrâneas são consideradas as mais poluídas do mundo. A poluição das águas dos mares também gera aumento das algas que liberam um gás tóxico em sua decomposição. Porém, algumas cidades da região encontraram uma forma de amenizar a situação e reciclar os dejetos suínos e gerar biogás que abastece as casas.

Já na China, a poluição apresenta números alarmantes pela quantidade de indústrias existentes no país. A água no país está tão poluída que ninguém mais bebe água da torneira. As populações que se utilizavam dos rios para sobreviver estão na miséria por conta da poluição. Contudo, uma esperança surge na luta do advogado Wang Çanfa, que criou uma ONG de defesa para vítimas da poluição e arrecada dinheiro para limpar os rios, assim, os pescadores podem voltar às suas atividades e gerar renda. Além disso, o ex-jornalista Ma Jun produziu um *site* para listar empresas que foram condenadas por poluir as águas na China, essas denúncias acabam sendo importantes porque as empresas querem sair dessa lista, pois muitos consumidores hoje em dia levam muito a sério a importância de cuidar do meio ambiente.

Em Xangai, por exemplo, as grandes indústrias poluidoras foram realocadas em um parque fora da cidade, e nesse local mesmo há um monitoramento para avaliar o grau de poluição das águas e assim, tratá-las para devolver ao meio natural.

A importância da água na produção e desenvolvimento das sociedades também é discutida ao abordar sobre os sistema de canais de irrigação dos povos antigos do khmers (Camboja), que possibilitava três sacas de arroz por ano, mas acabou não sobrevivendo à demanda de água.

A preocupação se as sociedades irão sobreviver às catástrofes naturais (não tão naturais), é lançada no documentário, o ser humano está modificando demais o meio natural e isso gera enchentes em alguns pontos e seca, em outros, o clima não está se sustentando mais e isso afeta não somente a produção, mas também a qualidade de vida das pessoas.

A falta de água é uma preocupação muito forte na China, por contar com uma população muito grande e apenas 7% dos recursos hídricos. Uma ação para recuperar o Rio Amarelo tem mostrado resultados positivos.

No Alpes italianos, na região do Vale d'Aosta construiu barragens de altitudes, e a geração de energia supera o consumo, e ainda exporta para o restante da Itália e Suíça.

Nas condições atuais, o ser humano ainda precisará desenvolver mais técnicas para cuidar da água e utilizá-la na produção de alimentos, porque a demanda só aumenta. Nesse contexto, não só a produção de alimentos gera impacto nas águas, o cultivo de algodão se tornou um desastre na Ásia Central causando uma grande seca em prol da produção de tecidos.

A subalimentação na Índia foi controlada por conta do sistema de irrigação, mas as fontes de água estão secando, as pessoas precisam buscar soluções alternativas como utilizar

as águas das chuvas, as monções na Índia são importantes, mas as mudanças climáticas não permitem mais saber ao certo onde e quando as chuvas vão chegar. Vandana Shiva, da ONG Navdanya, luta por uma agricultura que utilize menos água e seja mais resistente às incertezas climáticas, utilizando compostos orgânicos baseada na agroecologia.

Como solução para utilizar menos água na produção de arroz, os cambojanos estão replantando a muda jovem depois de três semanas germinando, assim, o arroz cresce mais rápido, utilizando menos água no processo, pois não necessita dos alagamentos.

Nos Estados Unidos, a água ainda não falta para os fazendeiros, porém, as cidades cobiçam as águas porque o crescimento populacional tem aumentado tanto que o sistema de abastecimento não está mais dando conta, por isso, a cota de água disponibilizada aos fazendeiros do oeste tem gerado polêmica e conflitos, pois muitos fazendeiros estão vendendo suas terras e conseqüentemente suas cotas de água, isso causa uma disputa grande pelo recurso e desestabiliza as comunidades.

No entanto, um outro exemplo mostra que a água pode também unir, na África, o rio Senegal tem gerado cooperação entre países ribeirinhos. Em 1989, a Mauritânia e o Senegal entraram em conflito pela água, porém aprenderam a gerenciar o rio juntos, também com Mali e Guiné, todas as decisões sobre o rio e as atividades exercidas nele e por meio dele, são tomadas em conjunto, construíram também com o apoio da Agência Francesa de Desenvolvimento duas barragens que são coadministradas.

No Sudão do Sul, fica o maior pântano do Mundo, lá também vive os Dinka, um povoado que divide o seu espaço com as vacas, elas são tidas como sagradas também para o povo, elas são muito importantes e bem cuidadas por eles, o documentário apresenta esses povos para falar sobre um episódio ocorrido no local há mais de trinta anos, quando os Dinka pararam uma escavadeira gigante para salvar o pântano, se os trabalhos tivessem continuado, hoje o pântano não existiria mais, e prejudicaria ainda mais o clima da região, mas, por quanto tempo isso se sustentará?

O tempo todo é mostrada uma realidade árdua sobre a água, e logo depois apresentada uma solução possível para o problema exposto, deixando evidente que as atitudes locais são muito positivas, no entanto, o documentário termina com um dado difícil de aceitar nos dias de hoje, quatro mil crianças ainda morrem por dia no mundo todo por causa de água insalubre.

Cena: (as cenas aéreas de Um Mundo Sedento exemplificam esse segmento, é preciso alguns planos para que o espectador consiga ver o todo, mas a sensação é que isso acontece em um plano único);

Montagem paralela: abundância de água e ao mesmo tempo a escassez dela mostrada em Um Mundo Sedento.

RANGO

Ano: 2011

Gênero: longa-metragem de animação

Roteiro: Gore Verbinski; John Logan; James Ward Byrkit.

Personagens principais: Rango (Johnny Depp/voz); Feijão (Isla Fisher/voz); Prefeito (Ned Beatty/voz); Jake Cascavel (Bill Nighy/voz); Espírito do Oeste (Timothy Olyphant/voz).

O filme de animação conta a história de um lagarto, que no início da trama surge como um bicho doméstico. Durante uma viagem que a família a qual pertence faz, o lagarto se perde quando o aquário se quebra, e nesse momento é que começa toda a sua aventura.

Embora seja um filme voltado para o universo infantil, Rango tem uma linguagem mais elaborada e é composto por elementos que transmitem uma mensagem muito importante no diz respeito ao problema da escassez de água.

Enquanto vivia no aquário, a personagem principal se sentia segura e não lhe faltava nada, havia criado seus amigos (apenas objetos) e se mantinha na inércia da vida de bicho de estimação, as suas facetas eram apenas desejos, que são mostrados durante suas bricadeiras de faz de conta no início da história.

O filme traz um contraste de momentos com relação à água, em um momento ele está em um aquário (abundância do recurso) e logo após o vidro se quebrar, ele se vê sem água nenhuma (escassez do recurso), é quase instantânea a reação de desespero da personagem quando percebe que a água não está tão fácil de ser acessada como antes.

Logo após se perder, o lagarto começa a enfrentar as primeiras dificuldades, como sobreviver aos predadores e à falta de água. Esse primeiro contato dele com o mundo novo se inicia com sua luta em manter-se vivo e quando mais uma personagem entra nesse ponto (um sapo), fica clara a ideia de que a união é sempre a melhor opção para solucionar conflitos, uma clara alusão de que o individualismo não é bom, é preciso juntar forças para se chegar em soluções efetivas.

Após se salvar, o lagarto encontra a personagem Feijão. Ela é moradora de um povoado que está sofrendo com a falta de água e não sabem ao certo o porquê da situação.

Ao encontrar o lagarto, Feijão se interessa em saber quem ele era, é quando ele (sem saber ao certo sua própria identidade) começa a inventar histórias sobre sua pessoa, talvez numa tentativa de se tornar alguém mais interessante em vista do novo. Neste ponto do filme, é mostrada a falta de identidade, algo como estar alheio a tudo que acontece em volta, não se preocupar com o outro e conseqüentemente não se sentir parte de nada, sem um ideal.

Quando Feijão o leva para seu povoado, chamado “Poeira”, ao chegar a falta de uma identidade própria ainda é tão presente na personagem principal que ele se vê tentando imitar os gestos de todos que esbarram com ele, nesse momento ele cria sua personagem “Rango”, que de tão destemido (pelas histórias inventadas), acaba se tornando xerife daquele povoado.

No decorrer da história, Rango se torna mais confiante, porém, sua ingenuidade faz com que ela seja enganado por ladrões que roubam o que seria o depósito de água de toda a população. Hostilizado, Rango decide que vai ajudar a encontrar quem está roubando a água do povo e acaba descobrindo em suas aventuras um esquema de corrupção do qual o prefeito fazia parte.

A água é retratada como bem precioso no filme, visto que ela era guardada no banco do povoado, surgindo também a questão do poder, da corrupção, retratando que muitos problemas relacionados ao meio ambiente, sobretudo à falta de água, ocorre principalmente por problemas na gestão e falta de conscientização.

Finalmente Rango consegue desmascarar o prefeito, descortinando para o povo o real motivo da falta de água (o desvio pelo prefeito para a utilização na agricultura de suas terras), essa descoberta é feita com a ajuda do Espírito do Oeste. O filme traz nessa parte uma discussão importante de como a água é tida como prioridade em certos setores (agricultura), sem que os governantes se preocupem também com a quantidade e qualidade para a população em geral. Também traz a figura do Espírito do Oeste, que representa na verdade o conhecimento, só a partir do momento em que se tem o conhecimento, é que os indivíduos despertam para buscar seus direitos.

No final, Rango consegue trazer novamente para a cidade seu bem maior, a água e ainda acaba se descobrindo como alguém importante e com uma história e vivendo de verdade uma grande aventura. Rango termina com uma identidade, amigos de verdade e preocupado com um bem maior.

Montagem alternada: a cena de perseguição quando Rango e seus amigos tentam resgatar o reservatório de água roubado, a fim de saber quem estava por trás do roubo, ora o enfoque é em quem persegue, ora em quem é perseguido;

Frequentativo pleno: sequência em que Rango após se perder da família a qual pertencia percorre grande parte do deserto para tentar se salvar de um predador;

Plano autônomo: início do filme, quando Rango aparece falando como se estivesse conversando com outras pessoas, compartilhando suas ideias com amigos, mas estava apenas fazendo de conta que tudo aquilo estava acontecendo, ele era um bicho de estimação solitário, até o momento em que o aquário cai do carro e toda sua aventura começa.

ABUELA GRILLO

Ano: 2009

Gênero: curta-metragem de animação

Roteiro: Denis Chapon; Israel Hernández; Alfredo Ovando

Personagem principal: Abuela Grillo (Luzmila Carpio/voz).

Na animação Abuela Grillo é como a dona da água, que ao cantar derrama a água por onde passa e o “excesso” de sua canção (água) acaba fazendo com que a expulsem do povoado, pois tudo estava sempre alagado. Na busca por um lugar para ficar, Abuela é aprisionada por empresários, representantes da grande indústria da água, que começam a explorar seu dom.

A animação faz uma referência à relação do povo com a água, quando se tem em abundância, não é comum dar valor, não se sabe ao certo como seria sem o recurso. A posse da água também é retratada pelos homens que representam a indústria da água, e exploram a Abuela que por sua vez representa a água.

A água da Abuela Grillo é vendida por esses empresários para a população, enquanto a Abuela sofre em sua prisão e já nem sente vontade de cantar, na verdade está exausta de tanta exploração, o recurso chegando ao seu limite. Nesse ínterim o povoado onde Abuela vivia passa por uma seca terrível, fazendo com que as pessoas repensem a maneira como haviam tratado a dona da água. Também Abuela, percebe que está sendo explorada e resolve fugir dos empresários. O povo repensa a sua relação com a água depois de perceber que sem ela não é possível viver. Tomar consciência é a representação dessa parte, a partir do momento que a conscientização acontece, é possível ganhar força para buscar mudanças.

Abuela Grillo acaba sendo encontrada por moradores de sua vila e volta, levando também a água e toda a abundância trazida pelo elemento, e o povoado passa a conviver de uma forma harmônica com a Abuela e conseqüentemente com a água.

A animação é inspirada em uma história que é contada milenarmente pelo povo Ayoreo, da Bolívia, onde no princípio havia uma avó grilo chamada Direjná que era a dona da água e levava por onde passava um canto doce e a água (TAVARES, 2010).

Mas também foi influenciada pelo episódio da Gerra da Água vivida pelos bolivianos de Cochabamba, em 2000, quando a empresa Aguas del Tunari (filial do grupo norte-americano Bechtel) tentou assumir o sistema de abastecimento da cidade e aumentar as tarifas. E como já citado, a população se organizou contra a privatização da água e lutou pelos seus direitos até a empresa desistiu e cancelou o contrato, fazendo com que uma nova companhia se instalasse sob o controle público.

Sintagma Frequentativo: todas as imagens e elementos mostrados durante a jornada da Abuela Grillo quando esta sai pelo mundo afora, após ser expulsa do povoado;

Semifrequentativo: quando Abuela Grillo percebe que está sendo explorada e inicia seu plano de fuga.

DISCUSSÕES

Os filmes selecionados para a pesquisa apresentam não somente gêneros, mas também linguagens diferentes na abordagem da temática água.

As obras *Conflito das Águas* (2010) e *Abuela Grillo* (2009), foram pensados utilizando como inspiração o mesmo acontecimento, a chamada Guerra da Água de Cochabamba na Bolívia em 2000, esse fato chamou muita atenção por vários motivos, pela situação que gerou no país por conta do acesso à esse bem natural, mas principalmente por mostrar que o povo (se unido) tem o poder de mudar uma decisão tomada sem a participação popular.

O filmes *Conflito das Águas*, apresenta uma linguagem clara de cinema, é um filme inspirado em um fato real, porém de ficção e resolve abordar a questão sob óticas diferentes: a do povo da cidade de Cochabamba, que é representada na figura de um líder da comunidade, e de uma equipe de produção de um filme que estava na cidade para concluir algumas gravações. O filme consegue ilustrar como os indivíduos podem ser egoístas ao pensarem que um problema pode não ser um problema quando ele não é seu, ou seja, quando não se está

passando pela situação do outro (falta de água), quase sempre o ser humano não consegue se sensibilizar para determinada situação. Na maioria das vezes, somente quando um problema atinge a todos, ou grande parte das populações mundiais, é que são pensadas formas para solucionar um problema.

Abuela Grillo de certa forma aborda esse mesmo contexto, porém, utilizando outros recursos, sem falas, a animação decide apenas incluir uma música cantada o tempo todo pela protagonista (o que faz a água cair em forma de chuva), o espectador é convidado a prestar atenção o tempo todo no curta-metragem para poder descobrir o que acontece. A fórmula apresenta resultado positivo conseguindo sensibilizar as pessoas, suscitando um sentimento sobre a água que muitas vezes o ser humano esquece que possui, a água faz parte da vida de todos e é preciso repensar sobre a questão da posse da água e de como nos relacionamos com ela.

Já o documentário Um Mundo Sedento (2012), apresenta fatos reais, que tem acontecido ao redor do mundo com relação à falta de preocupação com a conservação das águas, e sua escassez. Os conflitos que a água gera, a injustiça ambiental produzida pela escassez do bem principalmente nos países mais pobres, a mortalidade causada por águas poluídas, a falta de tratamento.

Parece estranho, mas ainda hoje, todos os problemas apresentados no documentário continuam acontecendo, em grande parte pela intervenção exagerada que o ser humano tem realizado no meio natural de forma gananciosa, o que gera um clima altamente instável que ocasiona muitos problemas, o que faz com que os indivíduos tenham que repensar a questão da água, esse bem é um direito de todos.

Por fim, a animação Rango (2011), apresenta todos esse problemas: a falta de água, a ganância do ser humano, o controle do recurso, ou sua posse e ainda mostra como os indivíduos podem se sensibilizar para um problema que antes não lhe afetava e unir forças para solucioná-los.

A animação Rango coloca de certa forma todos os temas discutidos nas outras obras de maneira leve, o que facilita a compreensão do espectador, e faz com que mesmo sendo uma animação, eles se identifiquem, pois na atualidade todos estamos expostos aos problemas causados pela falta de preocupação com a conservação da água ao longo dos séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado no artigo, o estudo da estética do cinema se ocupando da linguagem cinematográfica é fundamental na compreensão da construção do filme e portanto, de como o filme foi pensado para representar na tela temas cotidianos, ou ficcionais e envolver os espectadores se utilizando de todos os elementos que compõe o filme, desde o roteiro, até sua conclusão final.

O cinema possui uma linguagem própria que traz significado múltiplos às coisas, ou histórias por permitir uma livre interpretação no estudo das obras, mas mesmo tendo esse caráter, possui formas de analisar a obra fílmica que podem direcionar melhor o pesquisador.

Nesse sentido, a análise fílmica textual constituída por Christian Metz pode ser uma ferramenta para entender os significados do filme, pois, saber como uma obra fílmica é construída auxilia na constituição de uma apreciação mais crítica dessas obras.

A análise textual foi base para tentar compreender os filmes utilizados na pesquisa: *Conflito das Águas* (2010); *Um Mundo Sedento* (2012); *Rango* (2011); e *Abuela Grillo* (2009).

Conflito das Águas mostra na verdade duas histórias paralelas, o início da colonização dos povos da América e uma situação mais atual, porém, com os mesmos problemas, a dominação do povo que precisa lutar para acabar com essa situação de dominação. O filme ilustra bem como a união e a consciência do povo podem mudar uma situação considerada ruim e resolver um problema.

O documentário *Um Mundo Sedento* aborda a questão da água ao redor do mundo, e discute sobre muitos problemas ocasionados pela falta de acesso ao recurso, assim como a falta de saneamento e a utilização e exploração da água de forma intensiva. Contudo, também apresenta soluções encontradas para contornar os problemas que a falta de água gerada pela poluição do recurso ocasiona, fazendo também um apelo para que a relação do ser humano com a água seja repensada.

Em *Rango*, o caráter de união também é mostrado para resolver uma crise de água causada por corrupção por parte dos governantes. O filme aborda pontos interessantes na discussão sobre a questão da água, como a mudança na realidade da personagem principal, que sempre teve acesso ao recurso e de repente se vê tendo que lutar para conseguir garanti-lo novamente e a mudança de pensamento sobre si mesmo e sobre a realidade da qual faz parte.

Já o curta-metragem *Abuela Grillo* retrata de forma lúdica a relação que o ser humano tem desenhado com a água ao longo dos séculos. No princípio, a água aparece nos contos populares de povos antigos por ser um recurso importante para a existência da vida de todas as espécies no planeta. Porém, vai perdendo esse caráter, e deixando evidente a necessidade de resgatar essa relação de coexistência com a água.

Todos os filmes utilizados na pesquisa apresentam, cada um da sua forma, um problema (ou até mais de um) relacionado à água, mas também apresentam as soluções, que se pautam na grande maioria na percepção do problema e na união de forças para que essas soluções sejam efetivas, deixando também uma mensagem de que é preciso sair do seu lugar comum e enxergar os problemas também com o olhar do outro, pois, na individualidade não é possível ver a dimensão do problema.

Contudo as significações nos filmes só podem ser percebidas porque eles são construídos de forma que cada segmento dê significado ao outro. Assim, a linguagem cinematográfica se constitui, e os espectadores, mesmo não reconhecendo esses códigos da análise fílmica, podem captar as obras de acordo com suas vivências e interpretações.

CAPÍTULO IV – O CINEMA COMO MEIO DE PERCEPÇÃO E INSTRUMENTO PARA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

RESUMO

O artigo analisa o potencial de sensibilização que o cinema possui, principalmente abordando questões ambientais, como a importância da água e sua conservação e preservação. Os filmes podem suscitar nos indivíduos a percepção e sensibilização para a água, e até mesmo possibilitar mudanças de atitudes nos espectadores. Desta forma, o artigo apresenta os resultados obtidos por meio da aplicação de questionários com um grupo de voluntários, que teve como finalidade, conhecer mais sobre a percepção inicial dos participantes a respeito da água, e, posteriormente, analisar o impacto sensibilizador dos filmes selecionados para o trabalho. Pelos resultados, notou-se que o cinema com tema ambiental se mostrou eficiente no sentido de despertar a sensibilização dos indivíduos para a conservação da água.

Palavras-chave: Percepção e Sensibilização Ambiental. Cinema Ambiental. Água.

ABSTRACT

The article analyzes the potential of sensitization that cinema has, mainly, addressing environmental issues, such as the importance of water and its conservation and preservation. Films can elicit individuals' perception and awareness of water, and even make it possible for viewers to change attitudes. In this way, the article presents the results obtained through the application of questionnaires with a group of volunteers, which aimed to learn more about the participants' initial perception of water, and then to analyze the sensitizing impact of the films selected for the research. According to these results, it was noticed that the cinema with an environmental theme was efficient in the sense of arousing the sensibilization of the individuals for the conservation of the water.

Keywords: Environmental Perception and Awareness. Environmental Cinema. Water.

INTRODUÇÃO

A água possibilitou que o planeta se transformasse em ambiente apropriado para a vida, ela é um elemento imprescindível para a existência humana, sua escassez ou abundância é capaz de escrever a história, criar culturas e hábitos, determinar a ocupação de territórios, e até mesmo, extinguir e dar vida às espécies, determinando o futuro de gerações inteiras. Porém, a visão que se tem da água, tratando-a apenas como um recurso consumível e não como um bem natural indispensável à existência humana e de todas as outras espécies, utilizando de forma indiscriminada, sem a preocupação quanto à sua quantidade e qualidade, precisa ser mudada (BACCI; PATACA, 2008).

O uso descontrolado dos recursos hídricos pelo ser humano, juntamente com a falta de preocupação com a conservação das águas em sua totalidade, tem causado impactos nas fontes desse recurso em todo o planeta. As alterações climáticas são resultados desse desequilíbrio, e geram grande preocupação, atuando diretamente no ciclo hidrológico e também na quantidade e qualidade da água. Essas alterações provocam inúmeras mudanças na disponibilidade de água e conseqüentemente, na saúde da população humana do mundo todo.

Diante deste cenário, é preciso que o ser humano mude sua forma de pensar e agir com relação à natureza, buscando maior conscientização para que sua relação com o meio natural possa acontecer de forma sustentável, e assim, garantir às futuras gerações um planeta saudável.

Para que essa transformação possa ocorrer no ser humano, é necessário aflorar nele um sentimento mais profundo pelo meio natural, e a sensibilização para as questões ambientais, pode ser um caminho para essas mudanças. Pois, a relação dos indivíduos com o mundo é essencial para sua formação enquanto seres conscientes e críticos das coisas, e a construção de novos conhecimentos ocorre a partir de fatos concretos, sendo a educação para a sensibilização algo imprescindível (BARBOSA, 2004).

A sensibilização ambiental nasce ligada à educação ambiental (EA), que surge no contexto dos problemas gerados pelo descaso com o meio natural, norteadas por uma racionalidade ambiental, de forma transdisciplinar e percebendo o meio natural como ambiente de interações entre os segmentos físicos e biológicos com os indivíduos sociais e suas culturas. Essa racionalidade ambiental seria uma espécie de “conjunto de interesses e de práticas sociais que articulam ordens materiais diversas que se enchem de sentido e organizam

processos sociais por meio de algumas regras, ou seja, meios e fins socialmente construídos” (LEFF, 2001, p. 134).

Contudo, é preciso saber mais sobre a percepção que os indivíduos possuem do meio em que vivem, pois isso pode auxiliar em um maior contato e inserção deles nesse ambiente, possibilitando uma redescoberta dos seus modos de viver e se relacionarem com a natureza e comunidade, permitindo uma postura crítica e pró-ativa, capaz de gerar maior comprometimento (MARIN, 2008). Isso, para qualquer tema que se relacione às questões ambientais, como a água, sua importância e os problemas gerados pela utilização não consciente do recurso.

Quando se fala em percepção ambiental, na verdade se fala em visão de mundo, do meio ambiente físico, natural e conseqüentemente, humanizado. Essa experiência é mais particular, porém, pode ser uma visão de grupo também, remete a atitudes, posicionamento e valores que se faz do meio natural o qual se está inserido (OLIVEIRA, 2012).

Conhecer a percepção que os indivíduos possuem do meio em que estão inseridos e dos problemas relacionados ao ambiente natural pode auxiliar na proposição de ações de sensibilização ambiental efetivas.

Essa sensibilização tem que propor não somente uma mudança de pensamento, mas acima de tudo, uma mudança nas atitudes, se tornando em um processo que deve incluir uma carga de ensinamentos e informações que cheguem às pessoas de forma elucidativa, provocando seus sentidos (CAVALCANTE, 2014).

Nesse contexto, o cinema tem se tornado, de certa forma, um instrumento capaz de provocar os sentidos dos indivíduos. Portanto, o cinema abordando temas ambientais pode suscitar a percepção dos problemas de ordem ambiental e de suas possíveis formas de resolução. Essa percepção ocorre nos espectadores a partir do momento que entram em contato com o conteúdo dos filmes que, ao mesmo tempo discutem os problemas e podem também propor soluções aos desafios ambientais. Essa reação produzida pelo audiovisual, pode suscitar uma discussão crítica da realidade (VIEIRA; ROSSO, 2011).

Por esses aspectos, o cinema, ao longo dos anos tem se tornado um importante instrumento de reflexão, pois, ele consegue unir elementos da literatura, arte, música e arquitetura, provocando inquietação ou estranhamento e, desta forma, desperta a reflexão dos espectadores (ERNST; SILVEIRA; LIMA, 2014).

Esses fatores motivaram uma inquietação e, conseqüentemente uma vontade de saber se realmente o cinema pode sensibilizar para as questões ambientais, sobretudo para a

problemática da água, suscitando nos indivíduos uma necessidade e desejo de mudar suas atitudes para com a natureza, enxergando-a como parte da vida.

PERCEPÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Os estudos sobre percepção se iniciaram no campo da psicologia, tendo nomes como Johannes Muller (1801-1858) e Hermann von Helmholtz (1821-1894) como os pioneiros na expansão das pesquisas sobre a percepção sensorial. Desvendar e conhecer mais sobre a mente humana e os processos de cognição e percepção se mostravam tão importantes, que em 1879, Wilhelm Wundt (1832-1920) inaugura o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental na Universidade de Leipzig, onde eram realizadas investigações sobre: intensidade das sensações, psicologia do som, sensações de luz, percepções espaciais, curso das representações, processos atencionais, sentimentos e afetos, processos de associação e memória, entre outros (ARAÚJO, 2009).

A palavra percepção é definida na língua portuguesa como sendo, “o ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual” (MARIN, 2008, p. 206).

Sendo assim, a percepção pode ser definida como o conhecimento que o indivíduo adquire por meio do contato com as coisas todas, inserido no espaço sensorial. O que é percebido, é moderado pela inteligência, equilibrando dessa forma, esse processo mental. A relação entre a percepção e a inteligência expressa aspectos importantes, como: o operativo, que tem sua origem no pensamento; e o figurativo, originado na própria percepção (MACHADO, 1999). Esses processos da mente, contribuem para a formação dos conceitos e percepções dos indivíduos.

Contudo, além do conceito que é intelectual, e da percepção tida como sensorial, existe uma terceira categoria, denominada representações, que são mistas, permitindo passar do sensorial ao cognitivo. Essas representações indicam, em um primeiro momento, uma relação com o objeto preenchendo um papel na criação dessa relação, ao caminhar nesses dois campos, percebe-se que nem sempre a representação de um objeto, ou fato é o que eles realmente representam (MOSCOVICI, 1978).

Por esse motivo, ainda há uma complexidade muito grande no que concerne a estudos que tem como proposição, compreender as percepções e representações dos sujeitos. Os

resultados estabelecem categorizações bem relevantes para o entendimento da linguagem e, até mesmo do discurso a respeito das questões ambientais (MARIN, 2008). Porém, acabam não sendo suficientes para um aprofundamento necessário, isso porque, a percepção se caracteriza por ser algo muito pessoal, dependendo até mesmo do ambiente em que o indivíduo está inserido, e é um processo que envolve além desse ambiente, organismo e os sentidos. Desta forma, as percepções sobre a natureza são em grande parte determinadas histórica e culturalmente, saber reconhecer essas diferenças propicia uma análise crítica de como lidar com o mundo natural, inserido nele (HOEFFEL; FADINI, 2007).

O conceito de percepção varia de acordo com cada área, ainda mais quando se trata de percepção ambiental, sendo estudada no campo não somente psicológico, mas também, cultural, econômico, artístico, geográfico, histórico, ecológico, entre outros (OLIVEIRA, 2012).

Quando se fala em percepção ambiental, na verdade está se falando na relação do ser humano com o mundo, e existem inúmeras maneiras de perceber o mundo, desde as defendidas pelas religiões, até as amparadas pela ciência. Essas formas de pensar e perceber o mundo se consolidaram ao longo da história de diferentes civilizações e acabaram se dividindo entre o idealismo⁷ e o realismo-materialismo⁸. A relação entre o ser humano e o mundo sempre foi marcada historicamente pelo imaginário, ou seja, a percepção, na verdade, é mais do que os conceitos que os sujeitos têm do seu lugar, do mundo em si, mas também, das imagens que fazem de tudo que percebem (MARIN; OLIVEIRA; COMAR, 2003).

Portanto, os estudos sobre percepção ambiental são fundamentais no sentido de se conhecer a inclinação, os gostos e quais ligações cognitivas e afetivas os indivíduos possuem com o meio ambiente, visto que, são parte integrante e agentes transformadores desse meio natural (MACHADO, 1999).

Contudo, é importante que os estudos nesse sentido, não se limitem apenas às formas como os atores sociais descortinam os problemas ambientais, pois, muitas vezes, as respostas

⁷Corrente filosófica que possui inúmeras fases desde sua fundamentação. O Idealismo toma como regra que somente o que é percebido claro e distintamente são verdadeiros, reduzindo gradualmente as proposições complicadas e fundamentando uma ciência baseada em princípios racionais e lógicos (MENEGETTI, 2004).

⁸Tese naturalista e realista, que prega a existência das coisas como entidades materiais. Nele, a matéria seria desprovida de alma ou de uma racionalidade intrínseca, não havendo uma finalidade ou propósito na natureza, gerando uma concepção de mundo mecanicista - causalidade mecânica, ou, meio para uma causa final (PESSOA JR, 2006).

não tendem somente das vivências, mas também, de informações fora de contextos, advindas da mídia. Por isso, esses estudos deveriam se preocupar mais com os fatores que afetam essas percepções, e que passam pela alienação, as relações de poder, falta de interesse pela política, indústria cultural, desaprendizagem do senso coletivo, entre outros (MARIN, 2008).

Para que tais fatores possam realmente serem levados em conta, a percepção necessita ser incluída como parte do processo de formação de conhecimentos e, por conseguinte, de valores dos indivíduos. Dessa forma, eles passam a captar e reter em suas memórias o conhecimento, esse gatilho possibilita às pessoas, partir de uma experiência particular, para o geral, do concreto experienciado, ao racional, constituindo percepções abstratas que podem levar à uma sensibilização (CAVALCANTE, 2014).

Nesse contexto, a sensibilização ambiental surge atrelada à Educação Ambiental (EA). Entende-se como sensibilização, o conhecimento genérico transmitido aos envolvidos, é onde ocorre a divulgação dos programas e atividades, e também dos conceitos relacionados ao meio ambiente, é parte importante do processo, pois é nessa etapa que se torna capaz a eficácia das ações de transformação de pensamentos e atitudes em prol da natureza. É por meio da sensibilização que se pode chegar às mudanças de valores e comportamentos, pois ocorre uma transformação de atitudes dos indivíduos com relação ao meio ambiente, objetivando melhor qualidade de vida (BUTZKE; PEREIRA; NOEBAUER, 2007).

Baseado no pensamento de que a educação não pode se omitir às necessidades apresentadas pela natureza humana e focar somente na cientificidade do conhecimento, e muito menos, ter como principal objetivo a transmissão desse conhecimento. Educar, significa despertar as sensibilidades, afetividades, capacidades imagética e criadora, e, dessa forma aflorar a real essência ética do ser humano (MARIN, 2006).

A EA, surge como ser o meio condutor da sustentabilidade ambiental e social no mundo após a I Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi, em 1977. Ela se apresenta como importante ferramenta do processo educativo capaz de conduzir a um saber ambiental pautado nos valores éticos e nos princípios políticos de coexistência entre o social e o mercado, relação essa, que trata dos benefícios e também dos prejuízos causados pela apropriação e utilização da natureza. Portanto, a EA deve caminhar no sentido de buscar uma cidadania ativa, despertando a noção de pertencimento e corresponsabilidade nos sujeitos, pela ação coletiva e organizada tentando compreender e acima de tudo, superar as causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais (CARVALHO, 2004).

Portanto, a sensibilização ambiental é parte fundamental do processo de educar para o meio ambiente. É por meio dela, que se pode constatar se as atividades estão sendo coerentes e surtindo efeito, mesmo que avaliá-la seja algo muito subjetivo (SOUZA, 2014). Isso porque a sensibilização ambiental não acontece somente por intermédio racional, utilizando construções conceituais, mas também, percorre o caminho da imaginação, contemplação e reflexão. No entanto, os meios de acesso a esses sentidos complexos necessitam ser descobertos e explorados (MARIN; OLIVEIRA; COMAR, 2003).

Para que os problemas ambientais sejam superados, há a necessidade de uma mudança de paradigma. No entanto, o paradigma ecológico já se mostra presente, se mostrando mais forte nos indivíduos realmente preocupados com as questões ambientais e sociais, nas comunidades tradicionais, entre outros. Mas, para que ocorra de fato uma mudança nos padrões de consumo e utilização dos recursos naturais que são quase que culturais na atualidade, será preciso uma reestruturação do sistema de informação e de educação para discussões mais efetivas (MACHADO, 1999).

Desse modo, o trabalho tem o objetivo de verificar a eficiência da utilização do cinema ambiental como instrumento capaz de sensibilizar para a conservação da água.

METODOLOGIA

A pesquisa de cunho qualitativo utilizou o método exploratório e questionários como instrumentos de coleta de dados, juntamente com alguns filmes selecionados sobre a temática água.

O objetivo da pesquisa exploratória é buscar compreender os motivos e o impulsos que estão por trás de certas atitudes e comportamentos. É frequentemente utilizada para gerar hipóteses e identificar aspectos que devem ser incluídos no trabalho, servindo para aumentar o grau de familiaridade com fenômenos ainda não muito conhecidos. Os estudos exploratórios se caracterizam por serem mais flexíveis em sua metodologia, se comparado com estudos descritivos ou explicativos, além de serem mais amplos e dispersos, por buscarem observar todas as manifestações possíveis de um fenômeno (RICHARDSON, 1989).

O estudo exploratório mostra um panorama muito próximo do assunto a ser pesquisado, o que é muito útil quando esse assunto é algo ainda não muito explorado. Na maioria das vezes, esse método é somente a primeira etapa de um estudo que necessitará de outros instrumentos e métodos para alcançar os resultados desejados (GIL, 1989).

Primeiro, foi realizado um levantamento da bibliografia que foi utilizada no trabalho. Os textos selecionados (livros e artigos) foram pensados no sentido de corresponder à temática água, ao cinema ambiental tratando da temática água, percepção e sensibilização ambiental, assim como textos sobre as metodologias utilizadas (análise de conteúdo e fílmica), e o instrumento de coleta de dados (questionários).

Após o levantamento da bibliografia, os filmes para serem utilizados na pesquisa, bem como, os que fariam parte da lista proposta sobre a temática água foram selecionados utilizando como critérios: a temática (falar obrigatoriamente sobre a água, envolvendo questões sobre conservação/preservação, relação água-ser humano, escassez, entre outros); e o gênero (havia a intenção de trabalhar com gêneros e subgêneros diferentes para destacar as diferentes linguagens de uma possível sensibilização). Contudo, a escolha acabou sendo pessoal também, por contar com o que foi apreendido pela pesquisadora durante o processo de seleção (por meio da apreciação dos filmes, críticas e até as análises fílmicas realizadas).

O levantamento dos filmes foi realizado por meio de buscas em *sites* de importantes festivais de cinema ambiental, que instituições atuantes na área de meio ambiente, educação, cultura e mídia promovem, como: a Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental; o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA); o Festival Internacional de Cinema Ambiental e Direitos Humanos (ECOCINE); o Festival Internacional de Cinema Socioambiental Planeta.DOC; o Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente (CineEco Seia).

Para serem trabalhados na pesquisa, foram selecionados quatro filmes, um longa-metragem de ficção, um documentário, um longa-metragem de animação e um curta-metragem de animação. Cada um, possuindo em sua composição elementos que pudessem ser identificados para trabalhar questões relacionadas à temática central da pesquisa, a água.

O filme “Conflito das Águas” (2010), foi o longa-metragem de ficção selecionado, ele retrata um período do início dos anos 2000 na Bolívia onde o governo privatizou toda a água do país, ocasionando com isso, um verdadeiro caos e muitas manifestações, nesse contexto se insere a história de um diretor e sua equipe que chega ao país para a realização de um filme, e assim, tenta lidar com os problemas de realizar suas filmagens dentro do prazo, juntamente com os conflitos gerados pela questão da água no país, passando por momentos muito dramáticos que envolvem sentimentos totalmente humanos e escolhas importantes.

O documentário “Um Mundo Sedento” (2012), traz uma discussão sobre a falta de água que tem afetado o mundo todo nos últimos anos, e como as diferentes sociedades se

relacionam de forma distinta com a água e os problemas gerados pela falta de cuidado com este recurso importante.

Já o longa-metragem de animação “Rango” (2011), conta a história de um camaleão que se perde da família (da qual era o bicho de estimação), e acaba vivendo uma aventura no deserto com os novos amigos, assumindo uma outra identidade e sendo responsabilizado pelo desaparecimento da água da cidade, o que resulta em uma crise ainda mais grave para a população que já enfrentava um controle muito grande sobre o recurso, sua luta então, passa a ser no sentido de descobrir o que realmente aconteceu com a água.

Por último, o curta-metragem “Abuela Grillo” (2009), uma animação de começo alegre que vai se tornando profunda pela maneira como retrata a água. Apresentada por meio do mito dos Ayoreo (Bolívia), onde a dona da água é representada por uma avó grilo, que por onde passava cantando, havia abundância de água e conseqüentemente, vida, porém, o excesso de água acaba por irritar as pessoas que a expulsam do vilarejo e ela se vê sozinha. Andante, encontra empresários que a obrigam a cantar sem parar para que possam comercializar toda a água, e a história se desenrola para que essa situação seja solucionada.

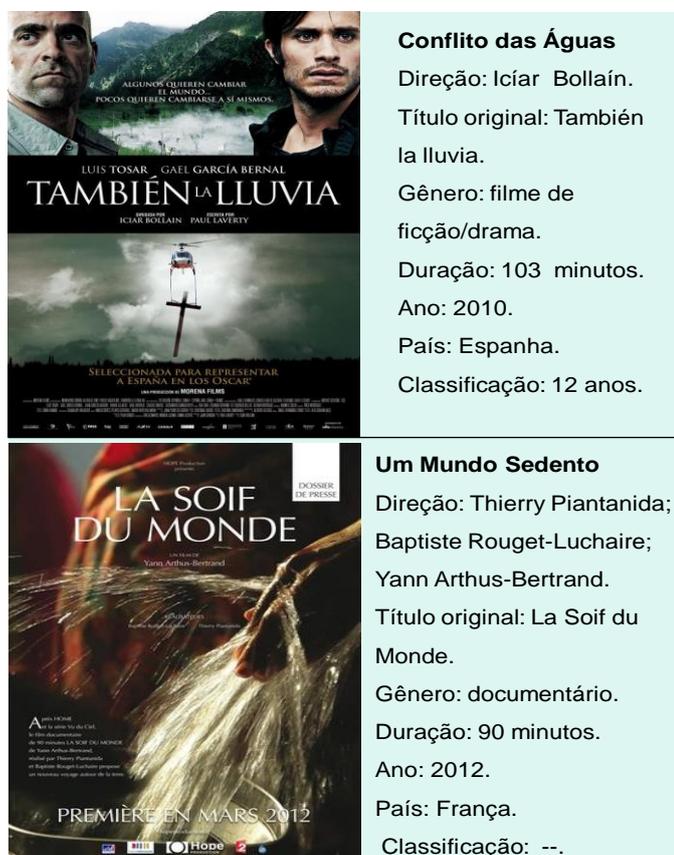


Figura 2 - Fichas dos filmes: Conflicto das Águas e Um Mundo Sedento
Fonte: elaboração própria



Figura 3 - Fichas dos filmes: Rango e Abuela Grillo
 Fonte: elaboração própria

Após a seleção dos filmes, se iniciou a escolha dos participantes/voluntários, que ocorreu de forma aleatória, pois havia a pretensão de obter um grupo heterogêneo de pessoas. Para tanto, foram enviados convites de forma eletrônica, explicando o motivo da pesquisa e detalhando todo o processo dela. Nos *e-mails* também continha um *link* para o preenchimento de um formulário, apenas para que se pudesse ter o perfil dos participantes, onde foi perguntado: o nome, a idade, a profissão e instituição de ensino (caso houvesse) e o motivo pelo qual gostaria de participar da pesquisa.

Esses convites foram enviados para instituições que poderiam ter interesse em participar de um estudo sobre cinema e sensibilização ambiental. Assim, os *e-mails* foram disparados para Secretarias de Educação (Araraquara e São Carlos), escolas municipais de Araraquara, Secretaria de Cultura e Meio Ambiente (Araraquara), departamento de Ciências Ambientais (UFSCar), departamento de Imagem e Som (UFSCar), além desse convite também ser disponibilizado em páginas de redes sociais do Cineduc (Cinema e Educação) e SUMA (Educação e Sensibilização Ambiental).

O questionário é um instrumento de coleta de dados que consiste em uma série de perguntas formuladas sobre o assunto que se deseja obter informações, esse instrumento não

necessita da presença do pesquisador e possibilita aos participantes da pesquisa, uma liberdade e certo conforto durante esse processo (MARCONI; LAKATOS, 2002).

Os questionários da pesquisa foram elaborados com perguntas abertas e fechadas, ou seja, com perguntas que podem ser respondidas livremente, sem nenhuma limitação de respostas, e perguntas elaboradas com alternativas, respectivamente.

É essencial ter em mente, que esse instrumento de coleta de dados precisa ser bem pensado para que se tenha um bom resultado, com o retorno das respostas de forma satisfatória. O retorno dos questionários em uma pesquisa acontece por vários motivos, como: a forma atraente, a extensão, as facilidades para o preenchimento, enfim, todos esses fatores tem que ser levados em conta para produzir um bom questionário e assim, conseguir os dados desejados para o trabalho (SELLTIZ, 1965 apud MARCONI; LAKATOS, 2002).

Por isso, tanto o formulário de inscrição, quanto os questionários foram elaborados utilizando uma ferramenta do Google Drive, pois facilitava o retorno destes documentos, por todo o processo ser *online*.

O primeiro questionário (preliminar), continha oito perguntas, com o intuito de saber inicialmente o grau de percepção que esses participantes tinham sobre a água, e os problemas gerados pela utilização do recurso indiscriminadamente.

O questionário preliminar, pretendia saber qual o significado da água para os participantes, qual a utilidade e utilização que eles faziam do recurso, a importância e o grau e conhecimento que possuíam sobre a água, como contribuíam para conservá-la, quais outras medidas poderiam ser adotadas para essa conservação, se percebiam nas pessoas do convívio atitudes corretas e incorretas com relação ao uso do recurso e se achavam que as mudanças de atitudes para a conservação da água já estavam acontecendo de um modo geral.

Já o segundo questionário aplicado, que era conclusivo, continha doze perguntas, e foi aplicado após os participantes assistirem os filmes, com a finalidade de saber se houve, ou não, uma sensibilização para a conservação da água com o auxílio do cinema, contendo a temática abordada.

As perguntas do questionário conclusivo tinham a intenção de saber se os voluntários da pesquisa haviam gostado dos filmes selecionados (em uma escala de nada a muito), se após assistirem os filmes houve mudança no significado da água, bem como, na necessidade de conservação, no grau de conhecimento e na forma de utilização do recurso. As perguntas também pretendiam obter o grau de contribuição dos filmes para a percepção da água e sua conservação (em escala de nada a muito, também), qual a principal mensagem de cada filme,

qual filme mais sensibilizou cada participante, se conseguiram identificar outras medidas para a conservação do recurso, se achavam que haveria sensibilização caso as pessoas do convívio assistissem aos filmes, e, por último, uma questão livre para quem quisesse fazer algum comentário relacionado à pesquisa.

O conteúdo das respostas dos questionários foi analisado por intermédio da Análise de Conteúdo. Esse método busca se aprofundar nas mensagens contidas nos documentos, no caso, nas respostas coletadas por meio da aplicação dos questionários na pesquisa.

Na análise de conteúdo, as mensagens (respostas) são categorizadas, e assim, classificadas do geral para o particular, esse processo facilita chegar ao todo. A categorização, classifica elementos que constituem um conjunto por diferenciação, e reagrupa conforme o gênero, com os critérios previamente definidos, podendo acontecer de duas formas: postulando antes o sistema, e agrupando conforme os dados são analisados, ou, construindo esse sistema depois de ter os dados analisados para poder, agrupá-los (BARDIN, 2009).

No caso desta pesquisa, o agrupamento foi feito por último, pois esse sistema de categorização foi construído depois de ter os dados analisados. Essa escolha foi possível, dado o número relativamente pequeno de dados a serem analisados, levando em conta também, que algumas questões eram fechadas com número definido de alternativas.

Segundo Bardin (2009), a simplicidade desta análise corresponde aos seguintes objetivos: ultrapassagem da incerteza (poder partilhar com outros, o que pensamos ver em determinadas mensagens) e o enriquecimento da leitura (ter uma leitura atenta a fim de confirmar o que se pretende demonstrar através da escrita, o que antes não era compreendido) (p. 29), e desta forma, dar corpo e significado ao conjunto de instrumentos escolhidos para a realização da pesquisa.

A análise de conteúdo se organiza em três fases:

- A pré-análise (organização das ideias e sistematização do que se pretende, ou seja, escolha dos documentos a serem analisados, formulação dos problemas de pesquisa e os objetivos, bem como elaboração dos indicadores que fundamentarão as interpretações finais);
- A exploração do material (essa codificação é necessária para que haja a união dos textos dando forma ao estudo);
- A conclusão, ou tratamento dos resultados com a inferência e interpretação das mensagens (conclusão do material respondendo a dois tipos de problemas: o que conduziu a determinado enunciado (causas ou antecedentes da mensagem), e,

quais as consequências que determinado enunciado virá a provocar (prováveis efeitos que a mensagem causará) (BARDIN, 2009).

Na construção dos questionários, não houve a distinção entre água e recursos hídricos porque a intenção era trabalhar com a questão da água como um todo, e não somente com a água consumida, embora, tenha sido notado que a maioria se lembrou durante as respostas, quase que exclusivamente dos recursos hídricos, ou seja, as águas superficiais e subterrâneas disponíveis para consumo.

No total, onze voluntários responderam satisfatoriamente aos questionários, participando de todo o processo da pesquisa, sendo seis mulheres e cinco homens, com idades entre 20 a 35 anos e todos com formação acadêmica e profissões variadas e de todas as áreas (biológicas, exatas e humanas). Todos os participantes possuíam um conhecimento mais elevado sobre a questão da água e os problemas que a poluição das águas e uma possível escassez pode gerar nas sociedades.

Em um primeiro momento de inscrição para participar da pesquisa houve pouco mais de quarenta inscritos e com o passar das etapas (aplicação do questionário preliminar, apreciação dos quatro filmes selecionados e aplicação do questionário conclusivo), houve algumas desistências em participar do trabalho, que foi atribuída em grande parte pelo tempo que esse processo levou (em torno de quatro meses).

Contudo, ao final dessa parte de coleta de dados primários para a pesquisa, onze voluntários participaram até o final das etapas, e os dados obtidos foram considerados satisfatórios por ser um trabalho de caráter qualitativo e não quantitativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos pela aplicação dos questionários (preliminar e conclusivo) mostraram dados importantes no que concerne ao uso do cinema para sensibilizar para a questão da água. O questionário preliminar abordou questões relacionadas à percepção dos participantes referentes ao tema água, seus usos e conservação.

Na questão sobre o significado que a água possui para cada um, a maioria dos participantes disseram que a água é vida, praticamente todos falaram desse aspecto fundamental da água, sem ela, não tem vida. As respostas também apontaram para a questão da qualidade de vida, o acesso a água tratada está ligado ao bem estar dos indivíduos.

Com relação aos usos que fazem da água na vida cotidiana, todos os participantes destacaram o uso doméstico (local) para água em seu cotidiano, porém, dois deles incluíram a utilização da água para lazer, e um destacou o uso no trabalho, pois trabalha com análises do elemento.

Na questão sobre a importância da água e o porquê de conservá-la, a maioria dos participantes falaram na conservação para manter a vida, nove deles, citaram esse fator, mas dentro dessa ideia surgiram outros aspectos, como: conservar para a qualidade de vida, sendo citado por dois deles. Ainda aparecem pontos como atentar para o caráter finito da água, porque mesmo sendo um recurso renovável, essa renovação demora muito, e a utilização indiscriminada está causando a escassez da água. Um participante destacou a importância de conservar e/ou preservar também outras fontes de água, como rios, mares, oceanos, dentre outras, e não somente a água tratada que se consome diariamente. Apareceu também o fato de conservar a água por sua importância política, cultural e social.

“Como para mim água é sinônimo de vida, a conservação dela é importante para conservar a vida e o planeta. Sem água limpa imagino que a vida comece a se tornar cada vez mais difícil.” (N. L.).

“A água é essencial a vida e manutenção de todos os ecossistemas do planeta em que vivemos. Além disso, é um recurso de suma importância para economia; saúde; cultura e bem-estar humano.”
(M. D.).

Também houve a pretensão de saber o grau de conhecimento que cada participante tinha sobre a água, antes dos filmes serem liberados para o segundo questionário. O gráfico abaixo mostra o resultado.



Figura 4 - Grau de conhecimento sobre a água
 Fonte: elaboração própria

Já sobre a conservação da água por parte dos participantes, a maioria respondeu que contribui para conservar a água utilizando-a de maneira consciente. Na pesquisa, nove, dos onze participantes consideram o uso racional, a melhor maneira de contribuírem para a conservação da água. Um deles, ainda disse que além do uso reduzido, reutiliza a água sempre que pode, e outro participante afirma não contribuir em suas ações diárias.

Surgiram questionamentos por parte deles também no sentido de transmitir conhecimentos para auxiliar nessa conservação, e um sentimento de querer fazer mais e não saber como.

“Eu tento economizar o máximo na hora de lavar louças/vidrarias e tomar o banho da forma mais rápida possível. E também, ao lavar roupas, deixo acumular o máximo que cabe na máquina de lavar. Também, evitando que as pessoas ao meu redor gastem mais do que o necessário também.” (E. M. C.).

“Tento transmitir os conhecimentos que venho adquirindo sobre as diversas relações existentes com a água para outras pessoas, informando e divulgando informações, como também fazer a minha parte local para a conservação por meio da diminuição do desperdício e consumo consciente.” (V. P. D.).

Quando perguntados o que mais poderia ser feito para a conservação da água no âmbito geral, os participantes destacaram as mais variadas ações para melhor conservar a água na atualidade, e praticamente todos apontaram mais de uma ação, aparecendo como consenso a questão da reutilização das águas por parte de todos (consumidores em geral, empresas, indústrias entre outros), dois, citaram a implantação de políticas públicas que atuem na conservação das águas, também dois, falaram sobre maior fiscalização, conscientização e sensibilização para com a questão, destacando a educação como melhor caminho para mudar a relação ser humano-água. Surgiram ainda três respostas lembrando sobre melhorias na rede de distribuição para não gerar desperdícios com perdas de água (vazamentos) durante o processo. Lembraram também dos produtores rurais, ressaltando que medidas deveriam ser tomadas para com eles, no sentido de não haver desperdício, aumentar o investimento em pesquisas e tecnologias na área.

“Educação, planejamento, financiamento de pesquisas em diversas áreas do conhecimento para melhor entendimento dos fatores prejudiciais a conservação que podem ser diversos e diferentes de um local para outro, sensibilização em relação ao uso adequado para evitar o desperdício, cultura de conhecimento e respeito para com o meio ambiente, tecnologias para melhoria da eficiência no uso e distribuição do recurso, saneamento básico para todos, etc.” (M. D.).

Sobre perceberem entre as pessoas do convívio a preocupação, ou não, com o uso da água e sua conservação. Os participantes relataram que notaram poucas mudanças sobre a questão da água nas pessoas do convívio, seis deles, afirmaram que essa mudança de pensamento e comportamento surgiu em forma de uso consciente, diminuindo o desperdício e reutilizando sempre que podem, dois, não notaram nenhuma mudança nas pessoas e três deles consideraram um meio termo, como se algumas pessoas tivessem mudado suas relações com a água, porém, outras nem se preocuparam em mudar hábitos, mesmo com a última crise de governança hídrica que boa parte do país passou, um dos motivos apontados por um participante, foi pelo conforto que a água traz, as pessoas parecem não estar dispostas a mudarem de atitude e abrir mão de uma situação de conforto.

Por último, sobre a percepção dos participantes com relação às mudanças de atitudes para com a água de forma geral, a maioria deles notou mudanças nas atitudes das pessoas, seis participantes afirmaram isso, porém, essas atitudes estão mais voltadas para a água que se

consome e de rios, outras fontes não aparecem como preocupação das pessoas, dois participantes afirmaram não ter notado mudanças significativas, e também dois, somente mudanças momentâneas (quando a crise surgiu), e depois não mais.

Interessante é que pelas respostas, é possível perceber que muitos estão insatisfeitos com o fato das pessoas não se importarem com a questão da água, mesmo aqueles que perceberam mudanças, pareceram querer mais, justamente porque houve maior informação. Foi destacado o fato de não ter havido nenhuma mudança por parte dos governos, nada foi feito de realmente efetivo para evitar uma nova crise, nada para que as atitudes fossem realmente modificadas. Após assistirem os quatro filmes selecionados: “Conflito das Águas”, “Um Mundo Sedento”, “Rango” e “Abuela Grillo”, um segundo questionário, já conclusivo, foi aplicado, contendo questões relacionadas à possível sensibilização que o cinema, apresentando a temática água, poderia causar, além de conter perguntas que se associavam ao questionário anterior, exatamente para poder perceber se houve a sensibilização, ou não.

Inicialmente, quis saber o quanto os participantes haviam gostado de cada filme, sendo as respostas representadas abaixo.

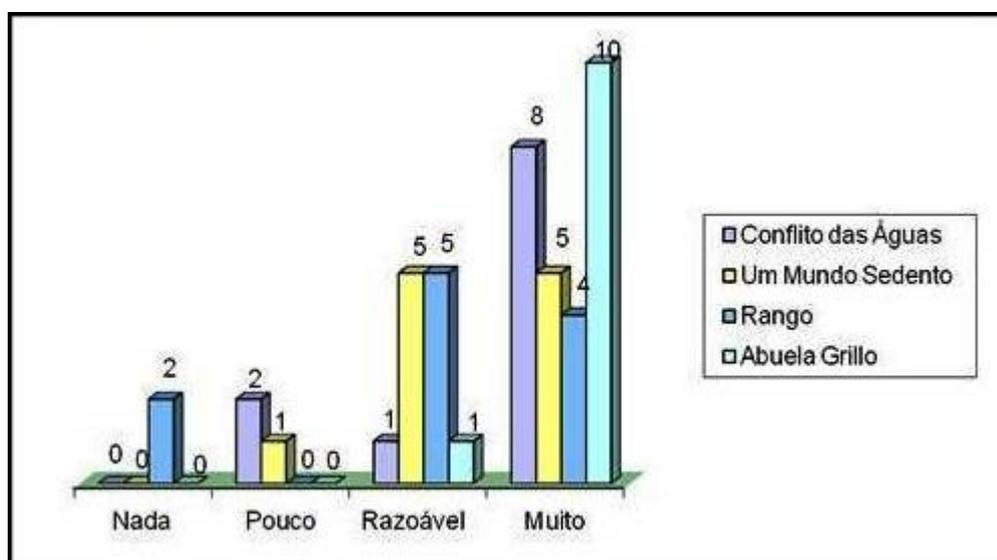


Figura 5 - Grau de apreciação dos filmes

Fonte: elaboração própria

Ao ser perguntado se houve alguma mudança no significado da água para os participantes após o contato com os filmes selecionados, oito deles, afirmaram que houve sim uma mudança.

Dentre as mudanças que foram percebidas nesse significado, dois participantes citaram o fato de pensar mais após a pesquisa sobre a água ser direito de todos, e dois também falaram

sobre em como a posse da água ressalta as relações de poder. Surgindo também, a ideia de que a água está presente em tudo, é elemento importante na produção de praticamente tudo o que existe; assim como a água como fator de união, de modo a não gerar conflitos; outro significado foi o de perceber a água para as futuras gerações, é preciso pensar além do momento atual para não faltar; e outros significados pontuados nos filmes, como: a água enquanto valor cultural, visto que o recurso não tem o mesmo valor e sentido em todas as culturas e isso foi retratado de alguma maneira.

“Sim, passei a considerar a água como um direito de todas as pessoas.” (N. L.).

“Não acredito que houve uma mudança expressiva no significado da água para mim, porém, gostaria de ressaltar o alto poder de sensibilização dos filmes, que me tocaram profundamente e me fizeram lembrar a importância dos recursos hídricos e de sua conservação, preservação, economia etc, no meu dia a dia, não só para mim mas para os outros seres vivos. Os filmes me mostraram o porquê, é primordial que eu faça a minha parte, da maneira como eu puder, para manutenção da água e do meio ambiente. Esse tipo de mensagem passada pela arte do cinema nos torna solidários e sensíveis para com os outros e para com o meio onde vivemos.” (M. D.).

Foi perguntado se os participantes conseguiam identificar outros usos para a água após os filmes, já que eles poderiam despertar para novas informações, mas apenas cinco identificaram um novo uso para a água no cotidiano, sendo que quatro pessoas pontuaram a importância e o uso da água no processo de produção em geral; e um participante citou o uso da água virtual.

Também foi perguntado se os participantes haviam conseguido identificar outros motivos para uma maior preocupação com a água e sua conservação, não se referindo necessariamente a um fato desconhecido por eles, mas que por algum motivo, a maioria não havia se atentado para determinada abordagem sobre a importância de conservar a água antes, e isso se deve ao perfil desses participantes da pesquisa, o grau de escolaridade e

conhecimento que já possuíam sobre o tema e durante todo o processo da pesquisa. Dessa forma, sete participantes identificaram motivos não citados por eles antes, como: conservar para não faltar no futuro; para manter a saúde, pensando em qualidade de vida e até mesmo; cuidar pela importância cultural que a água carrega.

“Devemos conservar a água por tudo que ela representa para as pessoas, existe a importância cultural, a importância ambiental e ecossistêmica, saúde dos animais e saúde humana, valorização de locais sagrados, locais onde são considerados como a casa de várias comunidades.” (V. P. D.).

Houve interesse em saber se os filmes proporcionaram um maior conhecimento do que eles já possuíam sobre o tema água, sendo as respostas representadas no gráfico abaixo.

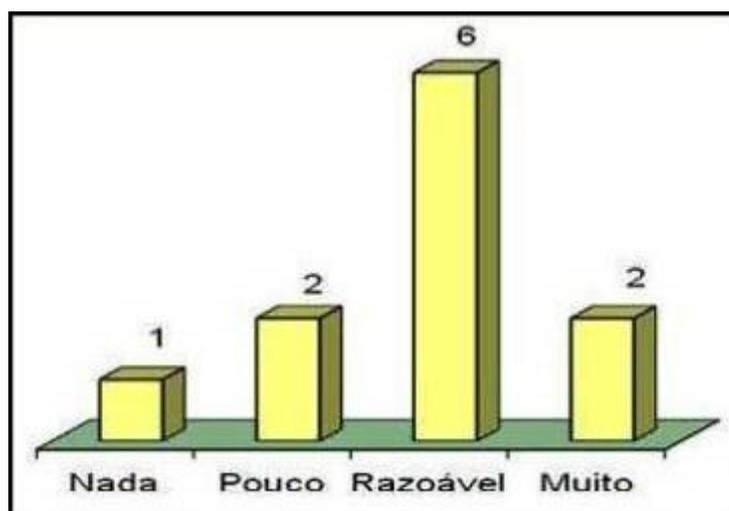


Figura 6 - Grau de conhecimento sobre a água (pós filmes)

Fonte: elaboração própria

Quando perguntado se os participantes perceberam em suas próprias atitudes, alguma mudança com relação ao uso da água no cotidiano, seis, afirmaram ter percebido mudanças em seus atos ao utilizarem a água, dos quais quatro deles, falaram que essas mudanças estão relacionadas ao consumo geral, não somente da água, mas também de outros produtos, no sentido de avaliarem se precisam mesmo antes de consumir, levando em consideração a grande quantidade de água utilizada na fabricação dos produtos. Também passaram a falar mais com as pessoas próximas sobre o uso consciente do recurso, além de pensar mais na

questão da conservação e preservação da água e de como isso afeta todas as pessoas, no mundo todo.

Abaixo, está representado o grau de contribuição que os filmes tiveram sobre a percepção para a conservação da água.

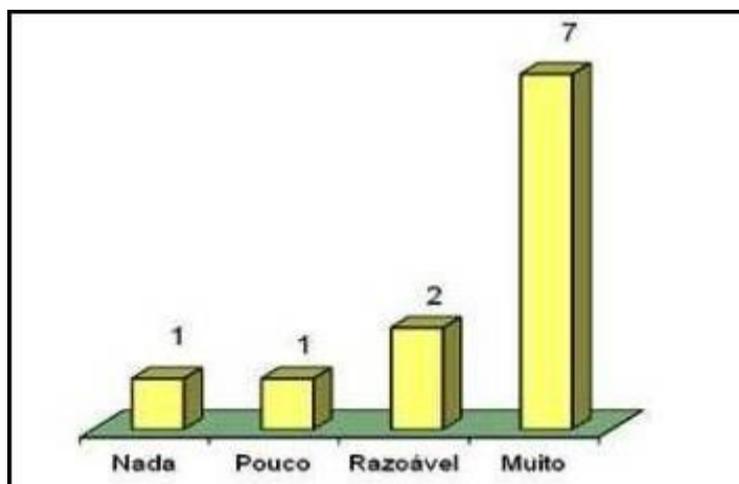


Figura 7 - Grau de contribuição dos filmes na percepção para conservação da água
Fonte: elaboração própria

Sobre a mensagem principal que cada filme passou aos participantes, houve categorizações nas mensagens de acordo com as respostas obtidas para serem inseridas nos gráficos. Foi considerado útil perguntar sobre as mensagens, para analisar como cada um enxergou o tema representado nos filmes, pois as interpretações são muito pessoais.

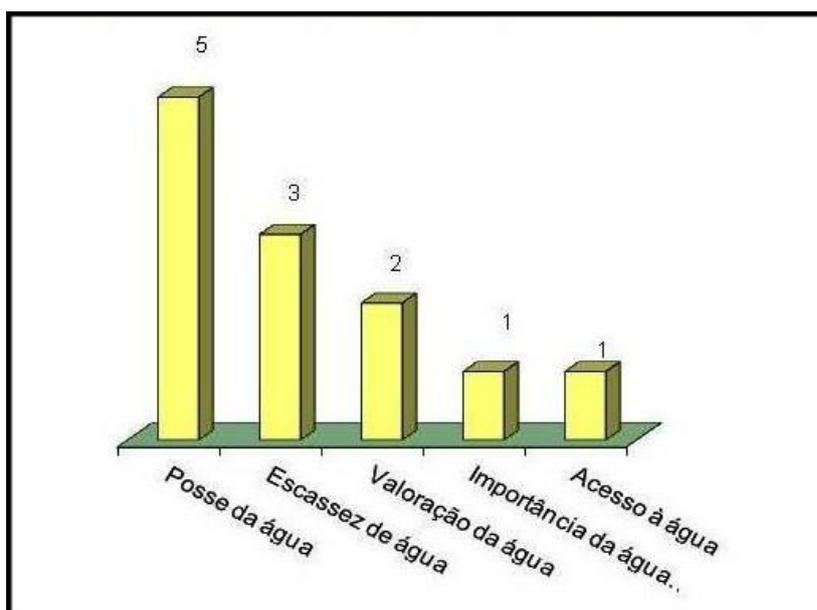


Figura 8 - Temas centrais do filme Conflito das Águas
Fonte: elaboração própria

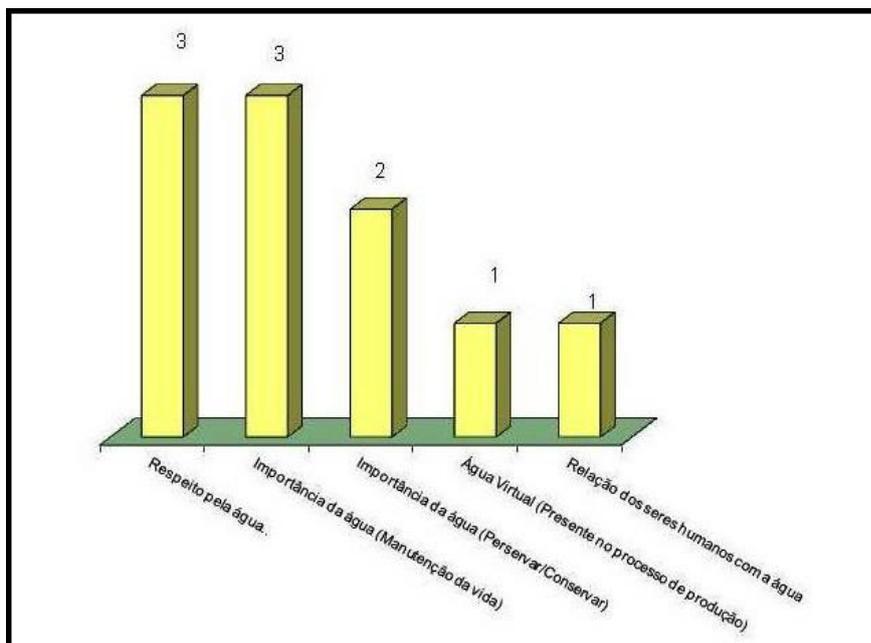


Figura 9 - Temas centrais do filme Um Mundo Sedento

Fonte: elaboração própria

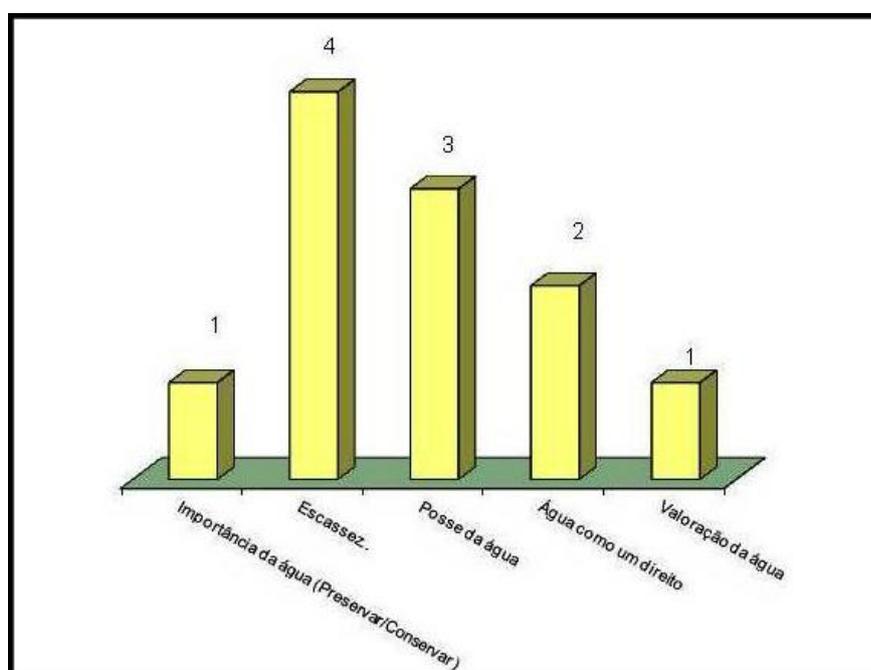


Figura 10 - Temas centrais do filme Rango

Fonte: elaboração própria

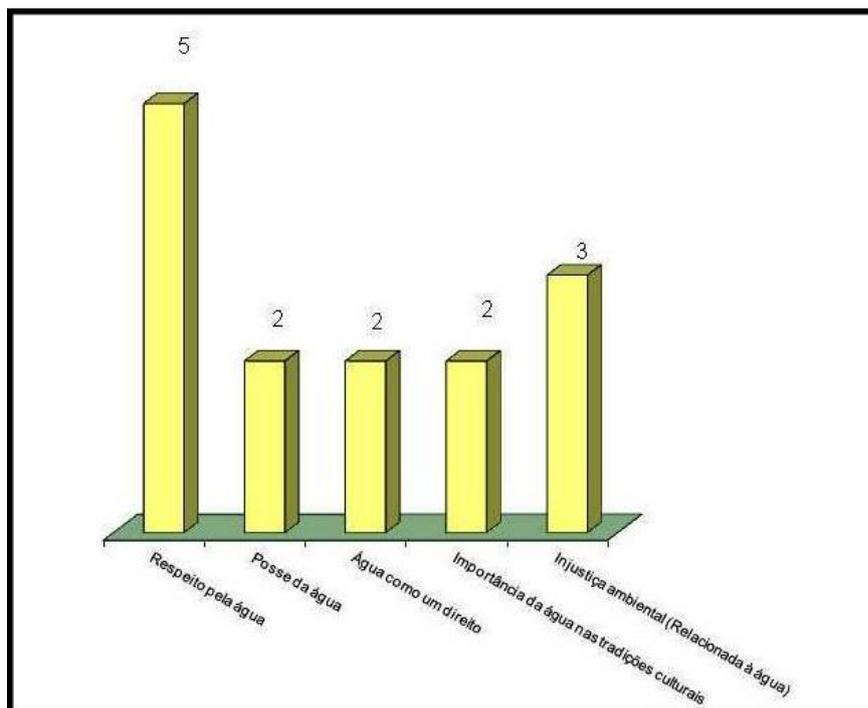


Figura 11 - Temas centrais do filme Abuela Grillo

Fonte: elaboração própria

Ao perguntar qual filme mais sensibilizou os participantes e o motivo, sendo que alguns escolheram mais de um filme, o curta-metragem de animação *Abuela Grillo*, foi o que mais chamou atenção dos participantes, (seis pessoas gostaram mais da animação), atribuíram isso, pela forma como o tema é abordado, de maneira sensível, falando da importância do respeito pela água, envolvendo tradições culturais, junto com a questão da posse da água.

“Abuela Grillo. Por traduzir com muita sensibilidade a guerra da água boliviana.” (A. J.).

“Achei esse filme muito delicado e singelo, mas ao mesmo tempo com uma narrativa muito forte. Uma opção muito boa, por ser um filme de animação e não contar com falas, e que traz uma mensagem muito importante.” (M. T. C.).

Já o filme *Conflito das Águas*, sensibilizou pelo fato de representar o sofrimento do povo perante o problema da água, e fez os participantes pensarem em como é possível mudar a forma como a água é utilizada e tratada por todos.

“Acredito que o filme que mais me impactou foi o Conflito das Águas, pela forma como mostra a luta de um povo marginalizado por aquilo que acreditam e como um único homem é capaz de sensibilizar a outros e preservar aquilo que realmente importa. Uma frase que me marcou muito no filme foi “Você não entende? Água é vida”, ou seja, o que pode ser mais importante que isso? Achei o filme bastante tocante inclusive pelo contexto histórico dos indígenas que torna ainda mais significativa a sua luta.” (M. D.).

Os que escolheram Um Mundo Sedento, citaram o fato de apresentar uma realidade dos problemas gerados pela falta de água ao redor do mundo e as imagens do filme serem impactantes, assim como a relação que cada povo tem com a água.

“O filme Um mundo sedento teve um maior impacto sobre mim, pois ele consegue mostrar em diversas regiões do mundo os problemas enfrentados devido à falta de água. Pessoas que se matam por causa de água, que ficam doentes por beber água contaminada e não ter outra opção de beber, pessoas que dependem da água para sua sobrevivência diária. O filme foi bom para lembrar do quanto a água é importante para a manutenção da vida humana no nosso planeta e de como devemos nos preocupar em utilizá-la de maneira adequada para o presente e futuro.” (E. M. C.).

A animação Rango foi citada uma vez, mas não houve justificativa.

Foi pedido para que os participantes apontassem, caso tivessem identificado, outras medidas para conservar e manter a água. Eles indicaram ações que permeiam a gestão participativa, para sanar o problema da água, priorizar o saneamento, pois muitas pessoas no mundo todo, ainda não tem acesso. A educação apareceu como uma alternativa no tocante à sensibilizar para as questões ambientais. Também leis que sejam efetivas e punições para os setores que mais utilizam a água, indústria e até no agronegócio.

“Sim, a principal delas é a gestão participativa, que é umas mais difíceis atividades de serem implantadas, porém, uma das mais

importantes. A principal medida é a inclusão da comunidade e o empoderamento da mesma, gerando a sensação de pertencimento nas pessoas. A água é um direito e um dever de todos e merece nosso respeito e cuidado de maneira compartilhada e solidária.” (M. D.).

Quando indagados sobre se os familiares e pessoas próximas mudariam as suas atitudes com a água e o desperdício após assistirem também aos filmes. Apenas um participante imagina que não, a maioria deles pensam que seus familiares e amigos mudariam sim suas atitudes após o contato com os filmes utilizado na pesquisa, principalmente no consumo da água, as pessoas pensariam mais e utilizariam de forma mais consciente, por ter mais informação sobre o assunto e por como as representações dos problemas causados pela escassez e poluição das águas foram apresentadas.

Para finalizar, foi inserida uma questão opcional, apenas para que os participantes pudessem tecer comentários sobre a pesquisa e fazer possíveis sugestões, e eles utilizaram essa questão para dizer que gostaram de participar do trabalho, cinco deles fizeram esse comentário, dentre os motivos, apontaram o formato interessante do estudo e o caráter informativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já visto, os problemas ambientais ocasionados pelo uso irresponsável do ser humano, tem gerado discussões na busca de procurar superar esses problemas, sobretudo, a questão da água. Recurso este, que passa por uma séria crise, com problemas gerados pela poluição das águas e uso imprudente que pode levar a uma escassez de água e prejudicar a existência de todas as espécies.

Nesse sentido, é preciso que o ser humano compreenda a seriedade desses problemas e se perceba como não somente parte integrante do meio natural, mas também como agente responsável por esse cenário, e desta forma, se sensibilize para pensar em soluções efetivas.

Essa percepção que o ser humano necessita ter da realidade momentânea é uma condição fundamental para o envolvimento do indivíduo em processos formativos, seja no âmbito da educação, ou na vida como um todo.

Ao trabalhar com a percepção que as pessoas possuem do ambiente natural de um determinado local, ou, como um todo, é preciso saber que muito do encontrado por meio dos

instrumentos utilizados, advém da experiência pessoal de cada um, sendo ela verdadeira, ou não, no sentido em que algo está realmente sendo mostrado como de fato é, ou se está sendo representado o conceito, a ideia que a pessoa tem do assunto.

Assim, neste estudo, os participantes que responderam aos questionários apresentaram uma percepção bem avançada sobre o problema da água na atualidade, com acesso à informação e opiniões definidas a respeito do tema e já com ações mais responsáveis na utilização da água em suas vidas.

Contudo, foi percebido que ao utilizar o cinema com intuito de sensibilizar para a temática da água, a resposta foi muito positiva, tendo os voluntários expressado esse fato ao admitirem que após participarem do estudo, e assistirem aos filmes, obtiveram maior informação sobre o tema, e se sensibilizaram com os filmes, mudando mais ainda suas percepções e relação com a água.

Os motivos para a sensibilização, são variados, os filmes despertaram nos participantes um novo olhar para a problemática, a maioria, passou a enxergar outros usos para a água, a perceber que a conexão com o recurso pode acontecer de maneira diferente, dependendo da cultura, a encarar que existe uma grande injustiça com relação à sua distribuição, que ter água em quantidade e qualidade adequadas é um direito de todos, e infelizmente, isso não acontece.

Portanto, o cinema pode ser sim, um instrumento relevante para sensibilizar os indivíduos, não necessariamente precisando ser inserido no ambiente escolar para essa finalidade, mas em qualquer lugar, seja na sala de cinema, ou mesmo em casa, os filmes com temáticas ambientais podem fazer parte das ações de cunho sensibilizador na busca por mudanças de atitudes dos seres humanos para com o meio natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA

A presente pesquisa buscou sobretudo verificar e discutir sobre a utilização do cinema como instrumento capaz de sensibilizar os indivíduos para a questão da conservação da água.

Para tanto, discorreu sobre temas como: preservacionismo, conservacionismo e as possíveis reflexões sobre as abordagens da água ao longo dos anos; a relação do cinema e da água; o cinema e a percepção e sensibilização para a conservação da água e a linguagem cinematográfica.

As questões ambientais podem ser discutidas sob óticas diferentes, tendo ao longo dos anos emergido distintas correntes de pensamento para tratar dos problemas surgidos no ambiente natural, em grande parte provocados pelos seres humanos, com o intuito de buscar soluções, como é o caso do preservacionismo e do conservacionismo.

Na pesquisa, as correntes de pensamento citadas acima foram utilizadas com o intuito de explorar as abordagens do tema água no ambientalismo, a fim de esclarecer a diferença entre cada corrente. E também mostrar que elas influenciaram outras vertentes e por conseguinte, a relação dos seres humanos com a água, pois essas correntes expuseram formas de pensar a natureza, e a água é parte fundamental do meio natural.

Esses pensamentos possibilitaram o aparecimento da perspectiva da sustentabilidade que defende a cooperação e a corresponsabilidade pela água, permitindo ao ser humano repensar sua relação com a água, nesse processo, a sensibilização se torna fundamental.

Essa sensibilização pode surgir por meio do cinema, como a pesquisa mostrou, e para chegar nos resultados, foi necessário discutir sobre o cinema ambiental e de como a questão da água foi retratada nos filmes ao longo dos anos, bem como a importância do cinema enquanto documento histórico e auxiliando no ambiente escolar.

A exposição sobre o caminho percorrido pelo cinema até chegar no que se tornou atualmente, como uma arte que não só é entretenimento, mas que também pode ser uma ferramenta para a difusão de conhecimento, possibilitando uma sensibilização para as questões ambientais, no caso da pesquisa, na questão da água.

O mecanismo que permite ao cinema essa aproximação com o público e a sensibilização para a questão da água (especificamente nessa pesquisa), é a linguagem cinematográfica. Essa linguagem pode ser melhor entendida por meio dos estudos da estética dos filmes que incluem as análises fílmicas.

Nos filmes apreciados pelos participantes foi utilizada a análise textual proposta pelo teorizador de cinema Christian Metz na grande sintagmática do filme que consiste em analisar as montagens do filme por partes. Cada segmento e como ele é elaborado traz os significados às imagens, proporcionando ao espectador as sensações de impressão da realidade e aproximação da história que ele tem no contato com o cinema.

Essa discussão acerca da linguagem do cinema e as análises dos filmes se mostraram úteis na produção do trabalho no sentido de identificar alguns dos vários motivos que podem ser estudados quando se busca compreender o potencial do cinema na vida dos indivíduos. Essa preocupação com os usos da água e a relação dos seres humanos com o recurso e uma possível sensibilização causada pelo cinema foi abordada trazendo resultados próprios também, obtidos por meio de questionários aplicados com um grupo de voluntários antes e após assistirem aos filmes selecionados para a pesquisa.

Os filmes *Conflito das Águas* (2010), *Um Mundo Sedento* (2012), *Rango* (2011), e *Abuela Grillo* (2009), trazem a temática água retratada de diferentes formas, isso foi possível porque cada um possui sua linguagem própria.

Também foi contextualizado a percepção e sensibilização ambiental, para poder expor os dados obtidos, pois a percepção que o ser humano possui da sua realidade é imprescindível para o envolvimento dele nos processos formativos durante a vida, e é uma das etapas do processo de compreensão e também sensibilização para as questões ambientais.

A pesquisa apresentou resultados positivos no tocante ao emprego do cinema como instrumento de sensibilização para a conservação da água. Os filmes despertaram nos participantes um novo olhar sobre a água, suas possibilidades e a emergência do ser humano em mudar sua relação com o recurso foram aspectos ressaltados, assim como, uma diferente forma de pensar sobre a água, principalmente no recurso como direito de todos, e por isso, um bem que todos precisam cuidar para que a vida na terra seja mantida.

Obviamente as abordagens do trabalho expuseram apenas algumas discussões que podem ser feitas sobre o cinema e a sensibilização para a conservação da água, os filmes escolhidos também servem como exemplo, mas há muitas possibilidades de títulos e pontos de vista a serem explorados.

O que realmente é significativo ressaltar, é que o cinema pode ser eficaz na sensibilização dos sujeitos, mesmo não estando inserido em um ambiente escolar, isso porque as sensações são provocadas devido à linguagem cinematográfica e não diz respeito ao ambiente em que o filme é assistido.

Contudo, é preciso lembrar que mais estudos nesse sentido devem ser realizados e que os resultados podem variar porque dependem de muitos fatores, como por exemplo, o contexto em que os participantes estão inseridos, afinal de contas, o cinema tem sua linguagem própria, mas os seres humanos também possuem suas particularidades, e as transformações só acontecem de acordo com suas experiências de vida e necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, F.J. P. Ética, cidadania e educação ambiental. In: Andrade, M.O. (org.). **Meio ambiente e desenvolvimento**: bases para uma formação interdisciplinar. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. Disponível em: <<https://86ea0f6f-a-62cb3a1a-sites.googlegroups.com>>. Acesso em: 10 maio 2017.

AGUIAR, S.; CERQUEIRA, J. F. B. Comunicação ambiental como campo de práticas e estudos. **Comunicação e Inovação**, São Caetano do Sul, n. 24, v. 13, p. 11-20, 2012. Disponível em:<http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1474/1191>. Acesso em: 27 abr. 2015.

ANTUNES, A. M.; OLIVEIRA, M. L. ; DUTRA, M. F. Educação ambiental e novas tecnologias: o uso de vídeos em sala de aula para sensibilização da comunidade escolar. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 6, n. 10, p. 1-12, 2010. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2010b/educacao.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ARAUJO, S. F. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 9-14, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100002>. Acesso em: 20 abr. 2017.

AVZARADEL, P. C. S. Ética e Educação Ambiental: um diálogo necessário. **Revista de Direito da cidade**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.65-85, 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/9724/7623>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

BACCI, D. C.; PATACA, E. M. Educação para a água. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 211-226, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000200014>. Acesso em: 27 abr. 2015.

BARBOSA, M. S. S. **O papel da escola**: obstáculos e desafios para uma educação transformadora. 2004, 234 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6668/000488093.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BENJAMIN. W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas). Editora Brasiliense: São Paulo, 1987.

_____. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Traduções de Maria Luz Moita e Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.

BERGALA, A. **A hipótese-Cinema**. Tradução de Mônica Costa Netto; Silvia pimenta. Booklink; CINEADILISE-FE/ UFRJ : Rio de Janeiro, 2008.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora: Portugal, 1994.

BONISSONI, N. L. de A. **O acesso à água potável como um instrumento para o alcance da sustentabilidade**. 2015, 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica, Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALE. Itajaí, 2015. Disponível em: <PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIA JURÍDICA – PPC>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BOTELHO, D. O.; SILVA, S. S.; LEITE, E. T. Influência de diferentes perspectivas ambientais sobre a política de cobrança pelo uso da água no Brasil. **Revista Alcance - Eletrônica**, Vale do Itajaí, v. 19, n. 3, p. 295-307, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ra/article/view/2097/2388>>. Acesso em: 10 maio 2016.

BRANDÃO, S. L.; LIMA, S. C. Diagnóstico ambiental das áreas de preservação permanente (APP), margem esquerda do rio Uberabinha, em Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 7, p. 41-62, 2002. Disponível em: <[http://vampira.ourinhos.unesp.br:8080/cediap/material/diagnostico_ambintal_das_apps_mar gem_esquerda_do_rio_uberabinha,_em_uberlandia_\(mg\).pdf](http://vampira.ourinhos.unesp.br:8080/cediap/material/diagnostico_ambintal_das_apps_mar gem_esquerda_do_rio_uberabinha,_em_uberlandia_(mg).pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2015.

BRÜSEKE, F. J. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (Org.). **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. INPSO/FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, Brasil, 1994, p.15-21. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/dipes-fundaj/uploads/20121129023744/cavalcanti1.pdf#page=15>>. Acesso em: 20 set. 2017.

BUTZKE, I.C. et al. Sugestão de indicadores para avaliação do desempenho das atividades educativas do sistema de gestão ambiental – SGA da Universidade Regional de Blumenau – FURB. **Revista Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16, p. 1-13, 2001. Disponível em: < http://www.epea.tmp.br/epea2001_anais/pdfs/plenary/tr12.pdf>. Acesso em: 27 set. 2015.

CARGNIN, A. B. Luzes, câmera, reflexão: a percepção do cinema enquanto elemento fenomenológico na educação. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 3, n. 1, p. 53-60, 2015. Disponível em: <https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/BID_EaD/article/.../517>. Acesso em: 25 out. 2015.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, R. O. Walter da Silveira: entre a crítica de cinema e a análise fílmica. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 18, p. 77-90, 2014. Disponível em: http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2159/pdf_6. Acesso em: 5 abr. 2017.

CAVALCANTE, A. S. Lições de coisas e a aprendizagem em Paulo Freire: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 3, p. 1-14, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/850>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

CAVALCANTI, R. **Mitos da água**: as imagens da alma no seu caminho evolutivo. Editora Cultrix: São Paulo, 2000.

CERQUEIRA, J. F. B.; LOPES, S. A. Comunicação ambiental no cinema de animação: uma análise da representação da natureza no longa-metragem “Rio”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, 2011, Recife. **Resumos...Recife**, 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2975-1.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

CLARO, S. F. Cinema e História: uma reflexão sobre as possibilidades do cinema como fonte e como recurso didático. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 10, dez. 2012. Disponível em: < http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/132/187>. Acesso em: 10 nov. 2015.

COMPARATO, F. K. A democratização dos meios de comunicação de massa. **REVISTA USP**. São Paulo, n. 48, p. 6-17, dez./2000-fev., 2001. Disponível em: < <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/32887/35457>>. Acesso em: 20 set. 2017.

COSTA, G. C.; DIAS, R. F. O cinema como narrativa histórica: Robert A. Rosenstone e a linguagem histórica fílmica. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 7, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: < http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/RESENHA_2_RODRIGO_DIAS_GRACE_CAMPOS_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

DEREN, M. Cinema: o uso criativo da realidade. Boston, Massachusetts: Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences, 1960. Traduzido por José Gatti; Maria Cristina Mendes. **Devires**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 128-149, jan./jun. 2012. Disponível em: < <http://www.marcoareliossc.com.br/cineantropo/deren.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

DIEGUES, A. C. Água e Cultura nas populações tradicionais brasileiras. In: COSTA, W.R. (Org.). **Governança da água no Brasil**: uma visão interdisciplinar. São Paulo: Annablume; FAPESP; CNPq, 2009.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo, Editora Hucitec, 2001.

DRUMOND, N. A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 18, n. 28, p. 186-205, 2015. Disponível em: < revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/3998/3050>. Acesso em: 20 jul. 2017.

ERNST, P.; SILVEIRA, R. M. C. F.; LIMA, S. A. Educação e cinema – uma experiência de emancipação com a prática do stop motion nas aulas de Ciências. In: Simpósio Nacional de Ciência e Tecnologia, 4, 2014, Ponta Grossa. **Anais...Ponta Grossa**: UTFPR, 2014. Disponível em: <www.sinect.com.br/2014/down.php?id=3068&q=1>. Acesso em: 26 maio 2015.

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/6690/4003>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

FEITOSA, A. F. O documentário enquanto fonte histórica: possibilidades e problemáticas. IN: Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social, 27, 2013, Natal. **Anais...Natal**, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371307904_ARQUIVO_ARTIGOANPUHDocumentariocomofontehistorica2013.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FERREIRA, T. A. **Reflexões sobre o cinema ambiental**: uma abordagem multidisciplinar. 2013, 203 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/267759/1/Ferreira_ThaisArruda_M.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.

FERREIRO, M. F. Direito de propriedade e ética da Terra: o contributo de Aldo Leopold. **Revista eletrônica e-cadernos ces**, Coimbra, v. 5, p. 8-20, 2009 (a). Disponível em: <<https://eces.revues.org/260#text>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

_____. Paisagens invisíveis: a ética da terra segundo Aldo Leopold. **Revista Portuguesa de Estudos Regionais**, Lisboa, n. 20, p. 113-117, 2009 (b). Disponível em: <<http://www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER20/20.8.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

FERRO, M. O filme, uma contra-análise da sociedade?. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História**: novos objetos. Tradução de Theo Santiago; Henrique Mesquita; Terezinha Marinho (Revisão técnica de Dirceu Lindoso; Theo Santiago; Gadiel Perruci). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 201-202.

Festival Internacional de Cinema Ambiental e Direitos Humanos (ECOCINE). Disponível em: <<http://ecocine.eco.br/festival2015.html>>. Acesso em: 3 out. 2015.

Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA). Disponível em: <<http://fica.art.br/o-festival/>>. Acesso em: 3 out. 2015.

Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente de Seia (Cine'Eco). Disponível em: <<http://www.cineeco.pt/?q=apresenta%C3%A7%C3%A3o-do-festival>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

Festival Internacional de Cinema Socioambiental (Planeta.DOC). Disponível em: <<http://www.planetadoc.com/ofestival.php>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

FORTES, H. Telas líquidas: a água na produção audiovisual. **Revista Esferas**, Centro Oeste (Brasília; Goiás; Mato Grosso dos Sul), ano 1, n. 1, p. 19-25, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/3089/2157>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FOSSATTI, C. L. Cinema de animação: uma trajetória marcada por inovações. In: Encontro Nacional de História e Mídia, 7, 2009, Fortaleza. **Anais...Rio Grande do Sul**: UFRGS, 2009.

Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/CINEMA%20DE%20ANIMACaO%20Uma%20trajetoria%20marcada%20por%20inovaco es.pdf> >. Acesso em: 28 nov. 2015.

FRACALANZA, A. P.; JACOB, A. M.; EÇA, R. F. Justiça ambiental e práticas de governança da água: (re)introduzindo questões de igualdade na agenda. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 19-38, 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v16n1/a03v16n1.pdf> >. Acesso em: 18 jan. 2016.

FRANÇA, A. R. **Das teorias do cinema à análise fílmica**. 2002, 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002. Disponível em: < <http://www.andrefranca.com/andre/dissertacao.pdf> >. Acesso em: 11 jul. 2016.

FREITAS, G. P.; SOUZA, N. K. P. Cinema para quê? Sensibilização artística para a práxis social e jurídica. **Revista Universo & Extensão**, Belém, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <http://revistaeletronica.ufpa.br/index.php/universo_extensao/article/viewArticle/352>. Acesso em: 10 dez. 2015.

FRIEDRICH, N. M. Água: alimento para vida, para a alma. In: RIBEIRO, S. A. M.; CATALÃO, V.; FONTELES, B. (Org.). **Água e cooperação**: reflexões, experiências e alianças em favor da vida. Ararazul - Organização para a Paz Mundial Editora Brasília, 2014, p. 147-155. Disponível em: < [file:///F:/Dissertação%20PPGCAm%202015/Textos%20da%20Pesquisa%20\(2015%20-%202016\)/Água%20e%20Cooperação.pdf](file:///F:/Dissertação%20PPGCAm%202015/Textos%20da%20Pesquisa%20(2015%20-%202016)/Água%20e%20Cooperação.pdf) >. Acesso em: 28 out. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GLADWIN, T. N.; KENNELLY, J. J.; KRAUSE, T. S. Shifting paradigms for sustainable development: implications for management theory and research. **Academy of Management Review**, Ithaca, v. 20, n. 4, p. 874-907, 1995. Disponível em: <<https://sustainability.water.ca.gov/documents/18/3407876/shifting+paradigms+of+sustainabl e+development.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

GRISI, B. M. **Glossário de Ecologia e Ciências Ambientais**. João Pessoa, 2007. Disponível em: < [http://www.acszanzini.net/wp-content/uploads/material/cartilhas/CARTILHA%20CI%3%8ANCIAS%20AMBIENTAIS.p df](http://www.acszanzini.net/wp-content/uploads/material/cartilhas/CARTILHA%20CI%3%8ANCIAS%20AMBIENTAIS.pdf) >. Acesso em: 20 jun. 2016.

GUIDO, L. F. E.; BRUZZO, C. Apontamentos sobre o cinema ambiental: a invenção de um gênero e a educação ambiental. **Revista eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 27, p.57-68, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3249/1933>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

_____. O uso de imagens nas aulas de ciências naturais. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, p. 43-54, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2013/ciencias_artigos/imag ens_ciencias.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

HOEFFEL, J. L.; FADINI, A. A. B. Percepção ambiental. In: FERRARO JR., L. F. (Org.). **Encontros e caminhos**. Brasília: MMA, v. 2, 2007, p. 255-262.

IBGE. 2004. **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Instituto brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/vocabulario.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago., 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. Governança da Água e Aprendizagem Social no Brasil. **Sociedad Hoy**, [en línea], v. 15, p. 25-44, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=90217091003>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

JURIN, R. R.; ROUSH, D.; DANTER, J. **Environmental communication: skills and principles for natural resource managers, scientists, and engineers**. 2. Ed, New York: Springer, 2010. Disponível em: <http://s1.downloadmienphi.net/file/downloadfile8/200/1375219.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2015.

KAPLAN, R. D. The coming anarchy. **Atlantic Magazine**, Washington, February, 1994. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/ideastour/archive/kaplan.html>>. Acesso em: 20 maio 2017.

KORNIS, M. A. História e cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940/1079>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEHR, J. H.; KEELEY, J. **Water encyclopedia: oceanography; meteorology; physics and chemistry; water law; and water history, art, and culture**. New York: Wiley Interscience, 2005. Disponível em: < <http://ftp.yazd.ac.ir/FTP/E-Book/Chemistry/Inorganic%20Chemistry/%5BInorganic%20Chemistry%5D%20-%20Water%20Encyclopedia%20-%20Wiley%202005.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2015.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

LIMA, G. C. Questão Ambiental e Educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, ano 2, n. 5, p. 135-153, 1999. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n5/n5a10.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2007.

LINO, S. C. Projetando um Brasil moderno: cultura e cinema na década de 1930. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 161-178, 2007. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/95.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

LUVIELMO, M. M.; LEIVAS, R. Z. Um pedido de socorro do planeta Terra: cinema de animação e educação ambiental. **Revista eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 22, p. 487-508, jan./jul. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/2835/1611>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

MACHADO, L. M. C. P. A percepção do meio ambiente como suporte para a educação ambiental. In: POMPÊO, M. L. M. (Ed.). **Perspectivas na Limnologia no Brasil**. São Luís: Gráfica e Editora União, 1999. Disponível em: <<http://www.ib.usp.br/limnologia/Perspectivas/arquivo%20pdf/Capitulo%204.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARIE, M. A Nouvelle Vague. Universidade de Paris III/França. Traduzido por Luiz Guilherme Rangel dos Santos. **Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 30, n. 19, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65573/68186>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

_____. Cinema e linguagem. In: **A estética do filme**. AUMONT, J. *et al.* Tradução de Marina Appenzeller p. 157-218. São Paulo: Papirus, 1995.

MARIN, A. A.; OLIVEIRA, H. T.; COMAR, V. A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção. **Interciência**, Caracas, v. 28, n. 10, p. 616-619, out. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442003001000012&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MARIN, A. A. A Educação Ambiental nos caminhos da sensibilidade estética. **Inter-Ação**, Goiás, v. 31, n. 2, p. 277-290, jul./dez. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1260/1290>>. Acesso em: 10 maio 2017.

_____. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30047/31934>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

MARQUES, D. B. G. A influência do preservacionismo americano sobre as comunidades tradicionais no Brasil. **Revista Amazônia em Foco**, Castanhal, n. 3, p. 43-60, 2014. Disponível em: <<http://revista.fcat.edu.br/index.php/path/article/view/146/83>>. Acesso em: 11 maio 2016.

MARTINS, S. R. V. O humano digitalizado: o uso da tecnologia para representar a sociedade no cinema. **Temática**, Paraíba, ano 12, n. 3, p. 95-110, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/28219/15129>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

MENEGHETTI, R. C. G. O Realismo e o Idealismo: focalizando o conhecimento matemático. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul**: 3º encontro. Campinas: AFHIC, 2004, p. 371-377. Disponível em: <<http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/40546964/50-Renata-Cristina-Meneghetti.pdf>>. Acesso em : 6 de jun. 2017.

METZ, C. A grande sintagmática. In: **Análise estrutural da narrativa**. BARTHES; R. *et al.* Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 210-217.

_____. **A significação do cinema**. Perspectiva: São Paulo, 1972.

_____. Os sistemas textuais. In: **Linguagem e Cinema**. Tradução Marilda Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1980, p.109-144.

MINAYO, M. C. S.(org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, O. C.; GARCIA, P. C. A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria. In: Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 3, 2012. **Resumos...**Bahia: UFRB, 2012. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v, 2, jan./abr., 1995, p. 27-35. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

MOREIRA, L. C.; PIMENTA, F. J. A iniciação à arte do cinema como agente transformador na formação do aluno. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2013, Bauru. **Anais: SP, 2013**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1663-2.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MORIN, E. **O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia**. Moraes: Lisboa – Portugal, 1970.

_____, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2003.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental. Disponível em: <<http://www.ecofalante.org.br/mostra/empresa/>>. Acesso em: 3 out. 2015.

MUÑOZ, L. A cooperação pela água como caminho para a paz. In: RIBEIRO, S. A. M.; CATALÃO, V.; FONTELES, B. (Org.). **Água e cooperação: reflexões, experiências e alianças em favor da vida**. Ararazul - Organização para a Paz Mundial Editora Brasília, 2014, p. 31-39. Disponível em: <[file:///F:/Dissertação%20PPGCAM%202015/Textos%20da%20Pesquisa%20\(2015%20-%202016\)/Água%20e%20Cooperação.pdf](file:///F:/Dissertação%20PPGCAM%202015/Textos%20da%20Pesquisa%20(2015%20-%202016)/Água%20e%20Cooperação.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2015.

ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). Declaração Universal dos Direitos da Água, 1992. Disponível em: < <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-universal-dos-direitos-da-agua.html>> . Acesso em: 9 abr. 2017.

NOVA, C. O cinema e o conhecimento da História. **Revista Olho da História**, Bahia, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

OLIVEIRA, B. J. Cinema e imaginário científico. **História, Ciência e Saúde**, Manguinhos, v.13, p. 133-150, jan./out. 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/08.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

OLIVEIRA, R; COLOMBO, A. A. Cinema e Linguagem: as transformações perceptivas e cognitivas. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.10, n.16, p.13-34, 2014. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13648/14588>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

OLIVEIRA, F. R. O recurso fílmico como fonte historiográfica: um estudo do filme como documento para uma contra-análise da sociedade. In: Congresso Internacional de História, 5, 2009, Maringá. **Anais...** Maringa: UEM, 2009. Disponível em: < <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/360.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

OLIVEIRA, L. Percepção Ambiental. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v.6, n. 2, p. 56-72, jul./dez, 2012. Disponível em: < <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/135/68>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ORSI, R. A. Espaço e Tempo da (In) justiça Ambiental. **Geografia (AGETEO)**, Rio Claro, v. 34, n. 1, p. 33-44, 2009. Disponível em: < <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/3157>>. Acesso em: 20 out. 2015.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: Congresso SOPCOM, 6, 2009, Lisboa. **Anais...**Lisboa: ULHT, 2009. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

PENNA, T. O Cinema e a Percepção Sensível. **Cadernos Walter Benjamin**, Ceará, v. 2, p. 35-53, jan./jun. 2009. Disponível em: < <http://gewebe.com.br/pdf/cinema.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PESSOA JR, O. O Dogmatismo Científico de Tradição Materialista. In: SILVA, C. C. (Org.). **Estudos de História e Filosofia das Ciências**: subsídios para aplicação no ensino. Livraria da Física: São Paulo, 2006, p. 41-57. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Oswaldo_Pessoa_Jr/publication/264888829_O_Dogmatismo_Cientifico_de_Tradicao_Materialista/links/5478f5ef0cf2a961e4878041/O-Dogmatismo-Cientifico-de-Tradicao-Materialista.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2017.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2016.

RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I.M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006. p.76-97.

RÉVILLION, A. S. P. A Utilização de Pesquisas Exploratórias na Área de Marketing. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 21-37, 2003. Disponível em: <http://www.ojs.uem.br/ojs/index.php/rimar/article/download/26692/14330>. Acesso em: 24 maio 2017.

REZENDE, L. A. **A Crise hídrica e o Direito Brasileiro: problemas de governança na Política Nacional de Recursos Hídricos**. 2016, 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Departamento de Direito, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9109/1/21014602.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2017

RIBEIRO, S. A. M. A transdisciplinaridade como caminho para a cooperação para a água. In: RIBEIRO, S. A. M.; CATALÃO, V.; FONTELES, B. (Org.). **Água e cooperação: reflexões, experiências e alianças em favor da vida**. Ararazul - Organização para a Paz Mundial Editora Brasília, 2014, p. 55-64. Disponível em: [file:///F:/Dissertação%20PPGCAM%202015/Textos%20da%20Pesquisa%20\(2015%20-%202016\)/Água%20e%20Cooperação.pdf](file:///F:/Dissertação%20PPGCAM%202015/Textos%20da%20Pesquisa%20(2015%20-%202016)/Água%20e%20Cooperação.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2015.

RIBEIRO, S. A. M. **Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na mudança do paradigma instrumental do uso da água**. 2012, 179 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11427/1/2012_SergioAugustodeMendon%C3%A7aRibeiro.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2017.

RICHARDSON, R. (coord.) et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTOS, S. J. Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 3, 2006, Brasília. **Anais...**, 2006. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/GT8.html>. Acesso em: 24 mar. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística geral. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1999.

SERRA, G. M. D.; ARROIO, A. O meio ambiente retratado em filme: uma análise comparativa entre ficção e documentário. In: Encontro Nacional de Ensino de Química, 14, 2008, Curitiba. **Resumos...**Paraná: UFPR, 2008. Disponível em: <http://bohr.quimica.ufpr.br/eduquim/eneq2008/resumos/R0385-1.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

SILVA, O. A. Planejamento territorial e gestão de recursos hídricos: a água enquanto ativo ecosocial. **Revista Recursos Hídricos**, Portugal, v. 36, n. 2, p. 57-64, 2015. Disponível em: http://www.aprh.pt/rh/pdf/rh36_n2-5.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SINTAGMA. Dicionário online Michaelis, 20 de julho de 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sintagma>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; FERRARO JUNIOR, L. A. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a10v31n2.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

SOUZA, M. C. C. Educação Ambiental e as trilhas: contexto para a sensibilização ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 239-253, 2014. Disponível em: <http://www.sbectur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/view/2644/2919>. Acesso em: 20 set. 2015.

TAVARES, E. A história de La Abuela Grillo, uma história contada milenarmente pelo povo Ayoreo, da Bolívia. Artigo publicado no Blog Outros Olhares em 29 de outubro de 2010. Disponível em: < <http://outrosolharessobre.blogspot.com.br/2010/10/historia-de-la-abuela-grillo-uma.html>>. Acesso em 20 jul. 2017.

TUNDISI, J. G. **Água no século XXI: enfrentando a escassez**. São Carlos: RiMa, IIE, 2003.

_____, J. G. **Recursos hídricos no futuro: problemas e soluções**. Estudos Avançados 22 (63), 2008. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n63/v22n63a02.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

VANOYE, F.; GOLIOT-LETE, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller (Revisão técnica Nuno Cesar P. de Abreu). Campinas : Papirus, 1994.

VARGAS, H. C. População e meio ambiente na entrada do terceiro milênio: em busca de uma nova ética. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais. População, Globalização e Exclusão, 1998, Caxambú. **Anais...**São Paulo: ABEP, 1998. Disponível em: <<http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/08/1998-POPULA%20E-MEIO-AMBIENTE-NA-ENTRADA-DO-TERCEIRO-MIL%20ANIO.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2016.

VIANA, M. C.V.; ROSA, M.; OREY, D. C. O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: um resgate à diversidade cultural. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p.137-144, jan./jun. 2014. Disponível em: < http://www.cead.ufop.br/images/NOTICIAS_2014/12-03-14_Em-Revista%20Cinema.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

VIEIRA, F. Z.; ROSSO, A. J. O cinema como componente didático da educação ambiental. **Revista Diálogo em Educação**. Curitiba, v. 11, n. 33, p. 547-572, 2011. Disponível em: < <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=5067&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 20 maio 2015.

WELLE, J. **Documentário e meio ambiente no Brasil: uma proposta de leitura ecologizante**. 2015, 151 p. Dissertação (Mestrado em Multimeios), Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015. Disponível em: < http://www.doc.ubi.pt/18/tese_11.pdf>. Acesso em : 5 set. 2016.

WORTER, D. John Muir e a paixão moderna pela natureza. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 12, n. 13, p. 84-96, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/209/9917>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

WÜRDIG, J. F.F.; FIALHO, D. M.; MENDES, C. A. B. A proteção ambiental das águas doces como um componente importante da paisagem. IN: Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq, 11, 2015, Porto Alegre. **Resumos...**Porto Alegre: UNIRITTER, 2015. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/929/1073.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2016.

WURMAN, Richard Saul. **Como transformar informação em compreensão**. São Paulo: Cultura: Editores Associados, 1991.

XAVIER, I. O cinema moderno segundo Pasolini. **Revista Italianística**, São Paulo, n. 1, ano 1, p. 101–109, 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/87787/90713>>. Acesso em : 2 maio 2017.

REFERÊNCIAS DE FILMES

Abuela Grillo (Bolívia, 2009). Direção: Denis Chapon. Gênero: animação. Duração: 12 minutos. Classificação: livre.

Artifício das Águas (Estados Unidos, 1953). Direção: Kenneth Anger. Título original: Eaux d'Artifice. Gênero: drama. Duração: 12 minutos. Classificação: --.

Calango Lengo - Morte e Vida sem ver Água (Brasil, 2008). Direção: Fernando Miller. Gênero: animação. Duração: 10 minutos. Classificação: livre.

Conflito das Águas (Espanha, 2010). Direção: Icíar Bollaín. Título original: También la lluvia. Gênero: filme de ficção/drama. Duração: 103 minutos. Classificação: 12 anos.

Entre Rios (Brasil, 2009), Direção e realização: Caio Silva Ferraz; Luana de Abreu; Joana Scarpelini. Gênero: documentário. Duração: 25 minutos. Classificação: livre.

Limite (Brasil, 1930). Direção: Mário Peixoto. Gênero: drama. Duração: 120 minutos. Classificação: --.

Rango (Estados Unidos, 2011). Direção: Gore Verbinski. Título original: Rango. Gênero: animação/aventura. Duração: 107 minutos. Classificação: 10 anos.

Saneamento Básico – O Filme (Brasil, 2007). Direção: Jorge Furtado. Gênero: filme de ficção/comédia. Duração: 112 minutos. Classificação: 12 anos.

Uma História da Água (França, 1958). Direção: Jean-Luc Godard; François Truffaut. Título original: Une Histoire D'Eau. Gênero: romance. Duração: 18 minutos. Classificação: --.

Um Mundo Sedento (França, 2012). Direção: Thierry Piantanida; Baptiste Rouget-Luchaire; Yann Arthus-Bertrand. Título original: La Soif du Monde. Gênero: documentário. Duração: 90 minutos. Classificação: --.

Vidas Secas (Brasil, 1963). Direção: Nelson Pereira dos Santos. Gênero: drama. Duração: 100 minutos. Classificação: livre.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa O CINEMA COMO INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL PARA A CONSERVAÇÃO DA ÁGUA, sob a responsabilidade da pesquisadora Flávia Regina Maria , a qual pretende analisar a influência do cinema como meio de percepção ambiental e seu impacto sensibilizatório em determinado grupo social para a conservação da água.

A pesquisa é qualitativa e exploratória. Uma pesquisa exploratória se apóia nos princípios de que a aprendizagem se realiza melhor quando parte do conhecido; que o conhecimento sempre deve ser ampliado; e de que se o esperado são respostas racionais, então, é preciso formular perguntas também racionais. Assim, permite que a realidade seja percebida da forma que realmente é, e não como o pesquisador imagina que seja, pois nela se pode controlar os efeitos desvirtuadores da percepção na preparação da pesquisa (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

O presente estudo será constituído por três etapas na parte de aplicação, que serão: resposta do primeiro questionário (sobre a percepção inicial dos participantes a respeito da temática água e sua conservação e preservação), acesso aos filmes selecionados para apreciação e reposta do segundo questionário (percepção sobre a temática proposta após o olhar dos filmes, possível sensibilização).

Sua participação é voluntária e se dará inicialmente por meio de resposta de entrevista e/ou questionário com o intuito de saber o grau de percepção que possui sobre a importância da conservação da água, após isso feito, será lhe pedido que assista a quatro filmes de gêneros diferentes (filme de ficção, documentário, animação e curta-metragem) e por último que responda a mais uma entrevista e/ou questionário para que se possa captar se houve sensibilização ao tema após as sessões de filme.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são inexistentes, pois se trata de uma pesquisa de caráter psicológico (percepção) que não o afetará em nada. Se você aceitar participar, estará contribuindo para comprovar a efetividade do cinema ambiental na sensibilização para conservação da água, bem como contribuir para futuras pesquisas tanto

da área ambiental, quanto de cinema servindo para elucidar algumas questões sobre o cinema ambiental e a sensibilização, e também os problemas socioambientais da atualidade, promovendo possíveis mudanças de atitudes por meio da informação.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço eletrônico flavia.maria@ymail.com e pelo telefone (16) 99792-5755 e/ou (16) 3242-9161 ,ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFSCar, Rodovia Washington Luis s/n, Km 235 – São Carlos/SP, prédio da Reitoria (área sul), telefone (16) 3351-8028.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data:

Assinatura do participante



Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS PRELIMINAR E CONCLUSIVO

Questionário Preliminar (Percepção sobre a água)

- 1) Qual o significado da água para você?
- 2) Para que serve a água? Quais são os usos que você faz da água em sua vida cotidiana?
- 3) Para você, qual a importância da conservação da água? Por que precisamos conservar água?
- 4) Qual o grau de conhecimento que você tem sobre a água?

Nada

Pouco

Razoável

Muito

- 5) De que maneira você contribui para a conservação da água?
- 6) Quais medidas poderiam ser adotadas para melhorar a conservação da água?
- 7) Você percebe entre as pessoas do seu convívio (familiares/colegas de trabalho ou de estudos, entre outros) uma preocupação sobre a questão da água e seu uso? Que atitudes você observa nas pessoas de seu convívio que não são adequadas para conservação da água? E quais atitudes são adequadas?
- 8) De forma geral, você acha que tem havido mudanças de atitudes com relação à conservação da água? Caso a resposta seja afirmativa, cite algumas.

Questionário Conclusivo (Cinema e Sensibilização)

1) Indique nas alternativas a seguir, o quanto você gostou de cada filme:

Conflito das Águas	Um Mundo Sedento	Rango	Abuela Grillo
Nada	Nada	Nada	Nada
Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
Razoável	Razoável	Razoável	Razoável
Muito	Muito	Muito	Muito

2) Após assistir aos filmes, houve mudança no SIGNIFICADO da água para você? Se sim, quais?

3) Após assistir aos filmes, você conseguiu perceber outros usos para a água em sua vida cotidiana? Se sim, quais?

4) Conseguiu identificar outros motivos pelos quais precisamos conservar água? Se sim, quais?

5) Houve mudança no GRAU DE CONHECIMENTO sobre a água?

Nada
Pouco
Razoável
Muito

6) Após participar desta pesquisa você consegue enxergar se as mudanças de suas atitudes com relação à conservação da água têm sido melhores? Se sim, quais foram as mudanças observadas?

7) Qual o GRAU DE CONTRIBUIÇÃO dos filmes sobre a sua percepção para a conservação da água?

Nada
Pouco
Razoável
Muito

8) Qual a mensagem principal de cada filme ? O que trouxe de conhecimentos novos?
Responda sobre cada filme abaixo do seu título

Conflito das Águas	Um Mundo Sedento	Rango	Abuela Grillo
---------------------------	-------------------------	--------------	----------------------



9) Quais filmes MAIS te sensibilizou ou impactou? Por que?

10) Consegue pontuar outras medidas que poderiam ser adotadas para melhorar a conservação da água após sua participação nesta pesquisa?

11) Se as pessoas de seu convívio assistissem a esses filmes, você acha que elas mudariam suas atitudes e preocupação com o uso da água? Se sim, quais? Por que?

12) Se quiser fazer algum comentário e discorrer sobre a sua participação na pesquisa, fique a vontade (questão opcional)

APÊNDICE C – LISTA DE FILMES COM A TEMÁTICA ÁGUA

Lista de Filmes com a Temática Água

Filmes:

Conflito das Águas

Direção: Icíar Bollaín. Título original: También la lluvia/ Even the Rain. Gênero: filme de ficção/drama. Duração: 103 minutos. Ano: 2010. País: Espanha. Classificação: 12 anos.

Chinatown

Direção: Roman Polanski. Título original: Chinatown. Gênero: filme/thriller. Duração: 130 minutos. Ano: 1974. País: Estados Unidos. Classificação: 12 anos.

Erin Brockovich – Uma Mulher de Talento

Direção: Steven Soderbergh. Título original: Erin Brockovich. Gênero: drama. Duração: 131 minutos. Ano: 2000. País: Estados Unidos. Classificação: 14 anos.

Mad Max – Além da Cúpula do Trovão

Direção: George Miller e George Ogilvie. Título original: Mad Max Beyond Thunderdome. Gênero: ficção científica/ação. Duração: 107 minutos. Ano: 1985. País: Austrália. Classificação: 14 anos.

Mad Max – Estrada da Fúria

Direção: George Miller. Título original: Mad Max: Fury Road. Gênero: ficção/ação/aventura. Duração: 120 minutos. Ano: 2015. País: Austrália e Estados Unidos. Classificação: 16 anos.

O Livro de Eli

Direção: Albert Hughes e Allen Hughes. Título original: The book of Eli. Gênero: ficção científica/ação. Duração: 117 minutos. Ano: 2010. País: Estados Unidos. Classificação: 16 anos.

Os Mais Jovens

Direção: Jake Paltrow. Título original: Young Ones. Gênero: ficção científica/drama. Duração: 90 minutos. Ano: 2014 País: Estados Unidos. Produção: Classificação: --.

007-Quantum of Solace

Direção: Marc Forster. Título original: Quantum of Solace. Gênero: ação/thriller. Duração: 106 minutos. Ano: 2008. País: Reino Unido/Irlanda do Norte. Classificação: --.

Saneamento Básico – O Filme

Direção: Jorge Furtado. Gênero: filme de ficção/comédia. Duração: 112 minutos. Ano: 2007. País: Brasil. Classificação: 12 anos.

Tank Girl – Detonando o Futuro

Direção: Rachel Talalay. Título original: Tank girl. Gênero: ficção científica/ação/comédia. Duração: 104 minutos. Ano: 1995. País: Estados Unidos. Classificação: 16 anos.

Uma História da Água

Direção: Jean-Luc Godard e François Truffaut. Título original: Une Histoire D'Eau. Gênero: romance. Duração: 18 minutos. Ano: 1958. País: França. Classificação: --.

Vidas Secas

Direção: Nelson Pereira dos Santos. Gênero: drama. Duração: 100 minutos. Ano: 1963. País: Brasil. Classificação: livre.

Waterworld – O Segredo das Águas

Direção: Kevin Reynolds. Título original: Waterworld. Gênero: ficção científica/ação. Duração: 136 minutos. Ano: 1995. País: Estados Unidos. Classificação: a partir de 12 anos.

Documentários:

A Crise Global da Água

Direção: Jessica Yu. Título original: Last Call at the Oasis. Gênero: documentário. Duração: 105 minutos. Ano: 2011. País: Estados Unidos. Classificação: --.

A Lei da Água – Novo Código Florestal

Direção: André D'Élia. Gênero: documentário. Duração: 75 minutos. Ano: 2014. País: Brasil. Classificação: livre.

Entre Rios

Direção e realização: Caio Silva Ferraz, Luana de Abreu e Joana Scarpelini. Gênero: documentário. Duração: 25 minutos. Ano: 2009. País: Brasil. Classificação: livre.

Flow – Pelo Amor à Água

Direção: Irena Salina. Título original: Flow – For the Love of Water. Gênero: documentário. Duração: 83 minutos. Ano: 2008. País: Estados Unidos. Classificação: livre.

Lagoa da Cufada

Direção: Jorge Ramalho e Aurélio Faria. Título original: Cufada Lagoon. Gênero: documentário. Duração: 16 minutos. Ano: 1996. País: Portugal. Classificação: livre.

LO

Direção: Rémi Briand. Gênero: documentário. Duração: 26 minutos. Ano: 2014. País: França. Classificação: --.

Marcas da Água

Direção: Jennifer Baichwal e Edward Burtynsky. Título original: Watermark. Gênero: documentário. Duração: 90 minutos. Ano: 2013. País: Canadá. Classificação: livre.

Nas Águas do Piracicaba

Direção e produção: Profª Laura Alves Martinari. Esalq/USP. Gênero: documentário. Duração: 54 minutos. Ano: 2012. País: Brasil. Classificação: livre.

Ouro Azul: Guerra Mundial da Água

Direção: Sam Bozzo. Título original: Blue Glod: World Water Wars. Gênero: documentário. Duração: 90 minutos. Ano: 2008. País: Canadá. Classificação: --.

O Último Oceano

Direção: Peter Young. Título original: The Last Ocean. Gênero: documentário. Duração: 88 minutos. Ano: 2012. País: NovaZelândia. Classificação: --.

Planeta Água

Direção: Yann Arthus-Bertrand e Michael Pitiot. Título original: Planet Ocean. Gênero: documentário. Duração: 93 minutos. Ano: 2012. País: França. Classificação: livre.

Quem Controla a Água?

Direção: Leslie Franke e Herdolor Lorenz. Título original: Water Makes Money. Gênero: documentário. Duração: 82 minutos. Ano: 2010. País: França /Alemanha. Classificação: livre.

Tapped

Direção: Jason Lindsey e Stephanie Soechtig. Título original: Tapped. Gênero: documentário. Duração: 76 minutos. Ano: 2009. País: Estados Unidos. Classificação: --.

Um Mundo Sedento

Direção: Thierry Piantanida; Baptiste Rouget-Luchaire; Yann Arthus-Bertrand. Título original: La Soif du Monde. Gênero: documentário. Duração: 90 minutos. Ano: 2012. País: França. Classificação: --.

Animação:

Abuela Grillo

Direção: Denis Chapon. Gênero: animação. Duração: 12 minutos. Ano: 2009. País: Bolívia. Classificação: livre.

A Ria, a Água, o Homem

Direção: Manuel Matos Barbosa. Gênero: animação. Duração: 5 minutos. Ano: 2010. País: Portugal. Classificação: --.

A Rebelião das Águas

Direção: Agê e Reinaldo Canto. Gênero: animação. Duração: 3 minutos. Ano: 2012. País: Brasil. Classificação: livre.

Calango Lengua - Morte e Vida sem ver Água

Direção: Fernando Miller. Gênero: animação. Duração: 10 minutos. Ano: 2008. País: Brasil. Classificação: livre.

Chaves em Desenho Animado – Falta de Água

Direção: Roberto Gómez Fernández. Título original: El Chavo Animado – Falta de Agua. Gênero: animação. Duração: 20 minutos. Ano: 2006. País: México. Classificação: livre.

Gotinha Por Favor

Direção: Beatriz Herrera. Título original: Gotita por favor. Gênero: animação. Duração: 5 minutos. Ano: 2013. País: México. Classificação: livre.

Kauan e a Lenda das Águas

Direção: Luiz Felipe H. A. Moura. Gênero: animação. Duração: 11 minutos. Ano: 2012. País: Brasil. Classificação: livre.

Natureza sabe tudo: Água, o Ciclo Interminável

Direção: Phil Kimmelman. Título original: Nature Knows Best: Water, the never ending cycle. Gênero: animação. Duração: 50 minutos. Ano: 1995. País: Alemanha. Classificação: livre.

Natureza sabe tudo: Os Oceanos

Direção: Dietmar Kremer. Título original: Nature Knows Best: The Oceans. Gênero: animação. Duração: 25 minutos. Ano: 1995. País: Alemanha. Classificação: livre.

O Velho Santiago e o Mar

Direção: Julien Seze. Título original: The Old Santiago and the Sea. Gênero: animação. Duração: 2 minutos. Ano: 2012. País: França. Classificação: livre.

Procurando Nemo

Direção: Andrew Stanton e Lee Unkrich. Título original: Finding Nemo. Gênero: animação/aventura. Duração: 102 minutos. Ano: 2003. País: Estados Unidos. Classificação: livre.

Rango

Direção: Gore Verbinski. Título original: Rango. Gênero: animação/aventura. Duração: 107 minutos. Ano: 2011. País: Estados Unidos. Classificação: 10 anos.

Uma História de Amor e Fúria

Direção: Luiz Bolognesi. Gênero: animação. Duração: 74 minutos. Ano: 2012. País: Brasil. Classificação: 12 anos.

Xixi no Banho - Campanha SOS Mata Atlântica

Direção: Fernando Sanches. Gênero: animação. Duração: 50 segundos. Ano: 2009. País: Brasil. Classificação: livre.